

TCC/UNICAMP
Si38p
1788 FEF/418



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM ESTUDO DA INTERDEPENDÊNCIA
ENTRE A INICIAÇÃO ESPORTIVA E O ESPORTE PROFISSIONAL, O
CASO DO BASQUETEBOL FEMININO DE CAMPINAS.

Por: Ylane Pinheiro Gonçalves da Silva

Campinas

2004



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM ESTUDO DA INTERDEPENDÊNCIA
ENTRE A INICIAÇÃO ESPORTIVA E O ESPORTE PROFISSIONAL, O
CASO DO BASQUETEBOL FEMININO DE CAMPINAS.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Monografia apresentada como requisito para a aprovação do curso de licenciatura em educação Física da universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do professor Roberto Rodrigues Paes.

Por: Ylane Pinheiro Gonçalves da Silva

Campinas

2004

TERMO DE APROVAÇÃO

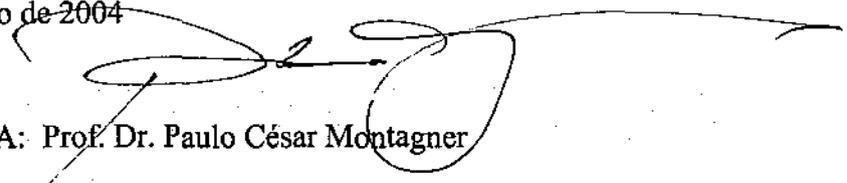
PEDAGOGIA DO ESPORTE: UM ESTUDO DA INTERDEPENDÊNCIA ENTRE A
INICIAÇÃO ESPORTIVA E O ESPORTE PROFISSIONAL, O CASO DO
BASQUETEBOL FEMININO DE CAMPINAS.

Monografia apresentada como requisito para a aprovação do curso de licenciatura em
educação Física da universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do professor Roberto
Rodrigues Paes.

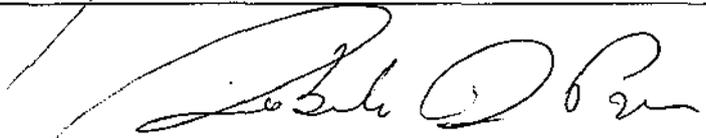
DATA DE APROVAÇÃO:

Campinas, 15 de Dezembro de 2004

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Paulo César Montagner



ORIENTADOR: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes



AGRADECIMENTOS:

Ao orientador que cumpriu muito mais do que o sentido puro desta função, querido Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes;

Aos guias e colaboradores Prof. Dr. Paulo César Montagner e Prof. Ms. Hermes Balbino;

Aos colaboradores da Rede Anhanguera de Comunicação;

À Marcelo Sávio, Ângelo Diniz, Paulo Bassul e Mila Soto Maior;

Às minhas queridas amigas sem as quais esse trabalho jamais seria concluído, Malu, Vanysbaby e Tati;

Aos amigos irmãos Clau, Raquinha, Silvia, Isa, Valéria, Giu, Danilo, Mari B., Mari Tessália, Maitê;

Aos amigos da FEF;

Aos tios e primos do Rancho dos netos, à Silvana e Henrique pela torcida;

Aos amigos e professores nas horas vagas Rodrigo De Marco e Fabinho;

Ao meu namorado Rodolfo Gazzetta, por tudo;

À meus pais, irmãs, vós e tios, família querida.

RESUMO

Observa-se atualmente um momento de transição nas equipes brasileiras de basquetebol profissional. No último campeonato mundial, a seleção masculina obteve o oitavo lugar enquanto a feminina ficou com um modesto sétimo lugar. Esta, contudo, não pode ser considerada realidade constante do basquetebol profissional brasileiro. Paula e Hortência, Marcel e Oscar, entre outros, são atletas que podem ser citados como referência de participantes em momentos nos quais a realidade era diferente. Atualmente porém, não existem mais ídolos. É essa a principal questão que norteia o presente estudo, que tem o intuito de investigar as relações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional, apoiando-se no caso do basquetebol feminino da cidade de Campinas. A linha de argumentação desse trabalho foi desenvolvida da seguinte maneira: Num primeiro momento, foi elaborado um referencial teórico sobre o assunto (iniciação esportiva - esporte profissional) através de pesquisa em livros, teses e dissertações. Num segundo momento, foram coletados documentos representativos de momentos em que ídolos eram presentes no basquetebol feminino brasileiro. Em seguida foram coletados dados sobre o basquetebol feminino buscando diagnosticar os agentes e fatores que têm ou tiveram influência no caso. Posteriormente foram analisados os resultados encontrados e confrontados os dados a fim de demonstrar as inter-relações existentes entre a iniciação esportiva e o basquetebol profissional.

ABSTRACT

Brazilian basketball teams are facing something we can call a transition phase now a days. In the last World Championship Brazilian men's team got an 8th place, while the women's team got only a 7th place. The reality we notice right now can not be considered as something we have had for a long time in Brazilian basketball. Paula, Hortência, Marcel and Oscar are some athletes we can name as references for moments in which we had a different reality. Now a days we have no more idols and this is the first question that called our attention. This paper intends to investigate the relationships established between Professional Sports and Initiation in Sports, having Campinas' basketball as an example. This paper was developed in three distinct moments. In the first one we searched for academic references, which resulted in a little text about the issue. After that, found documents from the period in which there were women's basketball teams in Campinas. Later we looked for information about the existence of women's basketball teams in Campinas, trying to demonstrate the reality that has been built lately. Finally, the results we found were analyzed to make the relationships between Professional Sports and Initiation in Sports clear.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Introdução ao problema.....	7
1.2 Objetivos	12
1.3 Justificativa	13
1.4 Referencial Teórico.....	16
2. MATERIAL E MÉTODOS.....	34
2.1 Análise dos Resultados - pesquisa documental em jornal	36
3. DISCUSSÃO DA PESQUISA	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
6. ANEXOS.....	65
6.1 Anexo 1: Tabelas sobre dados colhidos na FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASQUETEBOL.....	65
6.2 Anexo 2 - Instrumento de pesquisa formulado para a entrevista semi-estruturada.	69
6.3 Anexo 3 : Transcrição das entrevistas semi-estruturadas na íntegra - realizadas na pesquisa de campo:	70
6.4 Reportagens.....	86

1. INTRODUÇÃO

1.1 Introdução ao problema

Com a evolução do fenômeno social esporte, torna-se evidente o fato de que este merece atenção especial devido à importância que vem adquirindo no cenário brasileiro, bem como no cenário internacional. O futebol no Brasil pode ser considerado exemplo deste fato e representa unanimidade no que diz respeito ao esporte. É conhecido por todos, amado por muitos, e praticado em larga escala. Há inúmeras instituições que oferecem a prática do futebol, sendo procuradas com alta frequência. Um fator responsável pela motivação dos praticantes é que o Brasil é o único país pentacampeão mundial e, como tal, exportador de considerável número de atletas para equipes de repercussão mundial. Alguns jogadores brasileiros são supervalorizados e bem remunerados no Brasil e no restante do mundo e uma consequência importante dessa supervalorização é o fato de que, não só os campeonatos brasileiros, como também de outros países, são veiculados por todos os meios de comunicação brasileiros. O futebol é também a única modalidade esportiva que tem veiculados, em âmbito nacional, campeonatos de equipes preparatórias, sendo a Taça São Paulo de Futebol Júnior, um bom exemplo desse fato, desempenhando o papel de vitrine para a popularização de ídolos.

Diante de tal estrutura e pelo aspecto cultural que envolve a modalidade, o futebol tem garantidos seu crescimento como modalidade esportiva e a manutenção de sua preferência em âmbito nacional. Entretanto, o mesmo não se observa com outras modalidades. O basquetebol brasileiro é um exemplo deste fato. Atualmente esta modalidade passa por um período de transição, pois não se vêem ídolos se popularizando frequentemente, e os que emergiram nessa modalidade já não atuam mais. Oscar e Marcel, entre outros, marcaram um período de bons resultados no basquetebol masculino, no qual a seleção brasileira foi por três vezes campeã pan-americana, a começar em 1972, na Colômbia. A conquista em Winnipeg, no Canadá, em 1999, foi relevante, porém a considerada pelos brasileiros como mais importante ocorreu no ano de 1987, em Indianápolis, nos Estados Unidos, onde a seleção brasileira venceu inclusive a equipe norte-americana. Este fato passado nos remete a uma questão importante: Qual a probabilidade de uma equipe brasileira vencer uma norte - americana atualmente?

Esta questão se aplica ao basquetebol feminino, no qual Hortência e Paula podem ser citadas como atletas que, entre outras, marcaram um longo período de bons resultados, a começar pela conquista do campeonato pan-americano de Havana, em Cuba no ano de 1991. Os bons resultados seguiram-se ainda através da conquista do campeonato mundial em 1994, na Austrália. Em seqüência, no ano de 1996 obtiveram o vice-campeonato olímpico em Atlanta, nos Estados Unidos, e posteriormente, no ano de 2000, o terceiro lugar nas Olimpíadas de Sydney, na Austrália. Acompanhadas de Janeth e Marta Sobral e outras atletas de destaque internacional, Paula e Hortência acabaram protagonizando a disseminação nacional do basquetebol. Os meios de comunicação noticiavam as conquistas e inclusive o andamento dos campeonatos estaduais e nacionais. Nesse contexto, o estado de São Paulo freqüentemente obtinha excelentes resultados, sendo um dos destaques paulistas a cidade de Campinas. A parceria realizada entre a instituição bancária Nossa Caixa/Nosso Banco e o clube campineiro Associação Atlética Ponte Preta na década de 90 proporcionou a formação uma equipe de qualidade na cidade, equipe esta que foi responsável pela transferência das atletas Paula e Hortência para Campinas. Tal transferência, por sua vez, resultou num período no qual o basquetebol teve sua disseminação otimizada regionalmente e, posteriormente, em nível nacional, atingindo seu auge na conquista do campeonato mundial interclubes pela equipe da Nossa Caixa/ Ponte Preta, nos anos de 1993 e 1994. Nesse período, o basquetebol passou a ser praticado em larga escala em Campinas e região, em todas as categorias, uma vez que a presença de equipes profissionais estimulava as crianças à prática do basquetebol e, concomitantemente, garantia a elas o acesso a essa prática. Desta forma, emergiram nesta região algumas jogadoras que ultimamente integraram a seleção brasileira juvenil e encontraram-se novamente entre as atletas convocadas para disputar o primeiro campeonato mundial sub vinte e um anos, realizado na República Tcheca em Julho de 2003. Podemos então citar as atletas Silvia Cristina Rocha, Juliana Belinazzo e Nathália Gabrielli, que tiveram seu primeiro contato com o basquetebol na Associação Atlética Ponte Preta, em Campinas, bem como Cláudia Araújo Leite, que iniciou a prática da modalidade nas escolas de iniciação ao basquetebol da equipe da Microcamp, também na cidade de Campinas.

Naquele período havia um ambiente favorável à prática do basquetebol, por meio da qual emergiram as atletas citadas anteriormente. Atualmente, contudo, esta não é mais a

realidade encontrada em Campinas. A proposta desta pesquisa é, inicialmente, investigar a continuidade desse tipo de trabalho na cidade de Campinas, contextualizando o esporte profissional e a trajetória que leva os praticantes até ele, com especial atenção para a iniciação esportiva, como responsável pelos primeiros passos de um atleta.

Desta forma, remetendo a discussão para as possibilidades educativas do esporte, faz-se necessário considerar que estudar a influência da iniciação esportiva no esporte profissional nos remete a amplas possibilidades de ambientes a serem pesquisados. Demartini e Lang (1985, apud PAES, 1998) identificaram esses ambientes como:

Educação formal ou escolar: aquela que se realiza através de agências tecnicamente orientadas para esse fim, as "escolas".

Educação não formal: ou extra escola: corresponde a qualquer atividade educacional organizada e sistemática, fora do sistema formal de ensino, voltada para clientela mais ampla que a dos jovens, e visando fornecer tipos selecionados de conhecimentos a grupos particulares de população.

Educação informal ou difusa: corresponde ao processo de socialização que se realiza ao longo de toda a vida, em casa, no trabalho, no lazer ou por outras vias, e que não é especificamente organizada para propósitos de aprendizado.

Dessa forma, considerando estas definições e buscando determinar o campo de abrangência dessa pesquisa faz-se necessário definir a educação não formal como principal ambiente para a realização deste estudo. Pretende-se então, buscar dados sobre o basquetebol feminino nas instituições que se enquadrem nessa classificação, procurando entender este fenômeno através da quantidade de praticantes, de equipes e suas diversas categorias, bem como a metodologia através da qual se desenvolve o trabalho de iniciação esportiva. A partir dessas informações elaborar-se-á um diagnóstico que traduzirá a atual realidade da modalidade basquetebol feminino, e a relação existente entre o esporte profissional e a iniciação esportiva.

Para melhor nos situarmos no ambiente científico faz-se necessário ressaltar que inicialmente, nos basearemos nos trabalhos de Paes (1989, 1998, 2002, 2003), Kunz (1994), Bayer (1994) Garganta (1994), Graça (1995), e Daólio (2000) para que sejam

estabelecidas referências teóricas para este estudo. Paes, em entrevista ao jornal Correio Popular no dia vinte e sete de Abril de 2003, confirma sua tese de 1989, na qual relaciona a iniciação esportiva com o esporte profissional e aponta a ineficiência do modelo atual de iniciação esportiva como responsável por um fenômeno que ele chamou de especialização precoce. Segundo Paes (1989/2003) as crianças são submetidas a treinamentos e competições realizados segundo modelos semelhantes aos dos adultos.

Outro autor que se aprofunda no tema da iniciação esportiva é Daólio, que delimita seus estudos aos jogos coletivos. Daólio (2000), baseado em Kunz (1994), Bayer (1994), e nos autores portugueses Garganta (1995) e Graça (1995) entre outros, distingue duas propostas para a compreensão e atuação em relação ao esporte coletivo a serem aplicadas na iniciação esportiva. Uma delas diz-se voltada para a tática do jogo e objetiva o entendimento da lógica de funcionamento do mesmo através de seus “comos”, “quandos” e “porquês”. Preza-se, neste modelo, que as crianças entendam e descubram como resolver os problemas que surgirão durante o jogo. Segundo Paes (1989) e posteriormente Daólio (2000) os jogos pré-desportivos são instrumentos eficientes para construção desses conceitos e facilitadores dos processos de aprendizagem, pois nestes os fundamentos do jogo são aprendidos de forma lúdica, através da problematização de situações cujas soluções devem ser encontradas pelas crianças e de brincadeiras nas quais as crianças exercitem os gestos esportivos sem ter de pensar em cada segmento distinto dos mesmos.

A outra proposta foi denominada Técnico, e o eixo desta é balizado pela decomposição de tarefas visando a perfeição do gesto técnico de uma única modalidade, visando a eficiência máxima. Essa proposta é apontada por Paes (1989) e Daólio (2000) como um dos problemas da iniciação esportiva. Segundo Paes (1989), esse tipo de conduta visa uma alta e competitiva eficiência de forma prematura e pode resultar no direcionamento das crianças a uma evasão precoce. A competição realizada segundo os modelos adultos também é um fator apontado como agravante dessa provável consequência.

Observando as considerações acima citadas optamos então por estudar as relações entre o esporte profissional e a iniciação esportiva através do basquetebol feminino na cidade de Campinas, no seu âmbito atual. Campinas, conforme citado anteriormente, foi escolhida por já ter sido importante pólo de disseminação do basquetebol feminino e pela

íntima relação que temos com a modalidade nesta região. Utilizam-se aqui as considerações de Montagner (1993) para ilustrar esse trabalho. *As considerações contidas nesse estudo fornecem pistas de um possível êxito educacional no esporte competitivo. Então, a sociedade pode assumir essas possibilidades e reorganizar o esporte[...]*

O momento atual é propício para tais discussões, uma vez que se pode observar que o fenômeno esporte tem ocupado um espaço crescente na mídia, e conseqüentemente na vida da população brasileira nas suas mais diversas vertentes, que incluem sua participação nos processos educacionais, na saúde, como forma de lazer e de espetáculo. Faz-se necessário então a reorganização do esporte, o que adquire nesse caso, o significado de torná-lo próprio para prática das crianças, com objetivo de mantê-las como praticantes e agentes disseminadoras das modalidades, e para que mesmo aqueles que não se tornem atletas possam desfrutar do caráter educativo, saudável e recreativo que o esporte traz consigo. Sobre isso, Paes (1989) escreve: *Sem dúvida, o jogo deve estar presente no aprendizado, contudo deve ser acentuado nele seu caráter lúdico retornando à sua característica: ser como uma festa.*

Neste contexto entendemos que a relevância da iniciação esportiva de qualidade necessita ser conhecida por todos os profissionais da área. Há, portanto, necessidade de se rever à forma pela qual tem ocorrido o trabalho relacionado à iniciação esportiva e o que tem sido feito a esse respeito nas instituições de ensino não formal, a fim de que se possa oferecer às crianças o que atualmente elas não tem em sua totalidade: o esporte como facilitador atuante no processo educativo.

1.2 Objetivos

A questão central deste estudo é investigar as relações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional e as possíveis interferências a serem realizadas em função destas. Para tanto, os objetivos pretendidos são:

Objetivo Geral

– Diagnosticar a realidade atual da modalidade basquetebol feminino, mais especificamente no município de Campinas, já que este será utilizado como ambiente de pesquisa neste estudo através de suas instituições de educação não formal.

Objetivos específicos

Os objetivos específicos previstos na elaboração do projeto de pesquisa englobavam, entre outros, a análise de conteúdos trabalhados e a identificação de métodos utilizados na aplicação de conteúdos na iniciação esportiva. Durante o desenvolvimento da pesquisa, apesar da relação que estabelecem com o tema central do estudo, os objetivos em questão mostraram-se mais apropriados para outros âmbitos de pesquisa, ou seja, para pesquisas mais direcionadas e profundas sobre esse tema, já que associados aos outros objetivos previamente estabelecidos estes tornavam o estudo muito longo. Desta forma optou-se por discutir sobre métodos já utilizados e outros passíveis de utilização e qual é a viabilidade de cada um dos mesmos, ao invés de identificá-los e analisá-los juntamente com os conteúdos. Esses objetivos possivelmente devam ser cumpridos num estudo próximo, uma vez que não se mostraram imprescindíveis para a realização do estudo em questão.

- Investigar as causas e conseqüências da realidade atual;
- Identificar ambientes de educação não formal que propõem a iniciação esportiva na modalidade basquetebol feminino na cidade de Campinas;

1.3 Justificativa

A admiração pelo esporte profissional, como no restante do mundo, se faz presente no Brasil. Concomitantemente se faz presente a cobrança sobre os atletas e técnicos que atuam nesse contexto. Verifica-se no Brasil um fenômeno que se mostra uma tendência mundial: a supervalorização do esporte profissional e da vitória a qualquer custo. Os exames antidoping, por exemplo, comprovam essa tendência a cada dia. Contudo, no Brasil, esse fenômeno é mais complexo, pois a supervalorização do esporte profissional ocorre em detrimento de toda trajetória que o antecede, incluindo a iniciação esportiva. O reduzido investimento empregado no esporte é destinado ao esporte considerado profissional, em especial aos atletas que já tenham repercussão no cenário nacional. Observam-se portanto, no Brasil, duas preocupações principais a esse respeito. A primeira delas concentra-se na detecção de talentos esportivos, e a segunda na potencialização desses talentos em um prazo reduzido, ocasionando uma prejudicial redução das etapas de desenvolvimento dos futuros atletas. Por conseguinte, neste estudo, optou-se por alertar os profissionais da área para a problemática atenção não despendida à Pedagogia do esporte que trata da iniciação esportiva, focalizando um fenômeno atual traduzido na atenção despendida em excesso ao resultado positivo em curto prazo.

Certamente são poucos os resultados positivos obtidos dessa forma, se os compararmos aos que poderiam ser alcançados se o esporte não fosse reduzido a evento, como ocorre atualmente, e assim tivesse um tratamento diferenciado através daqueles que o viabilizam. Ideal seria se o esporte fosse tratado como fenômeno social e cultural, composto de diferentes, porém interdependentes processos, dos quais todos os praticantes devem participar. A iniciação esportiva é um desses processos, que representa o acesso ao fenômeno esporte. É em busca do reconhecimento destes fatos, com embasamento científico, que se realiza esta pesquisa. Paes (2002) é um dos estudiosos que se apropriou desta questão e defendeu a importância da iniciação esportiva definindo o esporte como um fenômeno social significativo no processo educacional, através do qual podem ser desenvolvidos não só os aspectos técnicos, táticos e físicos da modalidade, como também aspectos socioculturais relativos ao desenvolvimento da personalidade dos praticantes.

Paes (2002) ainda afirma que para que o ensino do esporte tenha um tratamento pedagógico é preciso que ele proporcione aos praticantes um desenvolvimento motor, que deve tratar das habilidades motoras gerais e específicas; e o desenvolvimento das inteligências, dentre as quais destacam-se as inteligências intrapessoal, espacial, corporal-cinestésica, e lógico-matemática. É necessário também que seja trabalhada a auto-estima, que por sua vez se enquadra na psicologia do esporte, bem como os princípios de cooperação, participação, emancipação, co-educação e convivência, relacionando então os aspectos filosóficos do esporte. A questão social também deve estar incluída no tratamento pedagógico dado ao esporte, uma vez que ele pode e deve atuar como facilitador da manutenção e do surgimento de novas amizades. Através dos fatores pontuais apresentados por Paes, pode-se afirmar que não é unicamente o declínio dos atletas profissionais que nos move a estudar a iniciação esportiva. A prática esportiva é saudável a todos e cada praticante que a abandona perde a oportunidade de vivenciar experiências de um fenômeno emergente e atual com características educativas relevantes, o esporte.

Remetendo a problemática ao âmbito específico deste estudo, julga-se relevante considerar que a escolha da modalidade basquetebol feminino deu-se devido à vasta experiência que tivemos nesta na cidade de Campinas, despertando assim o interesse em investigar a atual realidade da mesma, bem como as diretrizes adotadas atualmente.

O basquetebol feminino já teve prestígio em Campinas, tanto no que diz respeito ao esporte profissional quanto ao trabalho com a iniciação esportiva. A demanda de aulas de basquetebol para iniciantes já foi alta em muitos dos clubes campineiros. Treinar nas equipes de base da Nossa Caixa/Ponte Preta era motivo de "status". Posteriormente se destacaram as equipes da Microcamp e da Quaker e esses fatos vêm comprovar que enquanto houve princípios norteadores e agentes disseminadores, o basquetebol feminino esteve presente na cidade de Campinas.

Sabe-se que atualmente a realidade está modificada e a questão que nos move a esse estudo é, entre outras, investigar qual é essa realidade e quais são os agentes disseminadores do basquetebol feminino. É fato comprovado que os agentes disseminadores são necessários. O basquetebol não é próprio da cultura brasileira. Foi incorporado a ela vindo da cultura norte-americana e não está naturalmente contextualizado

como é o caso do futebol. O futebol no Brasil é seu próprio agente disseminador o que, entretanto, não ocorre com o basquetebol.

Outra questão que a nós parece imprescindível é saber como o trabalho de iniciação vem sendo aplicado. Acredita-se que seja primordial a aplicação da mesma de forma que ela venha a motivar os praticantes ao ponto que eles próprios se tornem agentes disseminadores. Isso possivelmente não está incorporado à realidade que se deseja estudar e toma forma de uma questão a ser analisada e modificada.

A conscientização é um trabalho em longo prazo. Acredita-se que a elaboração e disponibilização de material científico sejam primordiais para que se modifique essa questão, que já se pode chamar de paradigma cultural: a atenção exclusiva ao esporte profissional em detrimento da iniciação esportiva e de todo o processo que o antecede. Este estudo concentra-se também em participar como agente redutor da distância existente entre a teoria e a prática na área de Educação Física. Os professores, uma vez graduados, deixam a universidade e acabam por não acessar o novo conhecimento produzido, aplicando muitas vezes metodologias obsoletas. Persegue-se, portanto, o intuito de proporcionar análises críticas aos profissionais da área, criando um ambiente de reflexão sobre o que tem sido feito e o que se deseja futuramente.

1.4 Referencial Teórico

A iniciação esportiva vem ao longo do tempo obtendo crescente relevância frente aos pesquisadores e apresentando-se atualmente como importante objeto de estudo em várias das universidades do Brasil e de outros países. Contudo, são muitas as polêmicas que envolvem este tópico no que diz respeito a seu caráter pedagógico e sua utilização como facilitador de processos educativos, de formação e seu papel social.

Toda esta questão deve-se a fatores distintos dentre os quais se destacam as metodologias de aplicação práticas da iniciação esportiva, praticada em larga escala e, portanto possível de ser verificada em muitas das instituições que oferecem a iniciação esportiva. Devido aos avanços dos estudos sobre o assunto em questão, muitos dos profissionais se utilizam de um método atualmente considerado inadequado pelos cientistas, o método de decomposição de movimentos esportivos em gestos técnicos realizados de forma repetitiva, sobre o qual discorreremos posteriormente.

Encontra-se então, mais um fator controverso: o fato de essas críticas existirem sugere a produção de conhecimento sobre o assunto em questão. Realmente essa produção ocorre, mas este conhecimento raramente chega àqueles que trabalham com a iniciação esportiva, deixando de atingir os principais agentes nessa relação, além de pais e responsáveis pelas crianças participantes de programas de iniciação esportiva. Não obstante, a quantidade de responsáveis pela realização de um programa desta natureza que não tem formação acadêmica, e, portanto não está devidamente preparada para exercer tal função, é alta. É comum encontrar-se pais ou ex-atletas atuando na função do professor e o problema que este fato traz consigo é a interpretação que os mesmos fazem do esporte, assim como também ocorre com os profissionais mal preparados. O esporte é, por muitos deles, visto como uma rara forma de ascensão econômica, social, e de sucesso, conforme afirma Rubio (2001). O esporte é considerado unicamente como sua vertente que chamamos de esporte espetáculo, que visa campeonatos regionais, estaduais e nacionais importantes, e principalmente os jogos olímpicos fato que fica evidente em um dos depoimentos colhidos por Rubio (2001) em seu estudo. Quando questionada sobre o que gostaria de ser no futuro, a entrevistada diz: *Uma grande atleta. Ir para os campeonatos,*

para o Pan, chegar até as Olimpíadas. Certamente muitos dos atletas assimilam as idéias de seus pais e professores e sonham com este tipo de conquista. No entanto, não é comum que existam um milhão de fenômenos, como o jogador de futebol Ronaldo que saiu da casa de sua mãe numa favela carioca para hoje deter um dos mais altos salários do mundo do esporte espetáculo. Desta forma, a competição passa a ocorrer de forma exacerbada e ser o único objetivo de quem, de alguma forma, participa deste processo. Paes (1989) discorre sobre o fato de as crianças serem, desde muito novas, submetidas a competições nos moldes das competições adultas sendo este outro problema da atual aplicação da iniciação esportiva: a idade e nível de desenvolvimento motor, maturacional e psicológico com que as crianças são submetidas aos processos competitivos do esporte.

Diante deste tipo de conceito, grande parte dos responsáveis por programas de iniciação esportiva aplica como metodologia de ensino o que Gaya (2002, apud Garganta, 1995) chama de Modelo Centrado na Técnica. Neste tipo de metodologia, as habilidades motoras são apresentadas e treinadas fora do contexto do jogo e de forma analítica, na qual o princípio de funcionalidade está na crença de que a ação efetiva do gesto possa ser transferida adequadamente para situações de jogo. Gaya (2002) afirma ainda que, segundo Devís (1992), neste tipo de metodologia se treina as habilidades separadamente para, posteriormente tentar-se integrá-las ao contexto real de jogo. Desta forma o que ocorre durante os treinamentos é a execução repetitiva de gestos esportivos e posterior associação dos mesmos a situações pré-determinadas de jogo, sem qualquer estabelecimento de relações entre gestos aprendidos, ou seja, as habilidades específicas e as demandas problematizadoras do jogo em questão, fazendo com que o aluno não consiga utilizar seu repertório técnico diante das diferentes e imprevisíveis situações que o jogo possa vir a apresentar.

Neste modelo de métodos, ainda segundo Gaya (2002), a iniciação esportiva transforma-se numa prática mecânica, estática e configurada que se adquire através da repetição, no qual os critérios objetivos são considerados prioridade em detrimento à motivação e aos interesses dos alunos. Critérios estes sistematizados para fazer com que o organismo atinja seus limites de possibilidades de adaptação. As inúmeras repetições dos gestos técnicos durante os treinamentos caracterizam um ensino voltado ao como fazer (técnica) e não ao porque fazer (tática). Diante disso o aluno adquire o hábito de uma

leitura parcial e conseqüentemente deficiente do contexto do jogo e apresenta soluções pobres para as diversas situações surgidas durante o jogo.

Utilizam-se aqui palavras de Rubio (2001) para ilustrar o modelo centrado na técnica, aplicado pelos pais, ex-atletas e profissionais desatualizados:

As exigências impostas pela prática da modalidade devem ser cumpridas, sem contestação, perpetuando um procedimento de ensino-aprendizagem que determina: 'assim eu aprendi, assim eu ensino, assim você executa', tão comum no mundo esportivo.

Este tipo de modelo metodológico associado a esta visão restrita do fenômeno esporte pode acarretar conseqüências variadas, mas de cunho elucidativo para o presente estudo. Remetendo a discussão às idéias de Paes que, em entrevista ao jornal Correio Popular no dia vinte e sete de Abril de 2003, confirma sua tese de 1989, através da qual é possível afirmar que a ineficiência do modelo atual de iniciação esportiva apresenta-se como responsável, entre outros motivos, por um fenômeno que ele chamou de especialização precoce. A especialização precoce consiste na prematura exigência feita às crianças de que as mesmas realizem os gestos técnicos da modalidade em questão com perfeição e eficiência. Melhor dizendo, não basta que os gestos sejam realizados desta forma, têm de ser mais eficientes e perfeitos do que os gestos dos outros praticantes. Verifica-se facilmente neste exemplo colhido por Rubio (2001) o tipo de exigência que as crianças sofrem:

Quando ela me pede pra fazer alguma coisa muito difícil, a gente concentra, pensa bem e faz. É só não ter medo, tirar o medo da gente (...). Não pode roubar no preparo, sinal que poucas fazem, ter flexibilidade, não chorar. (Por que não chorar?) Por causa que dói. E se chorar depois dói mais. E não pode fazer força contra, senão dá câibra. (A. - praticante de ginástica olímpica, 10 anos).

Frente a estas exigências, não resta espaço para que as crianças pensem sobre o que aprenderam, apenas deverão repetir o gesto até que a execução do o mesmo satisfaça o professor. Cabe neste contexto, destaque para a necessidade que as crianças têm de brincar. Não há local para brincadeiras neste tipo de modelo metodológico, e essa é, entre outras, é uma fase crítica do modelo centrado na técnica. A decomposição dos gestos técnicos

isolados do contexto do jogo representam a anulação do que há de mais significativo e divertido para as crianças, o próprio jogo da forma como as mesmas o vêem. Nesta fase já lhes foi apresentado um novo jogo: o jogo que existe no mundo dos adultos, no qual o único tópico relevante se mostra por ser a vitória, que para muitos depende da execução de tarefas da maneira ideal, exatamente da forma que foi treinado.

Neste contexto surgem três novas problemáticas. A primeira delas é que raramente se tem, nos jogos, condição similar à dos treinos, quando nestes se tem uma valorização dos gestos técnicos isolados do contexto do jogo. A segunda é que como as crianças desenvolvem visões fracionadas do jogo, acabam por ter dificuldades no que diz respeito ao coletivo, e têm então sua individualidade potencializada, provavelmente numa modalidade em que o coletivo é um dos mais importantes quesitos para o caminho da vitória. E finalmente a terceira é que desta forma instaura-se a competição exatamente nos moldes dos adultos, desafiando as fases de desenvolvimento motor, maturacional e principalmente psicológico de cada um dos atletas mirins.

Diante disto, a competição toma um caráter de produto, no qual estará explicitado o resultado do treinamento, representando o quanto cada atleta foi responsável e se empenhou em cada sessão de treinamento. Será a prova na qual quem vencer é aprovado e aqueles que forem derrotados não, representando a mais clara expressão do fracasso. Rubio (2001) apresenta relevante depoimento de um atleta de voleibol da categoria juvenil, colhido em seu estudo, sobre uma chamada "peneira", nome coloquialmente utilizado para designar o processo em que os atletas são selecionados para integrar uma equipe: *É uma guerra. É matar ou morrer. Ali você não tem amigo. Naquela hora você não pode ajudar ninguém, só pode pensar em você. É um querendo matar o outro.*

Clima semelhante se mostra dentro das equipes na disputa por vagas, ou mesmo nos jogos, onde a vitória está em questão. Tal depoimento ilustra claramente a discrepância na importância do individual em relação ao coletivo, e a que gravidade pode chegar a competitividade.

De acordo com tipo de visão, os treinamentos se tornam cada vez mais constantes e árduos, e as rotinas das crianças que, apesar de todos estes fatores, permanecem no universo do esporte espetáculo, se tornam rotinas tão ou mais cansativas quanto as de adultos, nas quais as crianças perdem o direito de brincar e de ter compromissos além da

escola e dos treinamentos. Seguem-se aqui, depoimentos retirados de Rubio (2001) que ilustram estas afirmações:

eu acho que não faço corpo mole para nada. Já fiquei doente, treinei doente, joguei doente (...) Você acaba abrindo mão de tudo. Você abre mão de sair, e férias, de namorar, de tudo. Só não abre mão dos estudos, que é o que eles exigem aqui, senão você abriria mão até do estudo. (D. jogador de voleibol de uma equipe juvenil)

A gente acorda logo cedinho, aí até arrumar o cabelo, tomar café...Aí você arruma tudo, coloca o colan (...) Aí já vem direto pra cá. Tira a roupa, fica só de colan, aí depois começa a correr, faz o preparo, tudo. Treina tudo, trave solo, seja o que for, faz flexibilidade e sai. Aí depois já vai pro vestiário, toma banho, almoça, espera um pouquinho e vai pra escola. Aí depois chega em casa, faz lição e vai dormir. (A. 10anos - praticante de ginástica olímpica.

Eu gosto de brincar, correr, fazer paredão (...) É paredão, pontapé, a gente faz um monte de coisas no chão. A gente brinca de ginástica. Pontapé, a gente começa a pegar coragem de fazer no chão. A gente só faz no solo (...). Tem algumas meninas que querem aprender a fazer paredão. Uma eu já ensinei. A outra chutou e se machucou todo o joelho. Saiu um monte de sangue (...) Ah, mas é normal. (A. 10anos - praticante de ginástica olímpica).

O mais difícil (da vida de atleta) é a correria, né. De segunda, terça, quarta, quinta, sexta, e as vezes elas (as técnicas)marcam treino de sábado (...). Eu estudo, brinco a noite e faço lição, senão levo bilhete (...) e sem escola não tem ginástica. (A. 10anos - praticante de ginástica olímpica).

Segundo Rubio (2001), o mundo infantil difere do mundo adulto devido à qualidade e à quantidade de responsabilidades que cada um tem, que por sua vez determinará a maturidade individualmente. Diante destes depoimentos, pode-se verificar que estas crianças têm muitas responsabilidades, que circulam dentro de uma rotina sobre a qual não podem opinar. As próprias brincadeiras trazem consigo um caráter de responsabilidade e estão intimamente ligadas ao tipo de rotina que as crianças têm, pois acabam brincando com próprio esporte que praticam, ensinando aos mais novos, por exemplo. Pode estar, nesta fase, instaurada a Especialização Precoce. O tipo de treinamento, as competições nos moldes adultos, a rotina de adultos, compromissos e responsabilidades de adultos e finalmente a maneira de pensar sobre o esporte, dos adultos. As crianças assumem um discurso que já ouviram inúmeras vezes e que, definitivamente não foi criado pelas mesmas, de que é preciso treinar, não se pode chorar, é imprescindível ganhar, e talvez estes não fossem os sonhos de cada uma delas há certo tempo atrás. Talvez não seja nem mesmo enquanto reproduzem este discurso... Segundo Paes (1989), esse tipo de conduta por parte dos adultos visa uma alta e competitiva eficiência de forma prematura, e pode resultar no direcionamento das crianças a uma evasão precoce e realmente mostra-se por ser um dos responsáveis por esta evasão. Cansadas dos treinamentos diários, da rotina oposta à de seus amigos, dos exercícios difíceis, das competições freqüentes e principalmente da cobrança por empenho e resultados rápidos as crianças, esgotadas, abdicam do esporte em função de ter vida de criança, na qual podem brincar, fazer amigos, ir a festas, passear, enfim, onde é permitido que se tenha uma vida de criança.

Ilustrando este cenário característico da especialização precoce, foi coletado o depoimento de uma atleta que nos auxilia na compreensão do fenômeno especialização precoce. Talita Silva, hoje com vinte e quatro anos, foi praticante de saltos ornamentais dos sete aos quatorze anos. Sua última competição foi o Campeonato Sul-americano de Saltos Ornamentais em Goiânia no ano de 1993, com perspectivas para o próximo Campeonato Mundial que seria sediado na Inglaterra. Segundo relatos da ex-atleta, os treinos eram intensos, seis dias por semana, em média quatro horas por dia, e a ela não era permitido realizar ou participar de quaisquer outras atividades físicas, visando sua integridade física. Também foi pedida a dispensa das aulas escolares de educação física, já que o horário destas coincidia com o dos treinos. Ela diz também que começou a sentir um aumento da

pressão psicológica próxima às competições eliminatórias para o Campeonato Sul-americano, pressão esta que aumentava gradualmente. Exatamente no dia da competição do aparelho para o qual a atleta havia se classificado, a mesma começou a apresentar sintomas de febre e tontura, competindo mesmo enferma e necessitando de repouso absoluto nos três dias subseqüentes. Após este campeonato, a atleta desistiu de praticar saltos ornamentais.

Definitivamente, não é este tipo de conseqüência que se deseja que o esporte tenha em nossas crianças. No caso de Talita, seus hobbies, prazeres e sua saúde foram deixados de lado para que fosse dada prioridade a sua performance esportiva, ao nome do clube que representava e a todos que depositavam nela suas expectativas que, certamente, não eram similares às da atleta. Talvez se os acontecimentos tivessem ocorrido de forma diferente e as questões tivessem sido tratadas de maneira diferente, Talita poderia estar hoje entre as melhores atletas de sua modalidade.

Com o intuito de evitar esse tipo de situação e proporcionar às crianças a oportunidade de crescer e aprender com o esporte, apresenta-se então uma metodologia diferente, que tem como premissa o compromisso de fazer com que as crianças usufruam tanto quanto for possível do caráter social e educativo que o esporte pode trazer consigo.

Há, portanto, profissionais que têm uma visão diferente do esporte e diante disso apresentam e aplicam propostas diferentes no que diz respeito à iniciação esportiva. Estes profissionais refletem o conhecimento que vem sendo produzido nesta área e, também por este motivo, consideram o esporte como um fenômeno social significativo no processo educacional, através do qual podem ser desenvolvidos não só os aspetos técnicos e físicos da modalidade, fator que se vê explicitado no modelo centrado na técnica, mas também aspectos táticos e socioculturais relativos ao desenvolvimento da personalidade dos praticantes. Diante desta visão, associada ao ideal de que o esporte é uma atividade cognitivo-motora e autoconstrutiva, surgiu uma nova metodologia, que chamamos de modelo centrado no jogo. Este modelo é defendido por Gaya (2002) como a forma adequada para a aplicação de um programa de iniciação esportiva, através da qual o aluno apresenta-se como agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, atendendo às exigências problemáticas do jogo de modo a solucioná-las da melhor forma possível. Desta maneira enfatiza-se a importância tática do jogo e sua dinâmica. Garganta (1998) é outro estudioso que se apropria deste tópico e da mesma forma defende a idéia de se resolver o

que foi chamado por Gaya (2002) de "cascata de problemas não previstos" em ordem de ocorrência, complexidade e frequência, durante situações de jogo.

Gaya (2002) ainda verificou que Garganta (1998) pressupõe duas vertentes inseridas neste modelo. Uma delas é chamada de modelo centrado no jogo formal, na qual o processo de aprendizagem se dá por tentativas de ensaio e erro na perspectiva de que a técnica surja para responder às situações globais não orientadas. Desta forma, consiste no jogo criativo, porém com base nas capacidades individuais e na técnica desenvolvida por cada participante, onde surgem respostas motoras criativas e variadas, dotadas porém de lacunas táticas e desordem de ações coletivas. A segunda vertente foi chamada de modelo centrado nos jogos condicionados. Neste caso, o processo de ensino-aprendizagem vai do jogo para as situações particulares, e a partir desta premissa o jogo é decomposto em unidades funcionais através de jogos de complexidade crescente, onde as técnicas surgem orientadamente em função da tática. Prioriza-se então o porquê fazer, ou seja, o desenvolvimento da inteligência tática, que posteriormente viabilizará o desenvolvimento das técnicas e da criatividade nas ações durante o jogo, sendo este um modelo no qual o coletivo apresenta-se como essencial.

A competição, neste tipo de modelo, acaba por transformar-se em parte de um processo, abandonando sua característica e função de ser um produto. Deixa de ser considerada um mero teste de competência que contribui para o afastamento de alguns de seus participantes e passa a ser considerada como uma estratégia para o aperfeiçoamento dos alunos. Para tanto, o professor deve estar ciente e ser responsável por organizar competições que tragam aos alunos a oportunidade de desenvolver habilidades de interpretação do jogo. Desta forma, a competição acaba por ser uma maneira de auto-aperfeiçoamento, uma fonte de fortalecimento da cooperação na busca do melhor desempenho coletivo, na qual a derrota representa um obstáculo a ser transposto, sendo, portanto um importante exercício necessário ao desenvolvimento do aluno e deixando de ter características punitivas e traumáticas, representativas de fracasso.

Ainda neste contexto, Korsakas (2003) aplica seus estudos voltando-se para o clima motivacional das aulas, que por sua vez decorre do tipo de metodologia aplicada durante as mesmas e do tipo de intervenção realizada pelo professor. Segundo Korsakas (2003) o clima motivacional das aulas e a percepção deste clima, podem interferir na maneira de

envolvimento da criança com o esporte, e diante disto na educação da mesma, concebida pela autora como um processo de socialização de valores, regras e conhecimentos. Nesta forma de entendimento, através do qual preconiza-se que as experiências esportivas têm relevante influência no processo de educação e desenvolvimento das crianças também nos aspectos morais, psicológicos e sociais, a autora afirma o fato de que o professor, a quem ela denomina educador, demonstra suas preferências através do modo como o mesmo organiza e agrupa as crianças e as atividades. Desta forma o educador assume um clima motivacional que rege sua aula, representado pelas práticas instrucionais que utiliza, no que diz respeito a como o mesmo propõe tarefas, como agrupa as crianças para a aprendizagem, como os avalia e como dá o retorno de sua avaliação para os próprios alunos.

Todos estes fatores, podem ser vistos como consequência do método de aplicação adotada pelo educador, que possivelmente delimita e norteia as formas de abordagem do mesmo em relação aos alunos bem como suas práticas instrucionais. Ainda neste contexto, segundo Korsakas (2003) as aulas são então direcionadas a representar dois tipos distintos de ambientes. Um deles a autora chamou de orientado para a performance, enquanto o outro foi chamado de orientado para a educação.

Nas aulas cujo o clima motivacional é orientado para a performance, o esporte e as relações que os alunos estabelecem com o mesmo acontecem de forma semelhante à forma ocorrida com os adultos, a não ser pela redução nas dimensões de equipamentos e aparelhos (tamanho da bola, do gol, tempo de jogo, altura de rede de voleibol, da tabela de basquetebol, entre outros). Neste contexto de esporte infantil espelhado na prática adulta de rendimento, surgem alguns comportamentos indesejáveis e, de acordo com Kosarkas (2003), condenáveis: pais xingando árbitros, maus tratos de técnicos em relação a seus alunos por eventuais erros, atletas se agredindo, entre outros.

Através deste clima, transparece então, o ambiente vigente em aula, onde as preocupações e atitudes estão completamente voltadas para resultados positivos de confrontos passados e futuros. Kosarkas (2003), afirma que estes atletas mirins são submetidos às "peneiras", conforme já foi explicitado anteriormente, com o objetivo de formar equipes que serão posteriormente submetidas a treinos extenuantes e consequentemente incompatíveis com outras atividades comuns ao período da infância e adolescência, conforme também afirma Rubio (2001).

Kosarkas (2003) relata que segundo Robert (1992/1993) este clima motivacional orientado para a performance é muito frequentemente encontrado e muito fácil de ser instaurado, pelo fato de a competição tanto no esporte quanto em diferentes âmbitos, trazer consigo a comparação de desempenhos e glorificar a vitória como única expressão de sucesso. Perante tal clima, a vitória passa a ser o único fim, o único objetivo daqueles que participam de alguma forma do processo em questão, suscitando então a facilitação da ocorrência de comportamentos desrespeitosos e inviáveis em busca da vitória.

Contudo, ampliando o âmbito da discussão, verifica-se que o clima de competição está presente na vida da sociedade durante todo o tempo, e não se restringe apenas às crianças, nem ao esporte. Em seu cotidiano os indivíduos são frequentemente submetidos a situações de competição na busca do mais alto cargo profissional, pela melhor remuneração, pela maior nota, pela maior atenção dos pais (entre irmãos, por exemplo), pelo maior lance na compra de uma propriedade. É relevante então que seja observado o clima motivacional orientado para a performance no esporte, já que este não representa um fato isolado na vida das crianças, mas sim representa algo que está inserido no cotidiano das mesmas e relaciona-se à maneira pela qual a infância é caracterizada, ou seja, está intimamente ligada às relações sociais.

Neste clima de competição inserem-se também as escolas, privadas quase que exclusivamente. Frente à competição pelo maior número de alunos as escolas se utilizam de diversas estratégias de marketing, dentre as quais está o êxito esportivo, que tem se mostrado importante recurso na persuasão de alunos e pais de alunos em potencial. Diante deste fato os programas pedagógicos das escolas são facilmente substituídos por um determinado número de bolsas de estudo destinadas muitas vezes a atletas já em ascensão (que portanto não passaram por sua formação motora na escola), que possam levar o nome da escola consigo para o pódio.

Instala-se nos "atletas mirins" o que Kosarkas (2003) chamou de "adultização" da infância, que consiste num processo decorrente do estilo de vida da sociedade atual e principalmente de expectativas em relação à vida adulta, às quais as crianças são submetidas. Neste processo as crianças passam a ser consideradas adultos em potencial, e portanto são preparadas para serem adultos o mais rápido possível. Atualmente as particularidades das crianças deixaram de ser preocupação para dar lugar à produtividade e

quanto mais cedo se tornarem adultos, mais cedo começarão a produzir. Neste contexto cabe ressaltar que o esporte, ao longo do tempo, vem também sendo modificado, como manifestação social cultural que representa. Tal modificação se dá para a sociedade e pela sociedade através de seus valores e princípios. Diante deste fato, segundo Kosarkas (2003), O clima motivacional orientado para a performance apenas acompanha a evolução do esporte e da sociedade, assemelhando-se assim ao processo de "adultização", representado pela prematuridade com que as crianças são submetidas a treinamentos pesados com cargas semelhantes às impostas pelos adultos.

Rosa (2000, APUD Kosarkas,2003)

O tempo lúdico da infância, antes dedicado às tradicionais brincadeiras de faz de conta, que marcam a diferença entre o universo simbólico infantil e as preocupações da vida adulta, vem sendo cada vez mais substituído por obsessivas práticas de culto à estética, a erotização precoce e a fetichização dos objetivos que denotem status econômico e social.

Neste contexto, o esporte acaba assumindo o lugar de objeto de desejo das crianças e principalmente de alguns pais e técnicos, pois julga-se que o esporte traz status social, e com sorte, econômico também. Em meio a esta atmosfera onde ganhar é tudo e perder é sinônimo de fracasso, as crianças (sob influência dos adultos) adquirem a concepção de que a vitória é o único fim aceitado, e para que este fim seja alcançado, torna-se suscetível que apareçam meios indesejados no que diz respeito à educação e formação de caráter das crianças. Assim, os valores éticos e morais são considerados irrelevantes, já que algumas vezes são tidos como formas de atraso no caminho da vitória.

Desta forma, num ambiente com o clima voltado a para a performance não só a competição, mas também os processos de aprendizagem passam a ter seu caráter funcional exacerbado, como etapa para se atingir a vitória, consagrando assim seus técnicos, pais e instituições quem representam.

Ainda segundo Korsakas (2003), Roberts (1993) afirma que diante de tal tipo de clima, poucas crianças vencem, e todo o restante passa a ser considerado - ou até mesmo a considerar-se incompetente - o que pode culminar e realmente culmina na evasão precoce

das crianças, que abandonam o esporte sem conhecer parte do que o mesmo pode proporcionar a cada um de seus participantes.

Se assumimos que a vitória é sucesso e a derrota é fracasso, e se as nossas análises estão baseadas nesta hipótese, aceitamos que vencer é tudo. Nosso trabalho, então se ajustará perfeitamente a uma visão contemporânea e profissionalizada de esporte, em que tudo gira em torno do número de vitórias e derrotas de uma classificação hierárquica de competência. (...) As regras do jogo estão esperando pelos jogadores para construí-las. (ROBERTS)

Recusar este tipo de conduta frente à realidade social em que vivemos passa, portanto, a ser função de todos nós profissionais da Educação Física que desejamos ver no esporte algo bem maior do que premissas pautadas na exclusão, vitória e resultados. Buscar outro caminho passa a ser um objetivo a ser atingido, um caminho de construção de novas regras que culminem na formação de pessoas com valores éticos e princípios norteadores para um bom caráter. Diante desta busca, Korsakas (2003), através da reunião das idéias de vários estudiosos destaca as aulas que, em oposição às descritas anteriormente, têm um clima motivacional orientado para a educação. Nesta visão, orientar para a educação significa privilegiar a auto-superação como demonstração de sucesso para que se possa promover nas crianças a autonomia, buscando criar nas mesmas a capacidade de identificar e lidar com seus próprios interesses com independência e autodeterminação.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com freqüência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. Na missão de promover a inteligência geral dos indivíduos, a educação do futuro deve, ao mesmo tempo, utilizar os conhecimentos existentes, superar as antinomias decorrente do progresso nos conhecimentos especializados e identificar a falsa racionalidade. Morin(2001).

Orientar o clima da aula para a educação significa portanto, desenvolver nas crianças a capacidade de resolver problemas, estimulando a criatividade, a cooperação, o fortalecimento da co-responsabilidade e da solidariedade. A partir do momento em que se aprende a ser autônomo, busca-se também a autonomia do outro, valorizando-o e fortalecendo crescentemente as relações sociais, para que posteriormente todos estes fatores culminem na participação ativa da construção ou transformação do mundo. Sendo assim, BARBIERI (1999, APUD, Korsakas, 2003) observa:

A visão contemporâneo-integradora do esporte é aquela que, reconhecendo a necessidade premente (...) de ações que objetivem restaurar o humano no homem, a sua autonomia, a sua participação efetiva na construção da realidade, ao desenvolvimento de sua auto-estima, de sua criatividade, de seu autoconhecimento, de sua ludicidade, de sua capacidade de cooperar, bem como na preservação da sua identidade cultural. Admite a necessidade do desenvolvimento do esporte intrinsecamente relacionado à educação (significada como um processo do homem se fazer no mundo) e que se fundamente também numa relação de co-educação entre aqueles que, juntos, aprendem; se fundamente no respeito e na preservação da individualidade de cada um dos participantes desse processo em relação às diversas outras individualidades tendo em vista o contexto uno e diverso no qual o homem está inserido. (s.p.)

Diante deste tipo de visão, é importante ressaltar que a prática esportiva orientada para a educação traz consigo o princípio da totalidade, que considera as crianças seres que pensam, sentem e agem de acordo com sua identidade, criando um clima no qual a auto-referência torna se um aspecto fundamental tanto no processo de ensino-aprendizagem quanto para a auto-superação. Para tanto, as crianças devem ser encorajadas a resolver problemas em grupo e individualmente, pois a questão de estabelecimento de referências e regras individuais deve ser embasada pelas particularidades do desenvolvimento da cada criança é contudo imprescindível que as particularidades sejam trabalhadas dentro do grupo de crianças praticantes. Partindo-se destes princípios é possível oferecer oportunidades

iguais de aprendizagem e progresso, sempre reforçando a necessidade da auto-superação e não exclusivamente da superação dos outros. Korsakas (2003) preconiza que se deve unicamente estimular a auto-superação e nunca a superação dos outros. Contudo, a nosso ver, retirar a competição da vida cotidiana das crianças de maneira drástica pode, em parte, isolá-las de fatores da realidade que estão presentes em todos os momentos da vida. Portanto, manter a competição de uma forma saudável como sugere Gaya pode também ser bastante educativo, como foi ilustrado anteriormente.

A atividade esportiva deixa, portanto, de ser vista como algo que existe externa e independentemente da criança, com o objetivo da eliminação dos mais fracos, para passar a ser vista como expressão cultural e social da humanidade, devendo ser transformada para satisfazer as necessidades humanas, assumindo diversos sentidos condizentes com cada contexto social e histórico, podendo assim fazer parte do processo educativo como um todo.

BENTO (1999) também se apropriou da discussão sobre a iniciação esportiva e o esporte de um modo geral e diante do assunto por nós tratado faz-se relevante levantar também as idéias do autor como fonte de reflexões e novas idéias. BENTO (1999) logo na página 50 de sua obra formula a seguinte pergunta: "Estará o corpo a ser objeto de exploração comercial, de instrumentalização e disciplinação eticamente questionáveis?". Tal pergunta vem de encontro a discussão que se está propondo neste estudo, e vem ainda ilustrar a situação atual em que o hemisfério ocidental vive, a qual BENTO (1999) denominou de Conjuntura Corporal. Segundo o autor, a revalorização da estética na sociedade como imagem e representação de saúde e sucesso trouxe o corpo para uma situação de exposição e portanto para sofrer esforços de modelação e novos construtores e utilizadores. Os cuidados dedicados ao corpo cresceram desmesuravelmente, e a procura por novos indícios para o sentido da vida concomitantemente á superação dos modelos tradicionais tem ocasionado o surgimento de novos ídolos e novas tendências, como é o caso da onda "fitness" que traz consigo o surgimento de inúmeros serviços ao dispor do corpo e o desenvolvimento de alta tecnologia para suprir as tão acentuadas preocupações com o corpo. Cabe então outra indagação de BENTO (1999): "E se o desporto representa um conjunto de tecnologias e uso legitimado do corpo, não estará a história de um ligada à do outro?" (um e outro nesta indagação se referem respectivamente à pedagogia do corpo e

desporto). A nosso ver, esporte e pedagogia do corpo estão intimamente interligados e aquele talvez represente a mais popular e acessível vertente da pedagogia do corpo, pelo fato de representar um fenômeno social e expressão cultural de toda uma sociedade que tem, segundo BENTO (1999), a maior segunda adesão no que diz respeito a práticas sociais, só ficando atrás do trabalho.

O esporte tem em seus antecedentes propostos de afirmação e difusão de um modelo rígido e hegemônico que gira em torno da juventude, da força, masculinidade, entre outras perspectivas do Homem. Ao longo dos anos estas perspectivas foram sendo transformadas e o presente aponta para um futuro de práticas que explorem sua própria pluralidade e diversidade, baseadas nos princípios da excelência da qualidade de vida e do homem em todas as idades e condições. Segundo BENTO (1999): *De um desporto de rendimento e espetáculo do fim de semana evoluiu-se para uma cultura do quotidiano*. Este fato apresenta-se como motivo bastante forte para que estudemos o desporto e posteriormente façamos com que seus praticantes possam usufruir de seu caráter educativo e sócio-cultural, investigando as razões pelas quais as crianças se motivam à prática de determinadas modalidades, em detrimento de outras, ou até mesmo não se motivem a qualquer prática. Ainda de acordo com BENTO (1999), atividades esportivas, lúdicas e corporais são portadoras de um caráter ao qual ele denominou multifuncional, isto é, *podem ser objeto de instrumentalização para um largo espectro de funções e funcionalidades muito contraditórias*. Como é o caso da iniciação esportiva educacional que se propõe e o esporte espetáculo, que se assiste e se venera. Fica claro este caráter multifuncional do esporte no seguinte trecho da obra de BENTO (1999):

Nesta conformidade o tão provado ideal da harmonia do corpo e da alma configura-se na habilidade corporal, na beleza espiritual, na elegância das idéias, na sinceridade das palavras, na cortesia dos gestos, na correção das atitudes, na fineza do riso, no refinamento das emoções e na lhaneza dos sentimentos. A isso se chama ensinar os homens a rir e a jogar, coisas que aos deuses não foi dado aprender ou vivenciar. Por outras palavras, a obrigação de sagrar o homem de humanidade impõe-se em todos os tempos e por todos os meios.

Ampliando a reflexão e remetendo a problemática para além dos climas instaurados nas aulas, também se faz importante considerar fatores externos que possam vir a motivar as crianças à prática da atividade esportiva. Dentre estes fatores destaca-se aqui o que diz respeito à existência de ídolos nas diferentes modalidades, além de equipes as quais eles possam pertencer. Não se trata de ídolos mundiais, ou mesmo nacionais, trata-se de alguém em quem as crianças possam verificar os resultados de todo o caminho que elas têm a opção de tomar, e o que pode vir a acontecer a elas se por acaso decidirem tomar o mesmo caminho. Trata-se de atletas profissionais próximos às crianças, o que a nosso ver pode ser responsável por parte considerável dos ingressos de crianças em atividades esportivas.

Crendo nesta possibilidade de que atletas profissionais próximos às crianças motivam as mesmas a iniciarem e persistirem em determinada prática esportiva, remetemos a discussão para uma questão motivacional, sobre a qual Kobal (1996) afirma que:

o modo pelo qual cada indivíduo se relaciona com o mundo depende de uma série de fatores internos e externos muitas vezes conflitantes entre si e que produzem determinados tipos de comportamento, constituindo-se assim, a motivação humana numa das formas pelas quais pode-se explicar o comportamento do homem.

Ainda em Kobal (1996), encontra-se as idéias de Nissen retiradas de Penna (1963) que preconizam que a motivação sensibiliza o indivíduo a partir de um estímulo e que acaba sendo co-responsável pelo comportamento gerado. Neste caso, a presença de atletas profissionais funciona como o estímulo que gera um novo comportamento, que é a prática de determinada modalidade esportiva. Diz-se que o estímulo é co-responsável pelo fato de que o tema motivação possui duas vertentes cuja explicitação é válida para que se possa entender o fenômeno de uma forma geral. A primeira delas é a motivação intrínseca e se verifica, segundo Kobal (1996) quando a atividade torna-se reforçadora por ela mesma, sendo a mesma realizada com prazer, atraindo o indivíduo para executá-la novamente. Para tanto o indivíduo sente-se competente, realizado e autodeterminado a continuar realizando a ação, podendo ter sido seu início um motivo externo, porém a continuação da mesma ocorre independentemente de qualquer recompensa externa.

A segunda vertente é conhecida como motivação extrínseca e se expressa quando um indivíduo tem um estímulo externo que o motiva a realizar determinada ação, ou seja algo que funciona como uma recompensa e que leva o indivíduo a iniciar a ação para atingir outro propósito, sendo a causa externa a quem realiza a ação. O ponto aqui defendido é identificado como parte atuante da motivação extrínseca e que pode, posteriormente, dar início à motivação intrínseca, se bem planejado. A presença de uma equipe profissional próxima chama a atenção das crianças para determinada modalidade e desta forma pode servir de estímulo para que as crianças iniciem a prática esportiva, sendo tal efeito potencializado na medida e que atletas em destaque defendem as equipes em questão. Desta forma, os atletas que compõem as equipes e as próprias equipes passam a funcionar como espelhos já que representam exemplos de sucesso de indivíduos que quando crianças começaram a prática esportiva como qualquer outra pessoa e chegaram a um patamar de respeito e destaque. Seja pelo desejo de se tornar um atleta profissional, pelo desejo de aprender a realizar movimentos semelhantes aos dos atletas ou por outros motivos, acredita-se que muitas crianças iniciam a prática esportiva estimuladas pela presença próxima de equipes e atletas profissionais, e este estudo atua no sentido de verificar a veracidade de tal proposição. Através do diagnóstico realizado diante das entrevistas e pesquisa documental, foi possível formular discussões sobre o ingresso das crianças nas diversas modalidades esportivas, bem como da permanência das mesmas nas práticas escolhidas.

Acredita-se ainda que a partir do momento de ingresso das crianças nas práticas esportivas, torna-se importante o papel do profissional que lida com a iniciação esportiva, uma vez que o mesmo passa a ter acesso a crianças interessadas, devendo então, tirar proveito desta situação para que as crianças adquiram o real gosto pela prática. Com aulas orientadas para uma clima educacional da forma explicitada anteriormente e baseada nos objetivos defendidos anteriormente, cria-se um ambiente propício para o desenvolvimento de motivação intrínseca nos alunos, ou seja, para o desenvolvimento do prazer de praticar a atividade, prazer este que levará o praticante a repetir a realização da ação diversas vezes, firmando-se então um relação que acreditamos ser adequada com a prática esportiva e que possivelmente se manterá ao longo da vida de cada praticante. O referencial teórico elaborado para este estudo pretendeu, portanto, auxiliar os profissionais na compreensão

das relações que as crianças podem estabelecer com o esporte, objetivando a otimização do ingresso e permanência das mesmas nas práticas esportivas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este projeto de pesquisa se desenvolveu principalmente através de pesquisas qualitativas, uma vez que seu objeto de estudo se trata de um fenômeno complexo e para melhor analisá-lo, foi preciso restringi-lo a este campo de pesquisa, em oposição ao que havia sido proposto no projeto de pesquisa, no qual se pretendia realizar pesquisas quantitativas também. Para tanto, o estudo foi realizado em três momentos. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de se estabelecer um referencial teórico que proporcionasse uma base para os estudos e evidências posteriormente constatadas. As fontes bibliográficas foram primeiramente selecionadas nas bases de dados de três universidades públicas de São Paulo: USP, UNICAMP e UNESP. Posteriormente os títulos selecionados foram acessados através do sistema de integração entre as bibliotecas das universidades e a partir de então passou-se a analisar conteúdos e recolher informações relevantes. Num segundo momento, foi realizada uma pesquisa documental em sites oficiais de órgãos ligados ao basquetebol, como por exemplo, a Federação Paulista de Basquetebol (FPB), e na própria sede da F.P.B., onde buscou-se dados quantitativos sobre as equipes participantes dos campeonatos desde o ano de 1990, sendo estas as únicas informações quantitativas coletadas para este estudo. Durante a pesquisa documental realizou-se também uma coleta de dados no arquivo do jornal campineiro Correio Popular, onde buscou-se dados sobre o basquetebol feminino de Campinas na época em que equipes profissionais tinham a cidade como sede, através da seleção e posterior análise de reportagens que tratassem das equipes da Nossa Caixa/Ponte Preta e Microcamp (as reportagens utilizadas encontram-se no anexo 4). Desta forma, procurou-se conhecer a realidade do basquetebol feminino em âmbito estadual e posteriormente em nível regional e municipal.

Num terceiro momento, realizou-se uma pesquisa de campo e, para ilustrar sua importância, utilizam-se aqui conceitos desenvolvidos por Triviños. Segundo Triviños (1987), as pesquisas de campo permitem ao pesquisador adquirir mais experiência sobre o problema central. A partir de uma hipótese, ele pode aprofundar seus estudos no que a realidade específica abrange, buscando antecedentes que subsidiem o decorrer de sua pesquisa. Desta forma, a pesquisa de campo, que no projeto havia sido dividida em dois

momentos, mostrou-se necessária em apenas um deles. Não houve a necessidade de abranger todas as instituições de educação não formal como os clubes e as escolas de esporte da prefeitura municipal de Campinas, onde seriam aplicados questionários semi-estruturados com o objetivo de coletar dados quantitativos sobre o número de equipes, praticantes e categorias oferecidas nessas instituições, na modalidade basquetebol feminino. Estes dados foram constatados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com técnicos, ex-técnicos e preparador físico de equipes de basquetebol feminino, de forma que o diagnóstico formou-se a partir desses dados. A seleção dos entrevistados obedeceu ao critério de vínculo relevante com a modalidade. As entrevistas semi-estruturadas realizadas na pesquisa de campo substituíram os questionários semi-estruturados, que se mostraram pouco viáveis para a dimensão desse estudo. A entrevista consiste em *um encontro entre duas pessoas, cujo fim é a obtenção de informações sobre determinado assunto, de natureza profissional, utilizada na investigação social*. (Moreira, 2003 APUD Lakatos e Marconi, 2001). As mesmas foram registradas em fita cassete e estão descritas na íntegra no anexo 3, conforme preconiza Triviños (1987), para que se adquira consistência metodológica. Posteriormente, realizou-se uma análise de conteúdo de natureza qualitativa, confrontou-se o mesmo com outros dados no sub-ítem discussão da pesquisa. Desta forma as entrevistas promoveram um diagnóstico menos específico, mas igualmente fiel e verdadeiro sobre a realidade que se pretendeu estudar, acrescido de experiências e relatos sobre acontecimentos vividos pelos sujeitos entrevistados, o que proporcionou riqueza de detalhes e veracidade relevante ao estudo. Para que se mantivesse o curso e os objetivos desse estudo, formulou-se um instrumento de pesquisa aplicado nas entrevistas da pesquisa de campo, que encontra-se no *Anexo 2*

Conforme explicitado no sub-ítem Objetivo, a fase de observações das aulas, propostas no projeto desse estudo, não foi realizada devido à inviabilidade que se mostrou durante a realização da pesquisa, pela abrangência a que a mesma atingiu. A forma de análise dos resultados também teve de ser adequada ao curso dado ao estudo durante sua realização. No projeto de pesquisa foi explicitado que os resultados seriam analisados através de gráficos, no entanto, esse método de análise mostrou-se inviável uma vez que números puros não seriam mais coletados devido à substituição dos questionários pelas entrevistas semi-estruturadas. Assim sendo, as diferentes fases do estudo foram analisadas

de duas formas: primeiramente os resultados foram descritos e se encontram no decorrer do relatório final (pesquisa bibliográfica e documental) e nos anexos 2, 3 e 4 (pesquisa documental e de campo), posteriormente os mesmos se encontram relacionados no sub-ítem Discussão da Pesquisa, onde foram analisados e confrontados.

2.1 Análise dos Resultados - pesquisa documental em jornal

Para que fosse dada continuidade a este estudo, foi realizada uma pesquisa documental junto aos jornais da cidade de Campinas, com o intuito de coletar dados sobre a prática de basquetebol feminino ao longo dos anos.

Para tanto delimitou-se um período - a década de 90 - durante o qual existiram equipes profissionais de basquetebol feminino na cidade, quando foi justamente, o auge do basquetebol em Campinas, na região e no Brasil.

Para que seja compreendida a importância dos acontecimentos verificados na pesquisa documental é válido que os dados coletados na pesquisa sejam contextualizados conforme seus registros são feitos, para que as informações fiquem claras ao leitor.

Os dados foram coletados em reportagens retiradas do jornal CORREIO POPULAR, da cidade de Campinas e a primeira reportagem a ser analisada foi publicada em data de 04 de Julho de 1992. A reportagem demonstra os primeiros passos do basquetebol feminino em Campinas através da assinatura de um contrato de patrocínio entre a instituição bancária Nossa Caixa Nosso Banco e o clube Associação Atlética Ponte Preta no valor de US\$ 300 mil dólares (1,05 bilhão de cruzeiros na época e aproximadamente 900 mil R\$ atualmente). Nos dias de hoje, raramente se verifica quantia similar no Brasil, a não ser nas transações milionárias do futebol, que todos sabemos ser a modalidade esportiva melhor remunerada e a que sem dúvida recebe mais e os maiores investimentos no país. Consta ainda na reportagem que o investimento teria como destino não só a equipe adulta profissional que contaria com as estrelas Paula, Nádia, Karina, Helen, Roseli, e a técnica Maria Helena, mais também as "equipes de base", como denominou o autor da

reportagem. Segue-se então uma outra reportagem datada de 28 de Janeiro de 1993, quando já se tem indícios das mudanças que a presença do time na cidade iniciou:

Ginásios lotados em tardes de dias de semana indicam que alguma coisa mudou em Campinas. (...) Desde que chegou à cidade de Campinas, há menos de um ano, o basquete feminino da Nossa Caixa/Ponte Preta se incorporou aos hábitos dos campineiros. Uns vão pelo simples prazer de ver o espetáculo das cestas. Outros vão pela ambição de um dia se igualarem a quem idolatram" (Laine Turati,1993).

Ainda nesta data já haviam sido selecionadas 30 atletas nos testes que haviam sido feitos em 18 de Janeiro de 1993, nos quais estavam inscritas 300 atletas entre 13 e 17 anos. Até então o maior número de meninas que havia participado de testes para equipes de basquetebol feminino era de 100 garotas e sobre este fato Laine Turati (1993) ainda afirma:

Antes, Paulo Bassul (técnico) reunia durante os teste não mais que 100 meninas. O número três vezes maior que surgiu na Ponte Preta lhe dá a convicção de que o basquete feminino se transformou em febre na cidade.

Em entrevista nesta mesma reportagem, o técnico Paulo Bassul afirma que o basquetebol feminino havia se tornado hábito na cidade de Campinas, fato que poderia ser facilmente comprovado pelas meninas que observavam atentas os treinamentos da equipe profissional e lotavam as quadras de esporte da cidade, e que pôde ser atribuído, segundo Bassul, à campanha da Nossa Caixa/Ponte Preta na temporada. *Segundo ele, Paula, Karina, Nádia e outras servem de espelho para quem sempre teve vontade de jogar, mas nunca contou com motivação para levar o sonho adiante.* (Laine Turati, 1993).

Neste contexto de promoção do basquetebol feminino e euforia atribuída ao mesmo, é publicada em 05 de fevereiro de 1993 uma nota no jornal Correio Popular na qual consta que a Serponte, uma das torcidas organizadas da equipe de futebol da Ponte Preta havia optado por ir ao ginásio do Ibirapuera torcer pelo basquetebol feminino nas partidas finais do Campeonato Estadual, em detrimento da equipe de futebol que jogaria

na mesma data. A equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta segue o ano com vitórias e passa a ser recompensada quando suas atletas que até então apenas completavam o time de Paula, Karina e Nádia também passam a ser convocadas para a seleção brasileira, como ocorreu com Silvia Luz (18 anos na época) e Helen Luz (20 anos na época), como descreve a reportagem de 18 de Abril de 1993. Silvia, Helen e Cíntia Luz foram destaques na seleção brasileira posteriormente.

O ambiente propício que envolvia o basquetebol feminino e o êxito da equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta trouxeram então a atleta Hortência para se juntar a Paula e formar o que foi descrito no Correio Popular de 29 de maio de 1993 como o Dream Team que, por sua vez, para assegurar a permanência das duas melhores atletas no Brasil investia aproximadamente um bilhão de cruzeiros em salários. Todo esse investimento foi, segundo o Correio Popular de 27 de setembro de 1993, recompensado quando a equipe de Nossa Caixa/Ponte Preta vence o Campeonato Mundial Interclubes e posteriormente em 02 de Setembro de 1994 com Bicampeonato Mundial aumentando seu prestígio nacional e ficando conhecido mundialmente; fatos que puderam ser facilmente comprovados com o exemplo de Janaína Leiroz, uma menina que na época tinha 15 anos e decidiu jogar basquete porque era fã de Paula. *Com esse amor pela jogadora, nasceu também o desejo de jogar basquete (...) A carreira da atleta depende do destino de Paula.* (Ilone Vilas Boas, 1993). Essa admiração das meninas pelas jogadoras foi se intensificando e em 15 de dezembro de 1993 o Correio Popular noticiou um torneio organizado pela Nossa Caixa/Ponte Preta para promover a integração entre as atletas das categorias não profissionais e as campeãs mundiais, da equipe profissional. Neste torneio estiveram todas as alunas dos 12 núcleos de escolhinhas da Associação Atlética Ponte Preta..

Tal cenário é modificado drasticamente quando o patrocinador da equipe passa a ter problemas nos investimentos relacionados à mesma, como pode ser comprovado em 31 de Janeiro de 1994, quando o Correio Popular publica que por conta da possibilidade do fim da equipe, as atletas começam a receber propostas de outros clubes da região, como por exemplo a equipe da Cesp/Unimep de Piracicaba, o Lacta/Santo André, o Leite Moça/Sorocaba e a da Unimed/Brasil de Araçatuba. As dificuldades se prorrogam e em 26 de Abril de 1994, o Correio Popular anuncia que devido à decisão da diretoria de encerrar os trabalhos das chamadas equipes de base, a técnica da equipe profissional, Maria Helena,

optou por promover eventos com o objetivo de arrecadar fundos para manter os 12 núcleos de escolinhas do clube que seriam prejudicados com a decisão. As equipes foram extintas posteriormente, entretanto, antes que isso acontecesse, quatro atletas da Nossa Caixa/Ponte Preta foram integrar a seleção brasileira na categoria cadete no Campeonato sul-americano: Adriana Moisés, Ana Lúcia Silva, Geisa Oliveira e Selma Barbosa.

Encerrada a era da Nossa Caixa/Ponte Preta, a cidade de Campinas torna-se então, sede da equipe patrocinada pela escola de computação Microcamp, que investe não só em uma equipe profissional, mas também nas equipes menores, desde a categoria mirim até a juvenil. Em 08 de Setembro de 1996 o Correio popular publica uma reportagem sobre a república financiada pelo patrocinador para que as atletas que não morassem na cidade de Campinas pudessem se instalar. Nessa república moravam 18 das 96 atletas que participavam de todas as categorias menores patrocinadas pela Microcamp. Consta ainda na reportagem que as atletas residentes na república tinham regras muito rígidas, sob pena de expulsão.

A expulsão, sem dúvida, é a punição que nenhuma delas quer receber. Afinal todas estão no basquete para chegar à seleção adulta, disputar uma olimpíada e serem famosas, como são hoje as vice-campeãs olímpicas. (Ilone Vilas Boas, 1996).

A equipe da Microcamp conta com Paula e Branca, entre outras atletas de destaque no cenário nacional e, apesar da ausência de Hortência que, após o encerramento da equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta deixou Campinas, mantém uma boa colocação nos campeonatos, assim como o status adquirido desde através da equipe extinta há pouco tempo. Verifica-se a veracidade deste fato em 17 de Janeiro de 1997, quando o Correio Popular publica uma matéria na qual consta que o então prefeito da Cidade de Campinas, Francisco Amaral, desloca-se até a cidade de Santo André exclusivamente para assistir a uma partida da equipe da Microcamp, da qual a atleta Michaela Martins era revelação, participando inclusive das categorias nas quais a idade era superior à dela. Também nesta data, o prefeito se propõe a auxiliar na montagem de uma equipe masculina, que na realidade não existiu. Ainda no mês de janeiro de 1997, no dia 27, é publicada a reportagem sobre a conquista do Campeonato Estadual pela equipe da Microcamp que levou 2 mil espectadores ao jogo final. Já no dia 29 de janeiro do mesmo ano, são publicados no

Correio Popular os nomes dos integrantes das equipes da Microcamp que haviam conquistado o prêmio "Melhores do Ano". Eram:

- Sílvia Cristina Gustavo Rocha - Melhor atleta na Categoria Mirim.
- Mila Soto Maior Rondon - Melhor técnica da Categoria Infantil.
- Paulo Bassul - Melhor técnico da categoria Infante-Juvenil.
- Michaela Martins Jacinto - Melhor atleta na categoria Infante-Juvenil.

Os prêmios vieram comprovar uma boa fase de toda a equipe Microcamp, incluindo desde as categorias menores até a profissional, que se classificou para o quadrangular final do Circuito Paulista de Basquetebol, juntamente com as equipes de Osasco (BCN), Santa Bárbara D'oeste (Data Control) e Santo André (Polti Vaporetto). Para este quadrangular final o patrocinador, a escola Microcamp, disponibilizou 10 ônibus para que a torcida organizada chamada "Frogs" pudesse acompanhar a equipe, conforme informa o Correio Popular em 21 de Agosto de 1997. No entanto, em 03 de Setembro de 1997, menos de um mês após o torneio quadrangular final, o presidente da escola de computação Eloy Tuffi anuncia que as cinco categorias menores seriam extintas alegando falta de verbas e nenhum apoio da Prefeitura Municipal de Campinas. Desta forma, 80 atletas ficaram sem equipes para defender, ao menos até o final daquela temporada. Destas 80 atletas, 22 não tinham famílias residentes em Campinas e seriam obrigadas a voltar para suas cidades natais antes mesmo de disputar as finais para as quais suas equipes tinham sido classificadas:

Os times de base da Microcamp reúnem hoje as melhores jogadoras do país, que defendem o título do Campeonato Paulista este ano no mini, mirim, infantil e infante. [...]

Outro sinal de desabamento da estrutura do basquete da Microcamp foi sentido logo pela manhã, na república mantida pela empresa em Campinas, onde moram 17 jogadoras das categorias de base. Sem receber o pagamento, feito diariamente, o fornecedor recusou-se a servir o almoço das meninas. O time infante treinou ontem à tarde, no Guarani, sem se alimentar. (Marco Antonio Martins).

Diante disso, a Prefeitura Municipal de Campinas, apesar de ter comunicado que só poderia disponibilizar um professor de Educação Física no ginásio do Taquaral para as

atletas residentes em Campinas, acabou absorvendo as atletas na Associação dos Servidores Públicos Municipais e sobre tal fato Paulo Bassul, técnico da única categoria menor que permaneceu com o patrocínio da Microcamp - a categoria juvenil - comenta: *A Prefeitura ainda não fez a oficialização, mas a previsão é que ela destine 20 mil (reais) por mês em 98 para o basquete, conforme conta no Correio Popular de 28 de Novembro de 1997.*

Finalmente, em 26 de Junho de 1998 o Correio Popular anuncia que, após a contratação de estrangeiras, e várias tentativas de acerto, chega ao fim a equipe da Microcamp, logo após o desfecho do Campeonato Nacional.

Esporte de rendimento sofreu golpe de misericórdia em Campinas. Em menos de três anos, a cidade derrapou nos bastidores políticos e perdeu também outras seis equipes ao longo de um curto espaço de tempo. (Marco Antonio Martins, 1998).

O jornalista se referia ao fato de a cidade de Campinas não ter disputado os Jogos Regionais no ano de 1998, bem como às seguintes equipes:

- Olympicus - voleibol masculino;
- MRV - voleibol feminino;
- Funilense - atletismo;
- Esquipes de voleibol feminino da Sociedade Hípica de Campinas e de Basquetebol masculino, também da SHC e do Tênis Clube de Campinas.

Tivemos também equipes boas na cidade e foram todas embora. Infelizmente, passaram como um cometa. Agora, mais do que nunca, e principalmente por ser época de copa do mundo, a molecada quer saber apenas de jogar futebol. Só quero ver como faremos para incentivar o trabalho de base sem termos "espelhos" para os jovens no esporte amador.

Comenta Guilherme Müller em entrevista ao Correio Popular em 28 de novembro, sobre a situação do esporte em Campinas e sobre o fim da equipe da equipe da Microcamp.

3. DISCUSSÃO DA PESQUISA

O esporte profissional é hoje uma das mais amplas e evidentes manifestações da cultura mundial, tendo influência sobre inúmeras frentes nas sociedades em que atua devido à sua aceitação e participação na vida da grande maioria dos cidadãos do mundo. Diante de tamanha relevância, o esporte adquire no cotidiano dos cidadãos os mais diversificados significados, que agregam o esporte profissional como entretenimento e espetáculo esportivo, o esporte como lazer ou forma de recreação, ou mesmo o esporte como ícone da prática de uma atividade física, representando um meio de intervir na qualidade de vida de seus praticantes. Entretanto, o esporte profissional acaba por exercer um significado maior, abrangendo a todos que de alguma forma têm contato com o mesmo, apesar da natureza desse contato: o significado de modelo. Este, por sua vez, se desdobra atendendo aos mais diversos objetivos; para alguns indica uma nova moda para roupas e artigos esportivos, para outros sugere uma modalidade a ser praticada, entre vários outros que possam existir. Os ídolos, neste âmbito representam a personificação do modelo e, por este motivo são transformados em garotos propaganda de diversos produtos e principalmente do esporte que representam, uma vez que passam a ser acompanhados pela imprensa, e conseqüentemente pelo público em geral. Estando em destaque, as modalidades que praticam, bem como as equipes ou instituições que os ídolos defendem acabam sendo automaticamente promovidos e também passam a estar em destaque.

Neste ambiente as crianças acabam se sentindo mais próximas à modalidade em questão e surge em muitas delas o desejo de praticar a modalidade. Neste desejo estão inseridos alguns outros que podem ser principiados na simples vontade de conhecer o esporte, mas que algumas vezes chegam no sonho de um dia poder repetir o sucesso que aquele tido como ídolo atingiu.

Diante desses pressupostos para que se compreenda as relações de interdependência que se estabelecem entre o esporte profissional e a iniciação esportiva, é válido definir os dois principais objetos de estudo. Esporte profissional foi definido para o presente estudo como meio no qual há dedicação exclusiva e atletas e técnicos entre outros, integrando um seleto ambiente onde só o melhor importa e o componente financeiro é o precursor de todas as ações. Já a iniciação esportiva foi definida como primeira possibilidade de contato de qualquer indivíduo com o esporte, transformando-se então em

parte responsável pela relação que o indivíduo terá ao longo de sua vida com o mesmo. Remetendo esta ampla discussão para um ambiente de pesquisa adequado ao estudo, o basquetebol feminino da cidade de Campinas foi selecionado como modalidade na qual as pesquisas se basearam. Entretanto faz-se necessário destacar que os procedimentos e resultados verificados para a modalidade basquetebol feminino são passíveis de aplicação e adaptação para outras modalidades e localidades.

A cidade de Campinas tem uma participação importante na história do basquetebol feminino brasileiro, participação esta que começou na década de 90. Os dois primeiros anos da mesma apresentaram características naturais de constância e linearidade no que diz respeito à prática do basquetebol feminino. Entretanto, no ano de 1992 um projeto relacionado ao basquetebol feminino iniciado na cidade e passou a atuar na mudança da realidade anteriormente conhecida. Foi estruturada a montagem da equipe profissional Nossa Caixa/Ponte Preta que, acreditando numa tendência regional de sucesso no basquetebol feminino (já que havia outras equipes de sucesso na região, a saber, a Cesp/UNIMEP, e Leite Moça/Sorocaba, entre outros), absorveu as atletas de uma equipe que se desfazia e formou sua própria equipe com atletas conceituadas na modalidade. Nesse projeto, criou-se também um espaço para as chamadas categorias menores que agregava meninas de várias idades, que por sua vez faziam parte das escolinhas e equipes mini, mirim, infantil, infanto-juvenil e juvenil, todas mantidas pela Nossa Caixa/Ponte Preta.

Ao longo dos campeonatos, a equipe profissional, que era composta por atletas internacional e nacionalmente conceituadas, foi tornando-se conhecida e respeitada, conquistando campeonatos em nível regional, estadual nacional e mundial. Dessa forma criou-se um contexto de sucesso na modalidade e foi despertado na população de crianças e adolescentes o interesse pela prática da mesma, na qual as atletas da Nossa Caixa/Ponte Preta haviam adquirido o papel de modelo para muitas das crianças que passaram a acompanhar o basquetebol com a chegada da equipe na cidade.

Um dos objetivos da reflexão proposta nesse estudo é, a partir da análise de conteúdos encontrados nas investigações, confrontar os dados coletados na pesquisas de campo e documental com os pressupostos previamente definidos. Sendo assim, é válido destacar um trecho de uma das reportagens selecionadas na fase da pesquisa documental, retirada do jornal "Correio Popular":

Ginásios lotados em tardes de dias de semana indicam que alguma coisa mudou em Campinas. [...] Desde que chegou à cidade de Campinas, há menos de um ano, o basquete feminino da Nossa Caixa/Ponte Preta se incorporou aos hábitos dos campineiros." (TURATI, Laine 1993).

Os hábitos dos campineiros haviam realmente se modificado e a procura pelas equipes menores da Nossa Caixa/Ponte Preta se intensificou de tal forma que foi necessário que se instituísem processos coloquialmente conhecidos como "peneiras", que vigoravam como conjunto de testes que tinham o intuito de selecionar as meninas que integrariam as equipes da Nossa Caixa/Ponte Preta. Nessas ocasiões uma quantidade significativa de meninas tinha a oportunidade de passar pelos testes e por este motivo, tomamos as "peneiras" como um dos indicadores quantitativos da prática da modalidade bem como da disseminação e popularidade da mesma.

Ilustrando estas ocasiões de testes, há dados coletados na fase de pesquisa documental que afirmam que em fevereiro de 1993 havia 300 crianças entre 13 e 17 anos de idade participando dos mesmos. Até a data em questão o maior número de participantes em "peneiras" de basquetebol feminino era de 100 meninas, e sobre este fato, Laine Turati (1993) ainda afirma:

Antes, Paulo Bassul (técnico) reunia durante os teste não mais que 100 meninas. O número três vezes maior que surgiu na Ponte Preta lhe dá a convicção de que o basquete feminino se transformou em febre na cidade.

Em entrevista, nesta mesma reportagem colhida durante a fase de pesquisa documental do jornal "Correio Popular", o técnico Paulo Bassul concorda com a autora da reportagem, dizendo que o basquetebol feminino havia realmente se tornado hábito na cidade de Campinas, fato que poderia ser facilmente comprovado pelas meninas que observavam atentas os treinamentos da equipe profissional e lotavam as quadras de esporte da cidade, fato que pode ser atribuído, segundo Bassul, à campanha da Nossa Caixa/Ponte Preta na temporada. Segundo ele, Paula, Karina, Nádia e outras servem de espelho para quem sempre teve vontade de jogar, mas nunca contou com motivação para levar o sonho adiante (Laine Turati, 1993). Hermes Balbino, um dos sujeitos participantes da fase de

pesquisa de campo, em entrevista semi-estruturada afirmou que numa das oportunidades em que houve as "peneiras" para as equipes menores da Nossa Caixa/Ponte Preta, registrou-se a presença de aproximadamente 1000 crianças desejando fazer parte das mesmas. Balbino foi preparador físico da equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta e de outras equipes de expressão da região, bem como da seleção brasileira de basquetebol feminino. Este é certamente um número expressivo que pode ser considerado, conforme afirmado anteriormente, uma amostra quantitativa que indica a popularidade do basquetebol feminino nos anos de 1992/93 e a quantidade de crianças que já o praticavam ou interessadas em iniciar sua prática.

Os dados coletados neste estudo nos levaram a inferir que este interesse surgiu, devido à presença de uma equipe profissional na cidade. Durante a pesquisa de campo, Ângelo Diniz (atual técnico das equipes da Prefeitura de Paulínia), um dos sujeitos entrevistados, acrescentou a essas razões elencadas o fato de o patrocinador Nossa Caixa/Nosso Banco ter se aliado a um nome forte e de tradição no cenário esportivo campineiro. A Associação Atlética Ponte Preta é uma instituição conceituada na cidade e, por essa razão, possui um número relevante de torcedores, formando um público fiel e participativo, que acabou por interagir com a modalidade basquetebol feminino. O futebol foi, como é atualmente, modalidade de destaque na AAPP, contudo, na época em que vigorou a parceria Nossa Caixa/Ponte Preta, o basquetebol feminino passou a integrar a rotina dos torcedores pontepretanos. Enfim, todos esses fatores culminaram na geração de uma imagem de sucesso que chamava a atenção das meninas, atraindo-as para a prática do basquetebol, que teve seu auge no momento em que a equipe conquistou o Bicampeonato mundial Interclubes, quando a mesma contava com a presença das melhores jogadoras que atuavam no país (entre elas, Paula, Hortência e Karina).

O projeto da Nossa Caixa/Ponte Preta vigorou por aproximadamente 3 anos e posteriormente se extinguiu com a retirada do patrocínio para as categorias menores. Diante dessa situação, as meninas que praticavam basquetebol nos núcleos da Nossa Caixa/Ponte Preta ficaram sem local de treino e na realidade sem equipe para representar. Mila Rondon Soto Maior (ex-técnica das categorias menores da Nossa Caixa/Ponte Preta e Microcamp e atual técnica das categorias menores das equipes da UNIMED/Americana) foi um dos sujeitos entrevistados na fase de pesquisa de campo e técnica das equipes menores da Nossa

Caixa/Ponte Preta, sendo portanto testemunha desses momentos do basquetebol campineiro, e sobre os mesmos revela:

[...] "a gente teve um apoio só para categoria menor e que a gente pode dar uma atenção bem grande para categoria menor, e a gente sentiu ali como as meninas de Campinas tinham ganho uma identidade, tinham ganho um padrão para poder puxar um trabalho. Então naquele momento ali ficou claro que não eram mais aquelas jogadoras de fora que tinham vindo, mas aquela geração que tinha iniciado a 4 anos atrás e, que já estava tendo resultado e já estavam sendo convocadas para seleções de categoria menor. Então eu achei que para Campinas, para mim que trabalhava ali, aquele foi o melhor momento". (I.V.)

Dessa forma, foi dada continuação ao trabalho com o basquetebol na cidade e algum tempo depois, no ano de 1996, diante da tradição que a cidade havia adquirido na modalidade, surge um novo patrocinador com o objetivo de reestruturar o basquetebol feminino em Campinas, formando então a equipe da Microcamp. Dessa equipe participavam algumas das atletas que haviam integrado a extinta equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta, e juntamente com outras atletas de talento, mantinham o status do basquetebol campineiro com bons resultados na categoria adulto. Com a volta desse ambiente de sucesso e com a nova criação de equipes menores ligadas a uma vitoriosa equipe principal, as meninas tinham novamente o modelo que as motivava tanto ao início quanto ao retorno à prática. O projeto do novo patrocinador, a Microcamp era, de certa forma, semelhante ao da Nossa Caixa/Ponte Preta e, de acordo com Balbino (um dos sujeitos da pesquisa de campo), havia a disseminação de núcleos que atuavam em conjunto com a prefeitura e em centros comunitários, dos quais participavam, segundo o mesmo, aproximadamente 700 crianças. No período em que Microcamp nascia e se firmava no cenário regional e posteriormente nacional, durante as "peneiras" foram selecionadas algumas meninas que não residiam na cidade de Campinas, surgindo a necessidade de se criar uma "república" onde as mesmas pudessem se instalar. Em dados coletados durante a fase de pesquisa documental Ilone Villas Boas revela que na república moravam 18 das 96 meninas que integravam todas equipes menores da Microcamp. Este é certamente um número expressivo, que revela a disseminação do basquetebol e a quantidade de meninas

que o praticavam, fato que pode ser acrescido pela informação cedida por Mila Rondon Soto Maior (sujeito entrevistado na pesquisa de campo), quando a mesma afirma:

"As crianças procuravam bastante, às vezes procuravam diretamente nosso trabalho de iniciação e às vezes vinham trazidas por outros profissionais, e isso era uma coisa muito boa, porque a Andorinha fazia um trabalho com basquete feminino na época, o Irineu no SESI, o próprio Regatas fazia a iniciação de algumas meninas. Então várias meninas vieram encaminhadas desses profissionais e chegaram nas nossas mãos já com certo conhecimento das regras, o que facilitava bastante o trabalho.(I.V.)"

Diante dessas afirmações, podemos entender que as 96 meninas que integravam as equipes principais da Microcamp, certamente não representavam o número total de praticantes de basquetebol feminino, uma vez que, de acordo com as informações de Mila, outras instituições também ofereciam a prática do basquetebol feminino e absorviam a procura crescente, sendo essas instituições os clubes da cidade de Campinas. Remetendo a discussão a um período no qual a equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta não havia ainda sido extinta, um dos sujeitos que respondeu à entrevista semi-estruturada da fase de pesquisa de campo, Paulo Bassul (técnico da equipe UNIMED/Americana - atual campeã brasileira na categoria adulto, ex-técnico das categorias menores da Nossa Caixa/Ponte Preta e Microcamp) afirma:

[...] "a Ponte Preta levou um grande time para lá, com jogadoras conhecidíssimas e aí houve um" BUM "nas escolinhas a ponto de até a gente ter que correr atrás de material, correr atrás de praça esportiva, de professores para poder absorver a procura que era muito grande, não só de meninas de Campinas como de meninas procurando de outros estados para jogar em Campinas" [...].

Este depoimento demonstra que a procura ultrapassou as expectativas dos próprios organizadores e executores do projeto, de forma que foi necessária a providência de mais material e local para que os projetos fossem desenvolvidos. Este dado ilustra de maneira fiel o crescimento do interesse das meninas pela prática do basquetebol.

Posteriormente, a equipe da Microcamp também foi extinta por falta de patrocínio. Contudo, o processo ocorreu de forma diferente do processo de extinção da equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta, uma vez que no caso da Microcamp, o patrocínio das equipes menores foi retirado anteriormente ao da equipe principal, que continuou a participar dos

campeonatos, mas inevitavelmente se extinguiu algum tempo depois. Houve ainda uma tentativa da prefeitura Municipal de Campinas em absorver as meninas, que ficaram sem equipe na Associação dos Servidores Públicos de Campinas mas esta inevitavelmente também fracassou depois de algum tempo.

A equipe da Microcamp foi a última grande equipe de basquetebol feminino que se instalou na cidade de Campinas e com a sua extinção houve também uma brusca queda no número de praticantes da modalidade ao longo dos anos. Outras importantes equipes de destaque nacional também foram sendo extintas ao longo desses anos, a saber as equipes da Data Control, Lacta/santo André, e Leite Moça/Sorocaba, entre outras. As atletas, por sua vez, se transferiam para as equipes que resistiam à crise que foi se instalando na modalidade com o declínio de uma estrutura que envolvia muitas pessoas e principalmente muito investimento. Não é possível outorgar uma razão para o fim de várias grandes equipes que, além da retirada do patrocínio, estava constantemente ligado a outros pormenores. Sobre este assunto Angelo Diniz (técnico das equipes de basquetebol feminino da Prefeitura Municipal de Paulínia), um dos sujeitos participante das entrevistas semi-estruturadas realizadas na pesquisa de campo, acredita que o fato de ter havido um grande investimento em algumas das equipes concentrou as melhores atletas em poucas delas tornando-as, de certa forma, hegemônicas. Essa hegemonia, segundo Diniz, gerou uma disparidade entre as equipes acabando por desmotivar atletas e patrocinadores das outras equipes. O fim da equipe da Microcamp representou o final da existência de equipes profissionais de basquetebol feminino na cidade de Campinas, bem como o desfecho de um período em que a região da mesma teve relevante participação na seleção brasileira. Atualmente, a região abriga somente duas equipes de basquetebol feminino profissional. Uma delas acaba de ser estruturada na cidade de Piracicaba por uma das atletas que atuavam na época da Microcamp, na tentativa de não deixar que a modalidade se extinga por completo. A outra é a equipe UNIMED/Americana, atual campeã brasileira na divisão principal e que mantém em conjunto com a equipe campeã um importante trabalho com categorias menores a exemplo dos projetos realizados na década de 90 em Campinas, abrigando várias meninas e motivando outras à prática da modalidade.

Quando indagados sobre a atual situação do basquetebol feminino na cidade de Campinas, todos os sujeitos entrevistados durante a pesquisa de campo foram unânimes em

afirmar que não há nenhuma equipe de destaque inscrita em federação, e nenhum investimento na modalidade, qualquer que seja sua natureza (prefeitura, empresas privadas, clubes, etc.). Os sujeitos também afirmaram conhecer apenas uma tentativa de estruturação do basquetebol feminino, ainda que isolada, atribuída por todos a Irineu Satiro, um dos sujeitos entrevistados e atual técnico do SESI Campinas.

A conformação dos dados coletados pode ser considerada um diagnóstico da atual situação da modalidade basquetebol feminino na cidade de Campinas, diagnóstico este que revela informações relevantes na estruturação dos pressupostos elencados inicialmente. Num primeiro momento fica claro, através das entrevistas semi-estruturadas, que atualmente não há investimentos no basquetebol feminino, fato sobre o qual Marcelo Bandiera Sávio (ex-técnico da equipe da Prefeitura Municipal de Campinas que ascendeu à divisão principal do basquetebol feminino paulista no ano de 2002), sujeito participante das entrevistas semi-estruturadas realizadas na fase de pesquisa de campo, contribui com o seguinte depoimento:

"Eu acho que nós estamos passando um momento ruim de pouco investimento, de poucas escolas, poucas crianças praticando basquete e o basquete feminino é ainda mais prejudicado, porque quem faz basquete em Campinas são os clubes, não é a prefeitura, e os clubes não tem tradição em basquete feminino. Então eu acho que o basquete feminino fica muito mais prejudicado por isso, por ele não ter tradição dentro dos clubes, que é quem faz o esporte" [...] (I.V.)

Pode-se concluir, num segundo momento, a partir das informações apresentadas que a modalidade em questão tem, em Campinas, raros espaços reservados para sua prática, onde meninas interessadas possam dispor de orientação profissional de técnicos e dirigentes esportivos. Num terceiro momento, faz-se ainda saber o fato de que o interesse das meninas pelo basquetebol feminino também é escasso, formando-se assim um ciclo de questões que contribuem para o enfraquecimento contínuo da modalidade na cidade e na região. Não há mais o hábito adquirido no período em que as grandes equipes permaneceram em Campinas, que incluía o basquetebol feminino na rotina dos cidadãos e principalmente nos sonhos e planos das meninas. Marcelo Sávio, em resposta à entrevista semi-estruturada afirma sobre a atual situação do basquetebol feminino em Campinas: "De penúria. Não só de basquete feminino, eu vejo do basquete de forma geral (...)".

Diante do atual cenário diagnosticado pelo presente estudo e conforme sintetizado por Marcelo Sávio, torna-se evidente que a cidade de Campinas apresenta carência de locais, profissionais e praticantes da modalidade basquetebol feminino, fato que julga-se poder ser atribuído, entre outras razões, à falta de ídolos que possam atuar na motivação das crianças através da representação de um modelo de sucesso.

É válido remeter a discussão ao período de existência das equipes da Nossa Caixa/Ponte Preta e Microcamp, que coincidiu com um período em que a seleção brasileira obteve bons resultados internacionais e a começar pela conquista do campeonato pan-americano de Havana, em Cuba no ano de 1991. Os mesmos seguiram-se ainda através da conquista do campeonato mundial em 1994, na Austrália, e em seqüência, no ano de 1996, obtiveram o vice-campeonato olímpico em Atlanta, nos Estados Unidos, e posteriormente, no ano de 2000, o terceiro lugar nas Olimpíadas de Sydney, na Austrália. Ultimamente os resultados internacionais não têm sido de expressão similar e, conforme diagnosticado, a situação do basquetebol brasileiro em geral encontra-se diferente. Não se têm mais ídolos como eram as atletas da década de 90, que representavam a participação do Brasil entre os melhores do mundo no basquetebol feminino, e o fim do período em que o basquetebol foi uma das modalidades em destaque no país foi representado pela ida das melhores atletas brasileiras para equipes do exterior, que podem investir mais na modalidade e gerar melhor retorno para as próprias atletas. Essa situação permanece atualmente, com atletas atuando na Rússia, Europa e até mesmo na mais forte liga de basquetebol feminino no mundo, a WNBA (Women National Basketball Association) nos Estados Unidos, da qual a atleta Janete retornou há pouco tempo. Com um número relevante das melhores atletas brasileiras atuando no exterior, instala-se uma situação de distanciamento entre ídolos e público, sendo então responsável por um desconhecimento das atletas pelo público brasileiro, que passa a não apresentar motivação e interesse pela modalidade. Essa falta de motivação inicia-se na modalidade como espetáculo e posteriormente reflete-se numa dimensão mais profunda, representada através falta de interesse pela prática da mesma, atingindo consequentemente as meninas que acabam se mostrando desmotivadas à prática do basquetebol feminino. A ausência e desconhecimento identificados são minimizados apenas em ocasiões de convocação e apresentação da seleção brasileira, quando a população brasileira tem acesso

à atuação das atletas. Este contato restrito, no entanto, não se mostra efetivo no que diz respeito à motivação do público.

Diante das informações e entrevistas coletadas, a nós parece ficar explícito que realmente existe uma interdependência significativa entre a iniciação esportiva e o esporte profissional, já que fica claro que existem disparidades acentuadas entre os dois momentos analisados neste estudo. No período em que as grandes equipes permaneceram em Campinas houve interesse das meninas em iniciar a prática do basquetebol, interesse este que foi crescendo e se acentuando ao longo do tempo até ser incorporado como hábito na rotina campineira. Nesse período, até mesmo as sessões de treinamento das equipes principais tinham espectadores e, de acordo com dados coletados, as praças esportivas eram utilizadas durante toda a semana. Com o encerramento das atividades das grandes equipes na cidade, entrou em declínio também o interesse pela prática, e pela modalidade em geral, bem como o número de praticantes, todos de forma drástica. O que se verifica atualmente é uma situação de abandono sem investimentos, com escassas tentativas de impedir o desaparecimento total da modalidade na cidade.

Dessa forma pudemos compreender e identificar que a presença das equipes profissionais foi de extrema relevância atuando na modificação do comportamento dos indivíduos. A existência de atletas de nível internacional e de uma equipe de bons resultados foi definitivamente um diferencial para a geração desse ambiente no qual o basquetebol feminino era destaque, mas acredita-se que a simples presença de equipes profissionais (não necessariamente extremamente vitoriosas) possam ser responsáveis por esse tipo de comportamento nas cidades e regiões escolhidas como sede. As equipes e atletas certamente atuam nesses casos como o modelo esportivo ao qual nos referimos no início de nossa exposição. Ilone Villas Boas, repórter do jornal "Correio Popular", em reportagem referente à república mantida pela Microcamp para as atletas de categorias menores não residentes em Campinas, afirma:

A expulsão, sem dúvida, é a punição que nenhuma delas quer receber. Afinal todas estão no basquete para chegar à seleção adulta, disputar uma olimpíada e serem famosas, como são hoje as vice-campeãs olímpicas. (Ilone Vilas Boas, 1996).

Durante a fase de pesquisa de campo, todos os sujeitos que responderam à entrevista semi-estruturada foram unânimes em afirmar que muitas das meninas que procuravam a prática do basquetebol naquele período tinham a esperança de se tornarem atletas de sucesso como seus ídolos, e para ilustrar a essas afirmações foram selecionados dois depoimentos, o dos sujeitos Paulo Bassul e Mila Rondon Soto Maior, que atuaram como técnicos das categorias menores das duas grandes equipes que se instalaram em Campinas:

"Acho que a motivação estava muito ligada ao fato de elas vicenciarem equipes com jogadoras de seleção brasileira, delas terem esse espelho muito forte. Algumas já vinham pelo amor ao próprio jogo, mas a grande maioria era pelo espelho mesmo." (Mila R. S. Maior). (I.V.)

" Eu acho que a primeira é essa que eu falei, eu acho que é a identificação com o ídolo, a criança tem muito isso. A criança sonha e a criança na idade que a gente inicia acredita que podem chegar a qualquer lugar, a menina acha que realmente o que ela quiser, ela vai fazer, ela vai chegar . Então quando ela se identifica com o ídolo da modalidade isso faz com que ela busque aquilo e ela tenha convicção de que ela um dia vai jogar igual aquele ídolo. Então isso é um fator de motivação, mas acho que isso não segura a criança na modalidade. O que segura a criança na modalidade num segundo momento é o prazer que ela sente nas aulas, nos treinos e as qualidades do professor e aí a importância dos profissionais que trabalham com essa faixa etária. " (Paulo Bassul). (I.V.)

Cabe ainda, nesse momento, referência à outra fala do sujeito da pesquisa de campo, Paulo Bassul, com o objetivo de esclarecer e demonstrar a importância dos pressupostos defendidos durante todo o estudo. Referindo-se à época na qual houve a transição da equipe da Nossa Caixa/Ponte Preta para a equipe da Microcamp, o mesmo afirma:

"Aí teve um momento depois de alguns anos que o nível de investimento no adulto diminuiu, as estrelas já não estavam mais na cidade e houve uma queda nessa procura das crianças para iniciar, mas aí a gente já tinha um trabalho de base forte, e continuou disputando aí todas as categorias da federação, mas com menos crianças nas escolinhas." (I.V.)

Desta forma, a nosso ver, fica explícito que a iniciação esportiva depende intimamente do esporte profissional, já que enquanto o mesmo esteve afastado da cidade a procura pela prática por crianças teve uma queda voltando posteriormente a aumentar

quando o esporte profissional voltou a cidade através da estruturação da equipe de Microcamp. O esporte profissional pode, portanto atuar na modificação da imagem que os espectadores têm da modalidade, criando hábitos e motivando os mesmos a pratica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos ao longo deste estudo as relações de interdependência existentes entre a iniciação esportiva e o esporte profissional. Nossas constatações se organizaram inicialmente a partir da elaboração de um marco teórico, construído através da revisão bibliográfica, utilizando obras que tratam da Pedagogia do Esporte com ênfase na Iniciação Esportiva; posteriormente através dos depoimentos colhidos durante as entrevistas na pesquisa de campo e das informações recolhidas nos jornais na fase da pesquisa documental. Contudo, faz-se necessário ressaltar o fato de que, a nosso ver, a existência e proximidade de uma equipe ou representante do esporte profissional realmente motiva as crianças à prática da modalidade, mas não garante a permanência das mesmas na atividade. O atleta profissional e seus bons resultados colocam suas modalidades em destaque no cenário esportivo e atraem as atenções dos espectadores e principalmente das crianças sendo, em grande parte, responsável pelo ingresso das mesmas na modalidade, configurando-se assim como motivação extrínseca, caracterizada no referencial teórico. Entretanto, a permanência das crianças nas práticas esportivas depende de outros fatores, dentre os quais se revela de importância elevada a maneira pela qual a iniciação esportiva é abordada, configurando-se assim a motivação intrínseca, também caracterizada no referencial teórico.

Conforme sinalizado anteriormente no referencial teórico, a forma como é abordada a iniciação esportiva pode ser responsável pela permanência ou pelo egresso dos praticantes. Nesse contexto, a iniciação esportiva assume um significado importante cujo principal objetivo é, entre outros, o de despertar nas crianças o gosto pela prática da modalidade e desenvolver nas mesmas noções da importância e dos benefícios da atividade física, criando o hábito de prática desta. De acordo com o referencial teórico elaborado para o presente estudo, o modelo centrado no jogo é um meio adequado de apresentar às crianças o esporte que contribui com o crescimento e desenvolvimento equilibrado das mesmas, outro dos objetivos atribuídos à iniciação esportiva. Não obstante, o profissional deve também atuar através de uma conduta diferenciada, na qual preconiza-se o desenvolvimento de fator chamado por Kosarkas (2003) de clima motivacional orientado para a educação. Diante da associação dessas formas de abordagem da iniciação esportiva,

a competição passa a ser a continuidade do processo, transformando-se em agente educador, contribuindo assim para a possibilidade de não especialização precoce, apontada por Paes (2003) como uma das razões responsáveis pela evasão prematura das crianças. Dessa forma, torna-se possível oferecer às mesmas uma iniciação esportiva prazerosa, educativa e simultaneamente capaz de identificar atletas, para aqueles que venham a ter este objetivo.

Aproximando a discussão do fenômeno diagnosticado pelo presente estudo, que associa a motivação das crianças à presença de equipes profissionais, foi verificado na cidade de Campinas na década de 90 o que verifica-se no presente momento na cidade de Americana. Há aproximadamente 7 anos iniciou-se um projeto na cidade similar ao anteriormente realizado em Campinas pela Nossa Caixa/Ponte Preta, projeto este que atualmente permanece em vigor e começa a gerar resultados e colher frutos segundo técnico da equipe principal da cidade, Paulo Bassul. A equipe profissional UNIMED/Americana é a atual campeã brasileira da divisão principal do basquetebol feminino e durante seus anos de existência obteve outros bons resultados, atraindo a atenção das meninas da cidade e motivando-as à prática. Diante desse ambiente, as equipes menores da UNIMED/Americana são freqüentemente procuradas, assim como as escolinhas que integram o projeto desenvolvido na cidade. A equipe da UNIMED/Americana tem, portanto, atuado no sentido de motivar as meninas a procurar a prática do basquetebol feminino como ocorreu em Campinas e outras cidades da região.

Ainda com relação ao fenômeno diagnosticado, faz-se válido levantar nesta fase do estudo alguns dados coletados na pesquisa documental que atuam na compreensão de tal fenômeno. Segundo dados coletados na Federação Paulista de Basquetebol (F.P.B.) (anexo I), durante o período em que o basquetebol feminino brasileiro esteve em destaque no cenário mundial, a quantidade de equipes participantes dos campeonatos em todas as categorias disputadas era superior aos números apresentados atualmente. No ano de 1992 participaram, nas categorias mini e mirim, vinte e cinco e dezenove equipes respectivamente. Estes números mostraram poucas variações nos anos que se seguiram, fato que pode estar relacionado aos bons resultados da seleção brasileira em competições internacionais e à presença de equipes fortes nos campeonatos estaduais e nacionais. Em 1995, ano que antecedeu a conquista do vice-campeonato olímpico em Atlanta, EUA, a

F.P.B. computou a participação de quarenta e duas equipes na categoria A2, representativa da segunda divisão do basquetebol feminino, ou seja, havia nesta época quarenta e duas equipes com o desejo de ascender à divisão principal do basquetebol feminino paulista e, teoricamente apresentando condições financeiras de se manter na mesma. Em 2002, último ano já analisado em relatório pela F.P.B. (Já que o relatório de 2003 ainda não havia sido concluído), o número de participações sofreu um decréscimo em todas as categorias, a saber na categoria A2, cuja quantidade de equipes não passou de 9.

Conforme dito anteriormente, esses dados podem estar intimamente relacionados à presença de equipes profissionais nos campeonatos estaduais e nacionais, e principalmente ao período em que a seleção brasileira apresentou bons resultados internacionais. O ano de 1992 foi marcado pela estruturação da equipes da Nossa Caixa/Ponte Preta na cidade de Campinas, que obteve nos anos posteriores entre outros títulos importantes, o Bicampeonato mundial. No ano de 2000, a seleção brasileira de basquetebol feminino conquistou o terceiro lugar nas olimpíadas de Sydney, na Austrália, configurando-se então o fim do período referido por este estudo como representante de bons resultados, entre eles, 1994 - conquista do campeonato mundial; 1996 - vice-campeonato olímpico. Os resultados internacionais e conseqüentemente a atual situação do basquetebol feminino brasileiro no cenário mundial não são similares às do período estudado, a saber o resultado do último campeonato mundial de basquetebol feminino, no qual a seleção brasileira classificou-se no sétimo lugar.

O fenômeno em questão tem sido verificado em outras modalidades, como foi o caso do tênis, quando Gustavo Kuerten destacou-se no cenário mundial colocando-se entre os melhores do mundo no ranking da ATP (Associação dos tenistas profissionais) e transformou-se em tópico obrigatório em todos os noticiários de esportes. Atualmente sua posição no ranking não é a mesma e este fato é atribuído a uma contusão. A nosso ver em breve, possivelmente presenciaremos uma queda no interesse pela modalidade tênis, caso Gustavo Kuerten não consiga recompor suas posições no ranking. Relativamente mais recente é o caso da modalidade Ginástica Artística, coloquialmente conhecida como ginástica olímpica. A Ginástica Artística brasileira feminina teve sua primeira participação em Jogos Olímpicos no ano de 1988, com a atleta Luísa Parente, e até o início do ano de 2003 apresentava raros bons resultados internacionais, sendo alguns deles de pouca

expressão. Tal situação começou a ser modificada quando a atleta Daiane dos Santos conquistou, em 2003, a medalha de ouro no Mundial de Ginástica Artística, e passou então a ser destaque e conseqüentemente notícia no cenário esportivo nacional. No presente ano, no mês de Abril, Daiane dos Santos, Camila Comin e Daniele Hypólito, entre outros atletas, obtiveram bons resultados na primeira Copa do mundo realizada no Brasil, que por sua vez obteve sucesso relevante tendo seus ingressos esgotados dias antes da realização da competição. Conforme afirmado anteriormente, Daiane se destacou quando venceu a prova de solo no Campeonato Mundial de Ginástica Artística em 24 de Outubro de 2003, sendo a primeira atleta do país a conquistar tal feito. Atualmente pode-se dizer que a Ginástica Artística brasileira pode ser dividida em dois momentos: antes de Daiane, Daniele e Camila, quando o Brasil não apresentava em sua cultura esportiva tradição e alto interesse pela ginástica, e depois do aparecimento das atletas em destaque.

Em reportagem publicada no dia 21 de Março de 2004 no jornal Correio Popular da cidade de Campinas o jornalista Eduardo Caruso mostra que a procura pela modalidade cresceu depois dos bons resultados apresentados pelas atletas brasileiras.

[...] Com isso a ginasta (Daiane) tornou-se o mais novo ídolo nacional e despertou o interesse de crianças que estão procurando as escolinhas especializadas na iniciação do esporte.

No Clube Campineiro de Regatas e Natação, que possui a mais tradicional equipe de ginástica olímpica da cidade, cresceu cerca de 50% a procura por matrículas de crianças interessadas em praticar o esporte. ' Além de aumentar a procura, deu maior motivação para as ginastas que já estão no nosso grupo' ressaltou a técnica Maria Luiza Detanico Meyer, a Malu..

Segundo ela, a presença de uma atleta de ponta no país é sempre um fator positivo para o esporte, principalmente pela divulgação na imprensa. ' Elas começam a ver o esporte que praticam na mídia. Quando a Daniele Hypólito apareceu, também aumentou em 30% a procura.'

Sobre o mesmo tema, o jornal Correio Popular publicou em 02 de Maio de 2004 outra reportagem, desta vez sobre a modalidade Judô e com um enfoque contrário ao da

Ginástica Artística. Consta na reportagem que o Judô na cidade de Campinas revelou no passado diversos atletas de destaque no cenário nacional, e que se tornaram profissionais. Contudo, por falta de apoio na cidade, os atletas se viram obrigados a procurar outros locais que os incentivassem de forma que pudessem se dedicar exclusivamente ao esporte, deixando de treinar e competir por Campinas. Sobre as conseqüências desta migração dos atletas profissionais do Judô, o autor da reportagem, Daniel Azevedo, ainda afirma:

" Sem os atletas de ponta nas academias e clubes, muitos iniciantes perdem a motivação. ' Sem os ídolos perde-se o efeito espelho, no qual novos valores se motivam para dar mais de si' raciocina Germano " (ex-atleta e atualmente técnico da modalidade).

Estes mais recentes dados vêm evidenciar a veracidade dos pressupostos construídos e discutidos neste estudo, já que fica evidente que a as crianças motivam-se à procura dos esportes que estão em evidência devido a presença de ídolos. Tal fenômeno pôde ser observado, através deste estudo, mais especificamente no basquetebol feminino de Campinas que foi tomado como modelo. Contudo, os dados da Ginástica Artística e do tênis vêm comprovar que o mesmo ocorre nas diversas modalidades, sejam elas individuais ou coletivas.

Desta forma, torna-se possível inferir que completa-se um ciclo de interdependências constatadas entre a iniciação esportiva e esporte profissional, cuja relação mostra-se ser de reciprocidade intensa, para que a mesma possa ser saudável e proveitosa às partes. O esporte profissional de alta qualidade por meio da projeção de ídolos, atua na motivação das crianças à prática esportiva estimulando a iniciação. O esporte profissional por outro lado, através do aumento no número de praticantes, possui uma maior gama de possibilidades e probabilidades de sucesso, já que quanto maior o número de praticantes, maior a probabilidade de serem identificados atletas de qualidade e futuros ídolos. Nesta relação deve-se ainda incluir o caráter educacional do esporte que terá lugar na iniciação esportiva e dependerá da forma de abordagem que o profissional trará para a mesma - conforme discutido no referencial teórico - beneficiando a todos os praticantes, futuros atletas ou não, que terão a oportunidade de, mais do que aprender esporte, ter acesso pelo mesmo a uma aprendizagem social.

Através do diagnóstico realizado sobre o basquetebol feminino na cidade de Campinas e das evidências destacadas diante das relações constatadas, torna-se possível observar que tais relações anteriormente harmônicas foram responsáveis pela criação de novos hábitos na rotina da população campineira e posteriormente pela manutenção dos mesmos no que diz respeito à convivência com o basquetebol nas suas diferentes possibilidades, seja na forma de espectadores, praticantes ou mesmo de simpatizantes da modalidade. Os hábitos adquiridos no período em questão foram mantidos pelos indivíduos que presenciaram o processo, como comprova-se no caso das meninas que iniciaram a prática do basquetebol nas categorias menores da Nossa Caixa/Ponte Preta e Microcamp e hoje são atletas de destaque nacional e internacional Micaela Martins, Silvia Cristina Rocha, Juliana Belinazzo e Nathália Gabrielli, entre outras. Com o fim das grandes equipes os hábitos em questão não foram transmitidos através das gerações e hoje a situação encontrada é oposta à que se verificava antes do fim de tais equipes. Para que haja uma reversão desta situação, uma das soluções possíveis pode incluir a retomada do processo de motivação - disseminação - criação de hábitos, para que o basquetebol profissional e as diversas modalidades não se extingam.

Durante a realização deste estudo foi possível verificar que a cidade de Campinas não foi exceção no processo da extinção do basquetebol feminino e conforme diagnosticado através dos dados coletados na F.P.B., várias outras cidades da região passaram por processos similares. Sendo assim, faz-se válido ressaltar que este estudo foi concluído em sua especificidade e dimensão de pesquisa, concomitantemente expandindo as possibilidades de se realizar estudos similares em nível estadual e nacional, como também eleger como foco de estudo de futuras pesquisas, outras modalidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Jorge Olímpio; G. Rui; Graça, Armândio. Contextos da pedagogia do desporto - Perspectivas e Problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

DAÓLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - O modelo pendular. Revista Brasileira de Ciência do Movimento, Brasília, v.10, n.4, p.99-104, out 2002.

DE ROSE JR., D. et al. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar, São Paulo: Artmed, 2002.

FARIA, R. Quando especializar uma criança no esporte? Correio Popular, Campinas 27 de Abril 2003. Caderno d, p. 6.

FONSECA, A. M. Motivação dos jovens para a Prática desportiva Federada" Ministério da juventude e do desporto

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In. Graça, A & Oliveira, J. (Ed.) O Ensino dos Jogos desportivos. Universidade de Porto, Faculdade de Ciências do desporto e da Educação Física, 1995.

G, Adroaldo; T, Lisiane; B, Carlos Iniciação Esportiva e a Educação Física Escolar. In Silva, F. M. Treinamento Desportivo: aplicações e implicações, João Pessoa-PB editora Universitária/UFPB, 2002.

KOSARKAS, P. O clima Motivacional na Iniciação Esportiva: um estudo sobre a prática pedagógica e os significados de esporte e educação. São Paulo, SP, 2003/ Dissertação de mestrado - EEFUEUSP.

KUNZ, E. Transformação didático - pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; M. Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1991.

MONTAGNER, P.C. Esporte de competição x educação? : O caso do basquetebol. Piracicaba, São Paulo 1993, dissertação (mestrado) UNIMEP, Faculdade de Educação Física.

MOREIRA, S. M. Pedagogia do esporte e o Karetê-dô: Considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. Campinas, 2003/ Dissertação de mestrado (FEF - UNICAMP)

MORIN, E. Sete saberes necessários para a Educação do Futuro, São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO 2001.

PAES, R. R. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

PAES, R. R. Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed da Ulbra, 2001.

RUBIO, K. O Atleta e o mito do Herói: O imaginário esportivo Contemporâneo. São Paulo, 2001/ Tese de Doutorado - EEFUEUSP.

TRIVINÓS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação, São Paulo: Atlas, 1987.

SITES ACESSADOS NA PESQUISA DOCUMENTAL

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASQUETEBOL (CBB). Disponível em: <<http://www.cbb.com.br>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2003.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASQUETEBOL (FPB). Disponível em: <<http://www.fpb.com.br>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2003.

ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE BASQUETEBOL (BBS). Disponível em :
<<http://www.arbasquete.com.br>>. Acesso em : 19 de Setembro de 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS PRESIDENTES DE ENTIDADES SOCIAIS E ESPORTIVAS DE CAMPINAS (Apesec). Disponível em: <<http://www.apesec.com.br>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2003.

REPORTAGENS DE JORNAL UTILIZADAS NA PESQUISA DOCUMENTAL

AZEVEDO, D. Falta de apoio afasta judocas de Campinas. **Correio Popular**, Campinas 02 Mai. 2004. Caderno D, p.7.

CARUSO, E. Cresce interesse pela ginástica olímpica. **Correio Popular**, Campinas 21 Mar. 2004. Caderno D, p.5

BOAS, I. V. Nova geração do basquete espera convocação. **Correio Popular**, Campinas 18 abr. 1993. Caderno Esportes, p.17.

BOAS, I. V. Hortência e Paula iniciam a nova era do basquete. **Correio Popular**, Campinas 28 maio. 1993. Caderno Esportes.

BOAS, I. V. PESCARINI, F. Talento faz a diferença na decisão. **Correio Popular**, Campinas 27 set. 1993. Caderno esportes. p. 2.

BOAS, I. V. Encontro de gerações marca a festa do basquete da Ponte. **Correio Popular**, Campinas 15 dez. 1993. Caderno Esportes.

BOAS, I. V. A caminho de um título inédito. **Correio Popular**, Campinas, 31 jan. 1994. Caderno Esportes. p. 3

BOAS, I. V. Basquete da Ponte joga para salvar a escolinha. **Correio Popular**, Campinas 26 abr. 1994. Caderno Esportes. p. 3.

BOAS, I. V. República do Basquete segue linha dura. **Correio Popular**, Campinas 08 set. de 1996. Caderno Esportes.

BOAS, I. V. Prefeito promete ajuda para formar time masculino. **Correio Popular**, Campinas 13 jan. 1997. Caderno Esportes.

BOAS, I. V. Um show de basquete. **Correio Popular**, Campinas, 27 de janeiro de 1997. Caderno Esportes.

BOAS, I. V. A vez dos homens na Microcamp. **Correio Popular**, Campinas, 29 jan. 1997. Caderno Esportes. p. 3.

DE MARCO, R. Ponte é bi-campeã mundial Interclube. **Correio Popular**, Campinas, 03 set. 1994. Caderno Esportes.

FARIA, R. Quando especializar uma criança no esporte? **Correio Popular**, Campinas 27 abr. 2003. Caderno D, p. 6.

MARTINS, M. A. Microcamp reforça o apoio da torcida. **Correio Popular**, Campinas, 21 de ago. 1997. Caderno Esportes. p. 2.

MARTINS, M. A. Microcamp dispensa oitenta jogadoras. **Correio Popular**, Campinas, 03 set. 1997. Caderno Esportes. p. 3.

MARTINS, M. A. Técnico da Microcamp tenta montar um time concorrente. **Correio Popular**, Campinas, 28 nov. 1997. Caderno Esportes.

MARTINS, M. A. Microcamp estreia no campeonato nacional. **Correio Popular**, Campinas 12 fev. 1998. Caderno Esportes. p. 3.

MARTINS, M. A. Basquete de Campinas corre risco. **Correio Popular**, Campinas, 26 mar. 1998. Caderno Esportes.

MARTINS, M. A. Chega ao fim o time da Microcamp. **Correio Popular**, Campinas, 26 jun. 1998. Caderno Esportes.

MARTINS, M. A. Esporte sofre o golpe de misericórdia. **Correio Popular**, Campinas, 26 jun. 1998. Caderno Esportes.

MARTINS, M. A. Microcamp corre contra o tempo. **Correio Popular**, Campinas, 18 jul. 1998. Caderno Esportes.

TURATI, L. Ponte fecha patrocínio de Cr\$ 1 bilhão no basquete. **Correio Popular**, Campinas, 04 jul. 1992. Caderno Esportes.

TURATI, L. Basquete da Ponte atrai legião de sonhadoras. **Correio Popular**, Campinas, 28 jan. 1993. Caderno Esportes.

TURATI, L. Torcida opta pelo basquete. **Correio Popular**, Campinas, 06 fev. 1993. Caderno Esportes.

6. ANEXOS

6.1 Anexo 1: Tabelas sobre dados colhidos na FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASQUETEBOL

Informações quantitativas sobre as equipes participantes dos campeonatos da F.P.B. no período de 1990 a 2002

TABELAS COM DADOS DA FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASQUETEBOL

1991	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	12
Mirim	17
Infantil	14
Infanto-juvenil	7
Juvenil	8
A 2	-
A 1	9

1992	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	25
Mirim	19
Infantil	-
Infanto-juvenil	16
Juvenil	11
A 2	8
A 1	?

1993	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	21
Mirim	17
Infantil	9
Infanto-juvenil	11
Juvenil	11
A 2	7
A 1	7

1994	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	10
Mirim	11
Infantil	12
Infanto-juvenil	10
Juvenil	7
A 2	8
A 1	5

1995	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	16
Mirim	6
Infantil	11
Infanto-juvenil	17
Juvenil	6
A 2	42
A 1	11

1996		
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES	DE
Mini	7	
Mirim	15	
Infantil	8	
Infanto-juvenil	17	
Juvenil	9	
A 2	27	
A 1	10	

1997		
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES	DE
Mini	11	
Mirim	8	
Infantil	11	
Infanto-juvenil	16	
Juvenil	8	
A 2	19	
A 1	9	

1998		
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES	DE
Mini	7	
Mirim	8	
Infantil	6	
Infanto-juvenil	11	
Juvenil	7	
A 2	17	
A 1	7	

1999	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	4
Mirim	8
Infantil	5
Infanto-juvenil	6
Juvenil	6
A 2	15
A 1	9

2000	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	6-capital + 8-interior
Mirim	5-capital + 8-interior
Infantil	8
Infanto-juvenil	9
Juvenil	8
A 2	10
A 1	8

2001	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	6
Mirim	4
Infantil	8
Infanto-juvenil	10
Juvenil	5
A 2	7
A 1	9

2002	
CATEGORIA	NÚMERO DE EQUIPES PARTICIPANTES
Mini	4-capital+12 interior
Mirim	4-capital + 9-interior
Infantil	6
Infanto-juvenil	9
Juvenil	10
A 2	9
A 1	6

6.2 Anexo 2 - Instrumento de pesquisa formulado para a entrevista semi-estruturada.

A) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1. Nome:
2. Idade:
3. Local atual de trabalho:
4. Formação (ensino superior, ex-atleta, etc.)

B) SOBRE O BASQUETEBOL FEMININO:

1. Há quanto tempo você trabalha com basquetebol feminino? Em qual função?
2. Quais motivos levaram você a trabalhar com basquetebol feminino?
3. Considerando suas experiências com basquetebol feminino, no município de Campinas:
 - 3a) Como era o número de praticantes, durante o período de sua atuação?
 - 3b) Qual a motivação para o ingresso na modalidade (iniciação).

4. Na sua opinião, qual o melhor momento do basquetebol feminino em campineiro?
 5. Quais fatores contribuíram para este momento?
 6. Para você, como se encontra o atual momento do basquetebol feminino campineiro?
 7. Quais fatores contribuíram para este momento?
8. Solicito a sua autorização para possível utilização desses dados em um trabalho de iniciação científica, realizado na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), que tem por objetivo estudar o basquetebol feminino na cidade de Campinas.

6.3 Anexo3 : Transcrição das entrevistas semi-estruturadas na íntegra - realizadas na pesquisa de campo:

Dados de Identificação:

Nome: **Hermes Ferreira Albino**

Idade: 7 de Agosto de 1964, 39 anos.

Local atual de trabalho: sou professor universitário, trabalho na UNICAMP, e no Instituto Adventista de São Paulo.

Formação: sou professor licenciado em Educação Física, pós-graduado e especialista em Ciências do Esporte, mestrado em ciências do esporte e doutorando em ciências do esporte.

SOBRE O BASQUETEBOL FEMININO:

(1) Bom, eu trabalho com basquete feminino com, preparação física, de setembro de 1988, até minha última participação que foi no BCN esportes até abril de 2000, e depois então eu segui carreira universitária.

2) Eu sou de Piracicaba e Piracicaba sempre teve uma cultura muito grande em basquete, quando eu me formei em educação física eu tinha interesse em seguir a área do treinamento e surgiu uma oportunidade de trabalhar junto com o Wagner Bérghamo dentro do BCN Piracicaba. Aí o Wagner imediatamente saiu e eu assumi o lugar dele e eu entrei para trabalhar com basquete feminino.

3 a) Eu trabalhei em Campinas por dois momentos, em 1992/93 na equipe da Ponte Preta/ Nossa Caixa, e 1996 até 1998 com a equipe da Microcamp. Nas duas oportunidades o número de pessoas que praticavam basquete na iniciação era muito grande devido ao projeto de núcleos que era desenvolvido dentro da Ponte ou da Microcamp pelos técnicos de categoria menos. O número era grande, agora não sei falar para você um número preciso, exato, mas tinha pelos umas 700 crianças praticando dentro desses núcleos, com os trabalhos ligados à prefeitura, centro comunitário e esse tipo de coisa. Era um número muito grande inclusive registrando em uma certa oportunidade eles tivera lá um processo de seleção de crianças para jogar nas equipes menores da ponte onde se registrou essa presença de mais de 1000 crianças querendo entrar nessas equipes menores. E eu fui testemunha desse momento, estive lá em vivo vendo as crianças querendo participar das práticas, inclusive tendo vários dias de seleção para elas.

3 b.)A motivação das crianças em iniciar? Eu vejo que está muito ligado ao fator do modelo que está a frente delas. Dificilmente as crianças, elas participam se não houver a perspectiva do futuro na modalidade, então elas enxergam muito a presença de um ídolo ou de uma equipe que tenha um certo destaque, ou instale-se a partir dessa equipe ou desse modelo ou desse ídolo, uma cultura esportiva. Então eu sinto que a motivação das crianças para iniciar o basquete está bem ligada a isso.

4) O melhor momento, sem dúvida foi em 1993, não é, a respeito das pessoas que jogavam aqui, que nenhuma equipe do mundo teve a Paula e a Hortência jogando, aqui foi o único caso. Até pelo número de pessoas que assistiam os jogos, talvez tenha sido a

melhor equipe. Agora, o melhor entrosamento de torcida e equipe, acho que o ambiente mais agradável foi em 1992, onde o time da Ponte foi o primeiro ano e eu senti que existia uma harmonia muito grande da equipe com a torcida, teve uma final do campeonato brasileiro no Ibirapuera onde teve lá 14 mil pessoas, foi um dos maiores públicos de basquete feminino no mundo que foram registrados até hoje. Então são dois momentos de transição de algo que não tinha, de repente começou a ter e depois infelizmente acabou.

5) A presença de uma patrocinador forte que permitiu a presença das jogadoras aqui, a instalação de uma trabalho multidisciplinar dentro da comissão técnica, a presença das jogadoras específicas em destaque com certeza a cobertura de mídia também, porque ela deu muita atenção naquele tempo para tudo que acontecia dentro do basquete, dando privilégio até em alguns momentos em relação ao futebol. Se eu não me engano aquele ano a Ponte, estava na segunda divisão de futebol e ela também lutava para acender e teve assim uma motivação muito grande das pessoas em ver o nome da ponte preta sendo erguido de alguma forma. Então tudo isso contribuiu para que se instalasse um clima muito positivo da prática do basquete junto à Ponte, e tudo isso acho que ajudou bem.

6) É, eu desconheço a presença de equipes competitivas inscritas em federação. Estou um pouco afastado do meio e não tenho conhecimento, mas pelo que eu converso com as pessoas ligadas ao basquetebol, eu creio que inexistam algum trabalho como era o trabalho anteriormente como era o trabalho da Microcamp e da Ponte Preta, talvez hoje esteja mais ligado à prática do basquetebol participativo e não de basquetebol que busca competição, para galgar equipes ligadas à federação paulista.

7) O desmanche das equipes aqui, passagem dessas equipes sem vínculo efetivo do patrocinador com a cidade, por exemplo a Nossa Caixa era ligada à Ponte Preta, a Ponte simplesmente agregava o patrocinador, mas não era o patrocinador. A Microcamp também, em momento algum, se preocupou em se ligar efetivamente de uma maneira consistente e séria a uma entidade aqui dentro, quer dizer, ela não se preocupou

absolutamente com o nome da cidade. Para quem não sabe, Microcamp não é micro de Campinas, mas é microcampeã, então ela não está preocupada com o nome Campinas. Então acho que essas coisas desarmonizam o ambiente da cultura esportiva que é necessário para que esse contexto se formate, seja consistente, ele exista por muitos anos, como é o nome do BCN com Osasco, por exemplo, como são as equipes de Santo André. Os patrocinadores passam, mas as equipes continuam, então é um contexto diferenciado. Acho que isso tudo leva até ao desinteresse das pessoas em praticar a modalidade, a gente vê hoje pelo número de crianças que tentam se iniciar no basquetebol. Em Piracicaba, por exemplo, não existe nenhuma escola de basquete feminino, só existem escolas de basquete masculino, onde o basquete foi sempre muito forte. Então se não existem equipes, se não existe o modelo, acho muito difícil que exista a perspectiva da iniciação, isso eu acho que é essencial.

8) Autorizada a utilização dos dados.

Dados de Identificação:

Nome: **Irineu Ricardo de Camargo Satiro**

Idade: 56 anos.

Local atual de trabalho: SESI Amoreiras, num projeto de basquete.

Formação: Educação física, técnico em basquete, técnico em atletismo e em recreação

SOBRE O BASQUETEBOL FEMININO:

- 1.) Como professor desde 1985 na escola estadual Maria Julieta Cartesani em projetos de basquete, além das aulas normais de Educação física. A partir de 1996, mais especificamente só basquete no SESI Amoreiras.

2.) Era uma área que estava e está carente ainda em Campinas e como uma das funções da gente é dar oportunidade para que as crianças tenham acesso eu meti cara nessa área, nesse lado.

3.a) A princípio, lá em 1985, só havia duas escolas com equipe feminina de basquete, era o que eu conhecia de basquete feminino em Campinas. Cresceu muito quando, no melhor momento que foi a época da Ponte Preta, que veio um projeto com a Mila e o Paulinho que são entusiastas da iniciação, do esporte, da parte de fundamento, gostam muito disso, e desde a criançadinha de 8 anos de idade até o adulto. Foi a melhor época do basquete aqui em Campinas. Agora decaiu muito, uma defasagem muito grande daquela época para cá em número de praticantes do feminino. As meninas daquela época até hoje brilham em equipes da região e até da Espanha, tem gente nos Estados Unidos, da época da Ponte Preta ainda. De lá para cá foi só diminuindo o número de praticantes em qualidade e quantidade

3.b) Muitas começam porque gostam do professor, e depois de ingressar percebem que o basquete é dinâmico cheio de desafios e acabam ficando.

4.) Foi o da Ponte Preta, da época do Paulinho e Mila que vieram de Americana com o projeto pronto envolvendo muita gente. Muita gente apareceu naquela época, se destacou para a seleção brasileira. A Paulinha, a Fernanda Perandini, várias meninas que conseguiram chegar a nível de seleção, saídas daquele trabalho da Mila naquela época da Ponte Preta.

5.) O melhor momento foi esse da Ponte Preta porque veio um projeto completo, ela fornecia um amparo para todas as crianças que participavam, uniforme, ela patrocinava as competições, trazia as melhores da região para jogar aqui, tinha espelho. Então foi muito grande esse momento do basquete em Campinas.

- 6.) Ainda está fraco, atualmente está carente de espaço em Campinas, as meninas tem pouca oportunidade de treino, pouco local para treinamento, a prefeitura está tentando manter um espaço e o número de praticantes está crescendo muito devagar. Está em uma época muito carente e está necessitando de projetos da prefeitura, necessitando de apoio da indústria, que as faculdades trabalhem projetos como o da UNICAMP incentivando principalmente o feminino, o basquete. É uma época de entressafra, está carente de meninas o basquete.
- 7.) O basquete é difícil de ser ensinado, a tendência do feminino é partir para esporte mais leve, voleibol, que elas acham mais leve. O basquete cansa, o basquete é difícil de ser ensinado, poucos professores tem a oportunidade de ter, na sua escola do estado, duas tabelas em condições, número bom de bolas para trabalhar e muitos professores não tem experiência anterior no basquete. Eles preferem trabalhar com futebol de salão, voleibol e handebol, teoricamente mais fáceis de serem ensinados. Se eles estudassem mais a fundo o basquete eles perceberiam que a parte de fundamento do basquete é muito mais interessante para ser trabalhado do que qualquer outro esporte e com isso eles segurariam as crianças nas suas aulas e seguramente cresceria o número de praticantes.
- 8.) Se tiver algum proveito, faça um bom proveito.

Dados de Identificação:

Nome: Ângelo Diniz

Idade: 35anos.

Local atual de trabalho: Prefeitura Municipal de Paulínia, Faculdade de Amparo e UNIP de São Paulo.

Formação: Faculdade de Educação Física na UNICAMP, especialização na UNICAMP e mestrado UNICAMP também, na Faculdade de Educação Física, em Ciências do Esporte.

SOBRE O BASQUETEBOL FEMININO:

1.) Trabalho com basquetebol feminino já faz dez anos e sou técnico desde criança, de escolinha até adulto.

2.) Oportunidade. Foi o que surgiu na época que eu comecei a trabalhar tinha que fazer o feminino, então foi a oportunidade que apareceu. Não tinha um gosto por isso não, eu trabalhava com o masculino e preferia o masculino do que o feminino.

3.a)Eu nunca trabalhei em Campinas, sempre trabalhei em Paulínia, mas como eu sou campineiro, e sempre gostei do basquetebol eu acompanhei o basquetebol desde a época da Nossa Caixa/Ponte Preta, época de Microcamp e tudo mais. A Nossa Caixa tinha desde mini, mirim, infantil, infanto até adulto. Se você colocar aí que são seis ou sete equipes com uma média de quinze cada um vai dar mais de 100 jogadoras de basquetebol.

3.b)Acho que no caso de Campinas, como eram equipes fortes, que tinham um patrocinador forte, a motivação era das adolescentes de querer virar jogadoras de basquetebol. Acho que esse era a motivação principal.

4.)Quando a Nossa Caixa/Ponte Preta foi campeã mundial interclubes, que era quando jogava a Hortência, a Paula e a Karina no mesmo time.

5.)Marketing esportivo, a Nossa Caixa punha muito dinheiro e tinha o Marco Chedid, que era um político de Campinas, influente e a idéia era lotar o ginásio do taquaral, e conseguia também porque tinha o nome da Ponte Preta junto que é uma equipe tradicional de futebol e o marketing com isso percebeu a oportunidade e investiu

6.)Teve essas épocas, mas essas épocas não deixaram muita coisa em termos de meninas que praticassem basquetebol. Até porque como elas tinham dinheiro, tinham república a maioria das moças era de fora de Campinas, não era de Campinas, e que quando as equipes acabaram, e quando a Microcamp acabou a maioria foi embora. Então o trabalho

de iniciação em Campinas, mesmo, tem só no SESI e até hoje é assim. É um trabalho bom, mas vai só até 15 anos de idade e não tem uma continuidade. Agora que a prefeitura de Campinas está dando um pequeno apoio para que tenha Infanto-juvenil e acima. mas de modo geral, é muito fraco.

7.)Eu acho que de modo geral o basquete como um todo, como o marketing entrou forte em algumas equipes ela complicou as outras, então começou-se a ter uma disparidade muito grande entre as equipes. Então muita gente parou de jogar porque perdia jogos de diferenças marcantes. Isso foi desmotivando cada vez mais e isso também atingiu a cidade de Campinas. Acho que depois que foi todo mundo embora, que não ficou nada para trás, de trabalho de raiz, trabalho sólido de iniciação. Foi isso que contribuiu, hoje de novo ele se resume ao basquete do SESI e tem lá suas 30, 40 meninas.

8.)Pode usar com toda certeza.

Dados de Identificação:

Nome: **Marcelo Bandiera Sávio**

Idade: Tem que falar? 30anos.

Local atual de trabalho: Clube Campineiro de Regatas e Natação

Formação: Pós graduação - mestrado em Performance Humana na UNIMEP.

SOBRE O BASQUETEBOL FEMININO:

- 1.) Eu trabalhei com basquete feminino de 1996 a 2001. Todos os anos coma função de técnico.
- 2.) Oportunidade. Um time estava sem técnico, o preparador físico do time era meu amigo, ele sabia que eu estudava Educação Física, que eu tinha jogado muito tempo de basquete e aí ele indicou meu nome e foi assim que eu comecei. foi uma oportunidade de trabalho.

3.a) Eu não comecei em Campinas. Quando eu vim trabalhar com o basquete de Campinas feminino foi o último ano que eu trabalhei com basquete feminino, foi em 2001. O único lugar que sabia que se trabalhava iniciação no basquete feminino era no SESI e eu não posso falar quantas meninas tinha, mas eu posso falar que na prefeitura de Campinas e nos clubes não havia basquete feminino na época.

3.b) Eu não sei o que leva uma menina a jogar basquete. Se eu for falar por mim, eu sei o que eu vejo de bom no basquete, mas eu acredito que o basquete feminino, ele teve um auge em Campinas que foi quando teve um time que conquistou vários títulos. Nós tivemos um time que começou acho que em 1993 com a Nossa Caixa e depois Microcamp, ou seja passaram vários ídolos do basquete feminino como a Hortência, Karina, Paula. Isso acho que era um espelho, isso motivava, estava na mídia, nos jornais, e isso motivava as meninas a procurarem o basquete feminino. Mas o que leva uma criança, no caso uma menina a escolher uma ou outra modalidade, eu acho que atualmente é a influência da família.

4.) Eu posso falar daquilo que eu conheço, que foi como eu já te falei, foi de 1993 para frente. Essa época nos tivemos um basquete feminino em Campinas muito forte, tivemos um time em Campinas que foi campeão mundial e que juntou as grandes jogadoras do Brasil no mesmo time, que era a Paula e a Hortência, mais a Karina que era uma estrangeira, mas era uma jogadora já há muito tempo no Brasil. Eu acho que o time de 1993 foi o time que teve maiores resultados enquanto resultado único. Vamos analisar só resultado e não trabalho, então quem teve o melhor resultado foi o time de 1993, mas sei que antes de 1993 Campinas foi uma escola tradicional de basquete feminino. Nós tivemos na década de 80 alguns times de basquete feminino em Campinas, mas nessa época eu era muito pequeno então não posso falar sobre ela.

5.) Deixa-me pensar o que trouxe o basquete feminino para Campinas. Acho que foi uma vontade política, junto com uma oportunidade de momento, havia o basquete feminino de Piracicaba na UNIMEP ele estava se desfazendo e aí foi um momento onde as coisas

se encaixaram bem e que eu me lembre, mais ou menos é isso. Era o basquete feminino tradicional de Piracicaba, a UNIMEP estava se desfazendo, o de Sorocaba estava se desfazendo, que era Leite Moça na época, estavam se desfazendo e aí houve uma vontade política, houve um investimento alto de uma banco, uma estatal até. Houve interesses políticos e trouxeram o time para Campinas.

- 6.) De penúria. Não de basquete feminino, eu vejo do basquete de forma geral. Eu acho que nós estamos passando um momento ruim de pouco investimento, de poucas escolas, poucas crianças praticando basquete e o basquete feminino é ainda mais prejudicado, porque quem faz basquete em Campinas são os clubes, não é a prefeitura, e os clubes não tem tradição em basquete feminino. Então eu acho que o basquete feminino fica muito mais prejudicado por isso, por ele não ter tradição dentro dos clubes, que é quem faz o esporte, mas o masculino também está ruim. Acho que é um momento de baixa e a gente tem que repensar tudo que está sendo feito para que a gente possa não só para o basquete feminino, mas para de uma forma geral o basquete ganhar força em Campinas.

- 7.) Atual, de penúria? Eu acho que um grande fator é o fator econômico do país é que vem sucateando o esporte de uma forma geral e o basquete junto. O segundo motivo eu acredito, que é por uma falta de estrutura das entidades que organizam o basquete, mais especificamente da federação paulista de basquete, para com o basquete feminino e na região da associação regional de basquete. Quer dizer, a economia está ruim, as entidades que deveriam cuidar do basquete feminino não se preocuparam e nós vamos pagar por isso agora. nós não tivemos um planejamento anterior e se a gente não parar agora para planejar a situação tende a piorar, porque economicamente eu não vejo que o Brasil sai tão cedo desse buraco e também não vejo uma organização das entidades que tem estruturar o basquetebol no estado de São Paulo. Fora de São Paulo então não existe basquete feminino então, não tem nem o que falar. Uma coisa puxa a outra e acaba como eu te falei, os clubes não tem tradição de fazer e cada vez mais o clube entra nessa ciranda da economia de fazer só para sócio e acho que o mercado de trabalho está restrito para os profissionais de Educação Física que estão ligados ao basquetebol e a

gente volta em tudo de novo. O basquete feminino já tendo problemas, nesse mercado restrito ele fica mais prejudicado.

8.) Você está amplamente liberada para utilizar.

Dados de Identificação:

Nome: **Mila Soto Maior Rondon**

Idade: Geração dos anos sessenta.

Local atual de trabalho: Americana

Formação: Eu sou psicóloga, tive formação em Educação Física mas não concluí, então tenho o CREF como não graduada

SOBRE O BASQUETEBOL FEMININO:

- 1.) Eu trabalho com basquete feminino há 17 anos na função de técnica ou assistente técnica.
- 2.) Desde os 8 anos de idade eu já praticava e eu morava em Brasília e lá eu sentia como jogadora uma necessidade muito grande de ter crianças iniciando cedo, como eu tive a oportunidade de iniciar, então em 1987 eu decidi, ainda jogando, montar uma equipe até 12 anos de idade. Inclusive desse grupo saíram que estão aqui em São Paulo hoje, a Patrícia Perandini, ela começou comigo lá em Brasília e outras meninas que jogam aí também, não muito conhecidas.
- 3.a) Era bem grande a procura, porque nós tínhamos naquela época um espelho muito bom no adulto, então havia o interesse. As crianças procuravam bastante, as vezes procuravam diretamente nosso trabalho de iniciação e as vezes vinham trazidas por outros profissionais, e isso era uma coisa muito boa, porque o Andorinha fazia um trabalho com basquete feminino na época, o Irineu no SESI, o próprio regatas fazia a

iniciação de algumas meninas. Então várias meninas vieram encaminhadas desses profissionais e já chegaram nas nossas mãos já com certo conhecimento das regras, o que facilitava bastante o trabalho.

3.b) Acho que a motivação estava muito ligada ao fato de elas vicenciarem equipes com jogadoras de seleção brasileira, delas terem esse espelho muito forte. Algumas já vinham pelo amor ao próprio jogo, mas a grande maioria era pelo espelho mesmo.

4.) Para mim o melhor momento foi na mudança da Ponte Preta, no ano em que a gente teve um intervalo a Microcamp e a Ponte Preta, onde a gente teve um apoio só para categoria menor e que a gente pode dar uma atenção bem grande para categoria menor, e a gente sentiu ali como as meninas de Campinas tinham ganho uma identidade, tinham ganho um padrão para poder puxar um trabalho. Então naquele momento ali ficou claro que não eram mais aquelas jogadoras de fora que tinham vindo, mas aquela geração que tinha iniciado há 4 anos atrás e, que já estava tendo resultado e já estavam sendo convocadas para seleções de categoria menor. Então eu achei que para Campinas, para mim que trabalhava ali aquele foi o melhor momento.

5.) O fato de a gente ter trabalhado numa estrutura boa que foi a Ponte Preta durante 3 anos, fez com que a gente chegasse ali já com uma geração de meninas formadas em Campinas com uma experiência e uma maturidade boa para o jogo, então fez com que dali para frente a gente acreditasse que Campinas poderia, dar continuidade, e manter o basquete feminino por ela mesma, sem precisar de vir equipes de fora, nem nada disso. Mas a gente 3 anos depois teve a dificuldade de não ter mais o incentivo e a gente não poder dar continuidade, quebrando aquele trabalho, mas naquele momento eu acreditava que Campinas ia perpetuar o basquete feminino ali.

6.) Olha eu acho que têm algumas pessoas ainda se esforçando muito para não deixar morrer, para ter uma representatividade da cidade. Então é uma luta que a gente até fica triste de ver sem o apoio que merece. Então acho assim, em termos competitivos a nível de Federação não existe nenhum trabalho sendo feito lá, mas em termos de alguns

colégios eu acredito que ainda tem aqueles apaixonados pelo basquete que não deixam morrer, zerar completamente. Então ainda tem uma sementinha lá que pode ser cultivada.

7.) Eu acho que o fator político é muito forte. Quando se fala em esporte, fala em esporte de competição, você tem que ter uma vontade política, e eu acho que Campinas passou por uma transformação onde na verdade perdeu um pouco a identidade de Campinas, como um celeiro do esporte, com uma representatividade forte em jogos abertos e regionais, como se de repente politicamente isso não interessasse mais. A gente viu os trabalhos sendo mortos aos poucos, porque não tinha o apoio da prefeitura, não tinha um investimento no trabalho de base e aí não tem como sustentar.

8.) Concordo plenamente.

Dados de Identificação:

Nome: **Paulo Bassul**

Idade: 36 anos

Local atual de trabalho: UNIMED de Americana

Formação: Eu sou formado pela UNIMEP, Universidade de Piracicaba, graduado em licenciatura de Educação Física.

SOBRE O BASQUETEBOL FEMININO:

- 1.) Eu trabalho já há 20 anos como técnico de basquete feminino, sempre como técnico. Eu comecei muito jovem, com 16 anos ainda em Brasília, e aí estou a 20 anos direto trabalhando só com basquete feminino.
- 2.) Foi uma coisa até meio ao acaso, não tinha plano nenhum de trabalhar com o feminino. Eu na realidade com 16 anos ainda estava motivado para jogar, e de repente surgiu uma oportunidade no clube que eu jogava para eu dar treino. A princípio a idéia era eu dar

treino para o mini masculino, só que surgiram umas meninas lá nessa época que não tinham com quem jogar e eu não sei se por preconceito ou o que seja ninguém queria trabalhar com as meninas e eu fiquei com aquele sentimento, eu falei: “as meninas querem jogar e ninguém quer dar treino, aí ao invés de eu ficar com o masculino eu trabalhei com o feminino esse ano. Então o primeiro ano foi totalmente ao acaso, daí depois eu nunca mais quis sair, peguei gosto e acho que elas são muito dedicadas a aí nunca mais saí do feminino.

3.a) Oscilou bastante até porque nós tivemos aí momentos diferentes. Num primeiro momento a Ponte Preta levou um grande time para lá, com jogadoras conhecidíssimas e aí houve um "BUM" nas escolinhas a ponto de até a gente ter que correr atrás de material, correr atrás de praça esportiva, de professores para poder absorver a procura que era muito grande, não só de meninas de Campinas como de meninas procurando de outros estados para jogar em Campinas. A gente chegou a fazer uma peneira lá com 320 atletas, de todos os lugares do Brasil. Então esse foi um primeiro momento. Aí teve um momento depois de alguns anos que o nível de investimento no adulto diminuiu, as estrelas já não estavam mais na cidade e houve uma queda nessa procura das crianças para iniciar, mas aí a gente já tinha um trabalho de base forte, e continuou disputando aí todas as categorias da federação, mas com menos crianças nas escolinhas.

3.b) Eu acho que a primeira é essa que eu falei, eu acho que é a identificação com o ídolo, a criança tem muito isso. A criança sonha e a criança na idade que a gente inicia elas tem aquela idade que acredita que podem chegar a qualquer lugar, a menina acha que realmente o que ela quiser, ela vai fazer, ela vai chegar . Então quando ela se identifica com o ídolo da modalidade isso faz com que ela busque aquilo e ela tenha convicção de que ela um dia vai jogar igual aquele ídolo. Então isso é um fator de motivação, mas acho que isso não segura a criança na modalidade. O que segura a criança na modalidade num segundo momento é o prazer que ela sente nas aulas, nos treinos e as qualidades do professor e aí a importância dos profissionais que trabalham com essa faixa etária.

- 4.) Depende do ponto de vista. Em termos de investimento foram os primeiros anos que nós estivemos lá, foi 1992 e 1993 que foi a época da Ponte Preta com o patrocínio da Nossa Caixa que era um banco estadual que colocava bastante dinheiro e tinha uma característica interessante nesse investimento da Nossa Caixa que tinha um percentual que era obrigatoriamente para ser usado nas categorias de base, não poderia ser gasto com o adulto, com o principal. Então isso fez com que a gente tivesse uma equipe principal muito forte nesses anos e também verba para absorver quantas crianças procurassem nossas escolinhas, porque o investimento embaixo também era muito forte. Então acho que esses foram, os melhores dois anos em termos de investimentos. Depois teve uma fase intermediária onde a Nossa Caixa retirou o patrocínio, acabou o time da Ponte Preta e a Microcamp ainda não tinha iniciado o investimento dela, nós ficamos um ano trabalhando com meninas só das categorias menores, meninas que já vinham de um trabalho de 3,4 anos. Então foi bacana porque com a saída das estrelas, essas meninas que tinham se desenvolvido ali nesse trabalho de base, tiveram a oportunidade de jogar campeonatos adulto e já defender a cidade. E foram muito bem porque nesse trabalho de base tiveram a oportunidade de jogar campeonatos adulto muito boa, muito positiva.
- 5.) Acho que a parte financeira é importante. Num primeiro momento o investimento contribuiu para que o projeto pudesse ser implantado e um outro fator importante para que projeto pudesse ser implantado e um outro fator importante para a coisa ir para frente é a continuidade, não adianta também você investir num lugar 1,2 anos e depois parar. A gente tem essa característica de ficar vários anos nos lugares em que a gente trabalha, então em Campinas nós ficamos 7 anos trabalhando, e agora em Americana também o mesmo sistema. A gente veio para cá em 1998 acreditando não em um ano de trabalho, num ano de investimento, mas acreditando num projeto. Então é um projeto que já dura seis anos e que também está colhendo muitos frutos agora. Então acho que essa continuidade também é um dos fatores que faz essa coisa funcionar.
- 6.) Se você for ver o aspecto de nível técnico e investimento caiu demais, até porque uma coisa depende da outra. Você tem que ter investimento para você poder estar tendo condições de montar equipes de alto nível. Mas eu acho que por outro lado, por ter uma

cultura esportiva legal principalmente na cabeça de alguns técnicos em alguns lugares especificamente, técnicos que são abnegados mesmo, que fazem por prazer e gostam de trabalhar com o feminino não deixam a coisa morrer e eu acho isso importantíssimo. As vezes daqui a pouco surge uma empresa interessada em investir ou surge uma lei de incentivo fiscal e de repente entra um governo que queira investir no esporte de Campinas novamente, e o fato dessas pessoas estarem continuando esses projetos, mesmo que pareça, num primeiro momento que eles não têm tanta visibilidade, mas mantém a semente ali, mantém o fogo, a chama do negócio do basquete feminino e a medida que voltar você tem um ponto de partida. Então acho que essas pessoas fazem o trabalho delas de uma maneira realmente amadora no sentido mais positivo da palavra, não no sentido de crítica, no sentido positivo, fazem por prazer mesmo e isso dá uma contribuição significativa para que a coisa possa voltar daqui a algum tempo.

7.) Acho que a perda dos patrocínios e a mudança na política esportiva da cidade. O Brasil já é um país que sofre com uma falta de política esportiva, você não tem lei de incentivo fiscal, você não tem nada. Na verdade você depende de patrocinadores que realmente gostem do esporte para poder dar o dinheiro, eles não têm incentivo fiscal nenhum. Cada centavo que uma empresa coloca no esporte hoje representa realmente gasto, isso é tirado do caixa da empresa, então esse é um dos fatores. Eu acho que a questão política, também, com a mudança do governo de Campinas, você tinha uma prefeitura que apoiava, que fazia uma parceria com as empresas e de repente entrou com uma filosofia diferente, uma filosofia de não investir em nenhum trabalho competitivo e só fazer o trabalho de massificação. Só que esse trabalho de massificação a médio prazo se revelou impossível de ser feito sem o espelho. A verdade é que acabou naufragando as duas frentes. A filosofia de quem entrou foi de tirar o investimento de cima para colocar em baixo, só que as crianças não tiveram motivação para praticar a modalidade, para fazer, e acabou que o projeto naufragou e Campinas está num momento difícil. Acho que foram dois fatores importantes, a falta de investimento e a mudança na diretriz política na cidade.

8.) Tudo bem.

6.4 Reportagens

CAMPINAS, DOMINGO, 3 DE MAIO DE 2004

▶ ESPORTE AMADOR

ESPORTES

CORREIO POPULAR D-7

Falta de apoio afasta judocas de Campinas

Principais nomes do esporte na cidade afirmam que atletas migraram para Santos, São Paulo e Paulínia em busca de patrocínio

A₁

CAMPINAS, DOMINGO, 21 DE MARÇO DE 2004

CORRISO POPULAR D-5

Cresce interesse pela ginástica olímpica

Bom desempenho das ginastas brasileiras e maior espaço na imprensa têm ajudado a popularizar o esporte entre jovens campeiros

Daniel Azevedo
De Agência Anhaglem
dazevedo@rac.com.br

Para os praticantes e admiradores que acompanharam a equipe de judô de Campinas ficar entre as primeiras do País, em 1998, ver seus melhores esportistas debandar para outras cidades – e a redução de pelo menos 20% no número de alunos nas academias – é o ‘fundo do poço’. Pois esse é o quadro da modalidade na cidade, que tem o histórico de revelar atletas de ponta como Marcelo Figueiredo, Rodrigo Antunes Vasconcelos, Antônio Ruas, a família Lopes, Roberto Tozzi, Wilson Germano entre tantos outros.

Todos esses atletas apontam como principal motivo para a situação a falta de apoio. “O esporte de Campinas – e não é só o judô – está perdendo, isso não é nem culpa do diretor de esportes da prefeitura, Domingos Gigli. Acredito que ele fica lutando de mãos atadas porque a cidade não tem uma Secretaria de Esportes”, opina Joaquim Germano.

Devido a falta de patrocínio, que permite a dedicação integral ao esporte, os principais nomes do judô de Campinas procuraram

ajuda em outras cidades – como Paulínia, Santos, São Paulo, Suzano, Americana, entre outras – ou, até mudando de modalidade para poder ganhar a vida com o espor-

Sem atletas de ponta, iniciantes perdem a motivação

te. “Depois que cortaram o Fundo de Assistência do Desporto Amador (Fada), na administração de Chico Amaral, em 2000, chegamos a lutar de graça com a

promessa de que o apoio voltaria. Lutamos, ganhamos e não tivemos apoio no ano seguinte”, desabafa Roberto Tozzi que migrou para o Jiu-jitsu.

motivam a dar mais de si”, raciona Germano. Ele garante estar disposto a dar aulas gratuitas de judô, uma vez por semana, em qualquer empresa ou clube que se interessar. “Foi assim que descobri talentos e muitos garotos saíram da rua. Mas não adianta fazer sozinho”, garante.

Antônio Ruas ligado à União Campineira de Judô (UCJ), que vai disputar o Campeonato Mundial Master deste ano, cobra verbas para o incentivo ao esporte. “Não acredito que uma cidade como Campinas não tenha uma política de esporte e uma verba para isso. Se tantas outras cidades têm, porque Campinas não?” Segundo o atleta, que tem chances de se tornar tri-campeão mundial master, a UCJ suspendeu suas atividades aguardando uma situação melhor para voltar a organizar campeonatos e outros eventos. “Hoje o esporte é muito profissional e o atleta precisa de patrocínio para se dedicar integralmente”, afirma.

Para Roberto Tozzi, no entanto, o quadro pode se reverter. “Temos muitos atletas que podem chegar a ser de ponta, tanto experientes como iniciantes. Nossa esperança é que o poder público volte a apoiar. Se isso acontecer, muito provavelmente, voltamos para a cabeça do esporte, não só judô como em outros esportes”, acredita.

Sem os atletas de ponta nas academias e clubes, muitos dos iniciantes perdem a motivação. “Sem os ídolos perde-se o ‘efeito espelho’, no qual novos valores se

Esportes

CAMPINAS, SÁBADO, 29 DE MAIO DE 1993

Hortência e Paula iniciam nova era no basquete

Rivalidade de 18 anos vai para a história do esporte brasileiro; juntas, elas formam time considerado imbatível pelos adversários

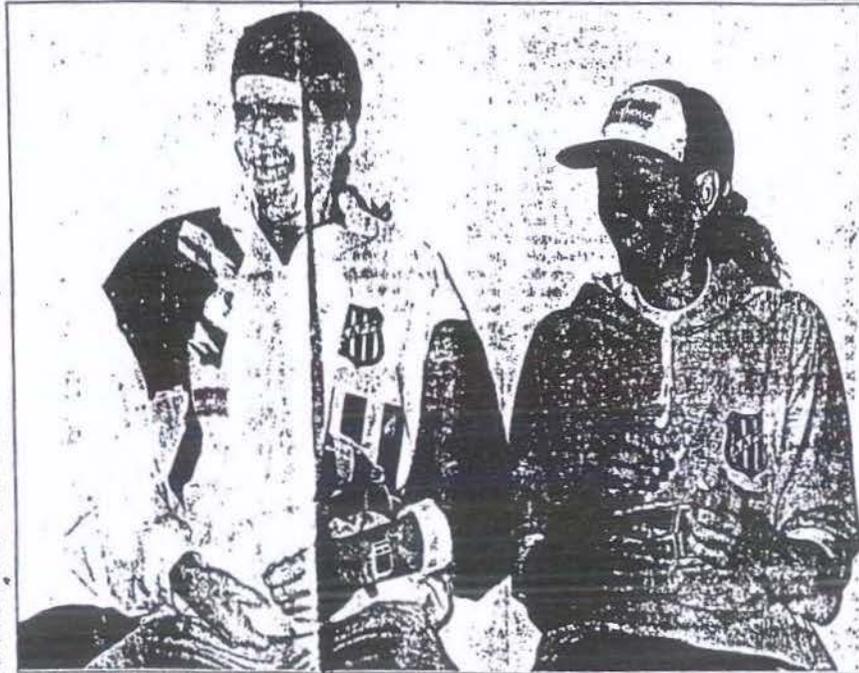
LEONE VILAS BOAS

O basquete brasileiro hoje hoje, às 20h30, no Ginásio de Esportes do Taquaral, em Campinas, uma nova fase. A partida da Nossa Caixa/Poste Preta contra o Lacta/Santo André, pelo Troféu Imprensa, marca o fim de um dos duetos mais famosos do esporte no País: Paula e Hortência. As atletas iniciam hoje uma outra etapa em suas carreiras. Depois de 18 anos de muita rivalidade, as duas vestem a camisa de um mesmo clube, jogam para o mesmo lado e dividem o mesmo banco. O público só assiste a esta cena na seleção brasileira.

A estreia de Hortência hoje na Poste marca, também, o início de uma nova fase do clube, que de agora em diante assume a responsabilidade de vencer sempre. É formado por atletas de seleção brasileira e ainda conta com duas pivôs estrangeiras, Karina e Elena Bousniantseva — que se apresenta em julho —, classificadas entre as melhores do mundo. O "dream team" tem planos ousados. Sonha em disputar campeonatos internacionais e conquistar títulos inéditos para o País.

Com uma verdadeira de seleção, a técnica Maria Helena Cardoso não está preocupada com a partida de hoje. Não define a equipe, mas tem duas exclamações na cabeça. Se o Lacta mostrar um time mais veloz, escala Paula, Hortência, Karina, Nádia e Helen. Se optar por atletas mais altas, inicia a partida com Paula, Hortência, Karina, Ruth e Roseli. Paula, Hortência e Karina já estão definidas.

Maria Helena não esconde a tranquilidade para o jogo, mas afirma que clima de já ganhou não funciona. Ela imagina que o Lacta deve estar muito preocupado com a estreia de Hortência. A técnica acha também que as jogadoras vão marcar muito Paula e Hen-



Paula (à esquerda) e Hortência riem ao lembrar a primeira vez que se enfrentaram, há 18 anos, em São Carlos: rivalidade entraria para história do basquete

INGRESSOS

Os ingressos para a partida de estreia da jogadora Hortência na Nossa Caixa/Poste Preta estarão à venda...

ME DOS SONHOS

Brito Cunha diz que cada jogo vai...

por atletas mais altas, inicia a partida com Paula, Hortência, Karina, Ruth e Rosali. Paula, Hortência e Karina já estão definidas.

Maria Helena não escolhe a tranquilidade para o jogo, mas afirma que clima de já gachos não funciona. Ela imagina que o Lacta deve estar muito preocupado com a estreia de Hortência. A técnica acha também que as jogadoras vão marcar muito Paula e Hortência e vão deixar a Karina mais livre, por não a argentina deve continuar sendo a cabeça da equipe.

Hortência não despreza o adversário. Disse que o Lacta é uma equipe forte e difícil. A lateral joga pela primeira vez depois da final do Campeonato Paulista, em fevereiro, quando inicialmente foi decretada pela Ponte Preta. A última vez que jogou em Campinas, a atleta, na época no Leite Moça de Sorocaba, foi agraciada por torcedores da Ponte, um fato considerado lamentável, mas superado pela atleta.

Paula (à esquerda) e Hortência riem ao lembrar a primeira vez que se enfrentaram, há 18 anos, em São Caetano: rivalidade entraria para história do basquete

INGRESSOS

Os ingressos para a partida de estreia da jogadora Hortência na Nossa Caixa/Ponte Preta contra o Lacta/Santo André, hoje, às 20h00, no Ginásio de Esportes do Taquaral, por Campinas, custam Cr\$ 90 mil. A debutante de Ponta começa a vender os bilhetes a partir das 8 horas nos quiosques do Taquaral. Crianças até 12 anos o ingresso sem alimentação tem de graça.

O clube não quer jogar partidas para evitar maiores problemas. A Ponte Preta quer manter o jogo para todo o mundo.

TIME DOS SONHOS

Numero	Jogadora	Posição	Idade	Altura
1	Paula	armadora-lateral	31	1m70
2	Marta	armadora-lateral	27	1m70
3	Hortência	lateral	32	1m70
4	Silvia	lateral	18	1m74
5	Márcia	armadora-lateral	27	1m70
6	Claudia	lateral	16	1m88
7	Rosali	lateral-pivô	22	1m81
8	Ruth	pivô	24	1m84
9	Lígia	lateral-pivô	21	1m82
10	Karina	pivô	21	1m85
11	Cláudia	pivô	18	1m83
12	Eliana	pivô	23	1m82

Técnica da Lacta acha adversário imbatível

A técnica Laiz, do Lacta/Santo André, não vê muitas opções técnicas para se defender da "imbatível" Nossa Caixa/Ponte Preta, hoje. Segundo explicou, a rival Maria Helena Cardoso nem precisa de muito raciocínio técnico para armar o seu time. "Vários apenas tentar uma marcação forte em todas as circunstâncias do jogo", admite.

A falta de opções de marcação, porém, não desanima o time do Lacta/Santo André. Laiz pediu uma aplicação especial e acredita que as suas jogadoras vão corresponder. A sua técnica dúvida é quanto ao desempenho da pivô lateral Leila, que retornou "com a

cabeça baixa" da seleção brasileira, que venceu o Campeonato Sul-Americano no final de semana passado. "Ela não teve muitas chances e precisa readaptar a confiança".

Laiz disse que só irá definir sua equipe hoje. Admitiu, porém, que o Lacta poderá sair jogando com Imeth, Edna Campbell, Vilma Teixeira, Marcia Sobral e Simone. "Devo iniciar com a minha melhor formação, mas acredito que a Ponte Preta faça um jogo simples." O Lacta só tem uma derrota no Troféu Imprensa, para Unimed de Aracajuca. (F.P.)

Jogadoras mal se lembram da 1ª partida

O duelo Hortência e Paula é antigo. Nem se dá tanta facilidade de se lembrar quando começou a rivalidade. Hortência diz que a rica começou quando passaram a ser as responsáveis pelas vitórias e derrotas de suas equipes. "Até os jornais davam as manchetes dizendo: Paula vence Hortência ou vice-versa." Paula explica que sempre o time seu e o de Hortência chegavam à final dos campeonatos, por isso era uma briga constante e muito acirrada.

Com o estyxo, se recordam da primeira vez que se enfrentaram. Foi em 75, em São Caetano do Sul. Hortência jogava em São Caetano e Paula em Jundiaí. Quem ganhou a partida nenhuma se lembra. "O favorito era o time de Paula", fala a rival. As duas equipes disputavam o Campeonato Paulista Juvenil. Paula tinha 13 anos e Hortência, 15. Já nessa época eram famosas. "Ouvi dizer que em Jundiaí tinha uma menina que jogava muito bem", diz Hortência.

Apesar de a rivalidade ter sido marcante na vida da dupla, houve também momentos de união. Na seleção, jogaram há 17 anos e fazem parte da única geração do basquete feminino que participou de uma olimpíada. Essa convivência proporcionou muito entendimento dentro de quadra. "Já estou tão acostumada com a Paula que sei o que ela quer

quando me passa uma bola", explica Hortência.

Paula e Hortência são consideradas duas das maiores jogadoras do mundo. Do Brasil são as melhores. Mas tanta fama tem um nome: treinos. Paula conta que enquanto as outras jogadoras treinavam apenas no período determinado pelo técnico, ele e Hortência ficavam treinando fora de hora. "famoso para a quadra socias, enquanto todo o time estava descansando ou passando", fala.

A fama não veio sozinha. As duas são as atletas mais bem pagas do País e recebem propostas do exterior porque aqui ganham mais. Têm um salário girando em torno de Cr\$ 1 bilhão. "Ganhamos dinheiro com basquete porque todo clube queria nos contratar", explica a rainha Hortência. "Quem quisesse ser campeão contratava a gente", completa Paula.

Se ter Paula ou Hortência em seu time era garantia de sucesso. Ter Paula e Hortência era garantia de campo sempre. Essa pode ser a opinião da maioria. Mas as duas não pensam assim. São humildes. "Não desprezamos os adversários. O basquete feminino evoluiu muito e agora as grandes jogadoras dos outros clubes vão começar a aparecer", afirma Hortência. "No Lacta, por exemplo, a Janeth vai ser a responsável pela derrota do time", completa. E na Ponte, quem assumirá a culpa da derrota? "A Karina", brinca. (IVB)

Brito Cunha diz que cada jogo vai ser um espetáculo

FÁBIO PESCANHE

A força reunida pela Nossa Caixa/Ponte Preta, com Hortência, Paula, Karina, Nádia e Ruth e ainda jogadoras juvenis que integram a seleção brasileira adulta, "vai proporcionar grandes shows", segundo disse ontem, no Rio de Janeiro, o presidente da Confederação Brasileira de Basquete, Renato Brito Cunha. "Não sei como estão as outras equipes de São Paulo, mas acho que a Ponte Preta vai ganhar tudo que disputar."

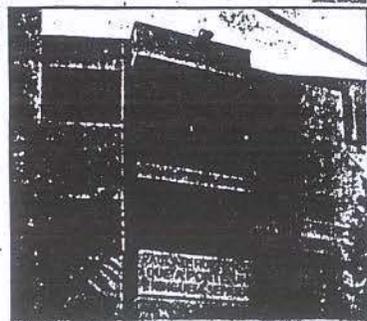
Hortência e Paula, para Brito Cunha, construíram toda uma geração do basquete no Brasil, "com a rivalidade sadia entre as duas jogadoras em quadra". Justas, o presidente acredita que agora elas vão aumentar ainda mais o prestígio das clubes brasileiros.

O diretor de basquete feminino da Federação Paulista, José Florio, acha que a modalidade ganhará um espaço maior na mídia esportiva. "A imprensa está repercutando muito a união de Hortência e Paula na Ponte Preta." O dirigente espera também um investimento maior de patrocinadores em São Paulo.

Mesmo com uma verdadeira seleção em Campinas, Florio diz que o clima de competição no Campeonato Paulista não vai cair. O dirigente aposta nos investimentos feitos na Unimed de Aracajuca com duas jogadoras norte-americanas, a pivô Marta e a armadora Branca, a Lacta da lateral/pivô Janeth e a Unimed, único time que venceu a Ponte Preta no Troféu Imprensa.

A tese de que a união entre Hortência e Paula em uma mesma equipe não vai acabar com a competitividade entre times paulistas é contestada pela técnica Laiz, do Lacta de Santo André. "A euforia do início do ano em finalmente o Campeonato Paulista ser equilibrado, acabou."

A Ponte Preta, porém, não deve esperar por adversários mortos. Laiz recorda o time do Leite Moça, no ano passado. "Todos falavam que ele era imbatível, e não foi." Além da Lacta, a treinadora também cita a Unimed e a Unimed como possíveis "zinhos". Em 92, o time de Aracajuca venceu Hortência, no Sul-Americano. A "rainha", agora, tem a união perfeita para dar a volta por cima.



União perfeita — Uma faixa colocada na frente do ginásio da Ponte Preta no Jardim das Palmeiras mostra que a união de Hortência e Paula em um mesmo clube, pela primeira vez na história do basquete brasileiro, está conquistando os torcedores. Playando a frase religiosa "o que Deus une o homem não separe", a torcida fez sua homenagem às atletas.



7L

ESPORTE - BASQUETE - FEM - PONTE - ALETA

CORREIO POPULAR

Esportes

CAMPINAS, SEGUNDA-FEIRA, 27 DE SETE/82 DE 1983



Karina comemora a conquista do título mundial de basquete feminino, em Guarulhos: garra da pivô contagiou toda equipe, que explode o gincino numa festa que promete continuar hoje em Campinas

Encontro de gerações marca a festa do basquete da Ponte

15/12/93

ALEXANDRE MATEUS

A armadora Paula Bastiano, 13 anos, da categoria mirim da Nossa Caixa/Ponte Preta, teve um dia de glória, ontem, durante o encerramento da temporada 93 das equipes de basquete do clube. A jogadora Paulinha foi titular do time de Paula no torneio que a técnica Maria Helena Cardoso comandou no Ginásio de Esportes do Taquaral, promovendo a integração das pequenas atletas com as estrelas campeãs mundiais.

Paulinha estava emocionada por ter jogado ao lado da armadora da Ponte Preta e da seleção brasileira pela primeira e, possivelmente, única vez. "Admiro muito a Paula", disse, depois de sair da quadra para ser substituída por uma companheira de categoria. Se depender de sua vontade, Paulinha vai seguir a carreira de jogadora. Hase ano, ela conquistou com sua equipe o título de vice-campeã paulista e já começa a colecionar troféus.

Para encerrar o ano das seis equipes das categorias menores, o time adulto ainda tem um compromisso nessa temporada... a Ponte Preta fez ontem,



Paula Bastiano, de 13 anos, (de frente) conversa com Paula (4)

além do torneio, um desfile de todas as jogadoras e Comissão Técnica mais as alunas dos 12 núcleos de escolinhas do clube. A técnica Maria Helena disse no final das apresentações que era a primeira vez que fazia uma festa desse tipo. Segundo ela, as equipes alcançaram "pleno êxito" e a confraternização entre todas as atletas era a oportunidade de as pequenas

jogadoras terem um momento de prazer ao lado das "mestres".

Seis das sete equipes da Ponte Preta iniciam hoje as férias, que vão terminar no final de janeiro. O time adulto, ao contrário, começa nessa manhã os treinamentos em busca de mais uma conquista internacional: o Crystal Palace, de 29 de dezembro e 2 de janeiro, em Londres, na Inglaterra.

11

CAMPINAS, SEGUNDA-FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 1984

CORREIO POPULAR

Esportes-3

A caminho de um título inédito

Copa Brasil é a única conquista que falta ao 'dream team' da Ponte Preta; jogo decisivo repete a final do Paulista

ILONE VILAS BOAS
Enviada Especial

GUARATINGUETÁ
Uma vitória sobre a Lacta/Santo André hoje leva a Nossa Caixa/Ponte Preta ao sexto título da temporada e ao oitavo consecutivo. O time de Campinas enfrenta a Lacta, às 21 horas, na última partida da Taça Brasil de Basquete Feminino, no Ginásio de Esportes Itaquarã Country Clube, em Guaratinguetá. Se vencer a partida de hoje, a Ponte obtém uma conquista inédita na história do time e garante uma vaga no Campeonato Sul-americano de Clubes do Peru, em dezembro. As 19 horas, Unimed Brasil e Unimep/Piracicaba fazem o outro jogo do campeonato.

A situação da Taça Brasil ficou complicada com a rodada de ontem à noite. A derrota da Lacta/Santo André sobre a Unimep/Piracicaba colocou as duas equipes na briga pelo título junto com a Ponte. Só a Lacta ganhar da Ponte hoje e a Unimep perder para a Unimed, a equipe de Santo André é a campeã porque no confronto direto com a Ponte venceu. Se a Unimep derrotar a Unimed e a Lacta ganhar da Ponte, a Unimep fica com o título porque no confronto direto com a Lacta ganhou. A única equipe que não tem mais chances na competição é a Unimed Brasil de Araçatuba porque tem duas derrotas.

Para o jogo de hoje, o otimismo da Lacta é grande. O time está torcendo por uma derrota da Unimep para continuar com chances de conquistar o título. A lateral Janeth, principal estrela do time, acredita que terão dificuldades hoje, principalmente porque não dependem só delas, mas ainda sonha com a vitória sobre a Ponte. "Estamos preparadas e ontem acho que tivemos um tropeço. Ficou tudo mais difícil, mas não desanimamos", afirma.

A situação da Ponte, no entanto, ficou ainda mais cômoda. Invicta na competição, a



Hortência, uma das estrelas da Ponte Preta: novo desafio contra a Lacta, de Santo André

equipe precisa apenas de uma vitória para chegar ao título brasileiro, enquanto os outros dois times — Lacta e Unimep — têm que vencer e torcer para a derrota do outro. Ontem, depois da derrota da Lacta, o time campineiro sentiu-se mais perto do sexto título da temporada. "Só dependemos de nós, enquanto os outros times dependem de seus jogos e dos outros ainda", explica a armadora Nádia.

Na Ponte Preta, a expectativa é de que amanhã será dia de festa em Campinas. Apesar de estarem jogando todas as

noites, a técnica Maria Helena Cardoso não tem poupado as jogadoras dos treinos diários. Ontem, a equipe praticou arremessos e hoje estão programados treinos novamente. A treinadora pontepretana quer "fechar a temporada com chave de ouro". "Queremos encerrar a temporada com mais um título", diz. A Taça Brasil, na opinião da técnica, é a competição nacional mais importante e o time, que ganhou todos os torneios do ano, não pode deixar esse escapar, principalmente porque garante uma vaga no Campeonato Sul-americano, outro título inédito para a Ponte.

Para a final de hoje, a Ponte terá o time completo. A técnica Maria Helena não definiu a equipe que começa jogando, mas afirma que as titulares Paula, Hortência, Karina e Elena começam a partida. A dúvida é apenas com a quinta atleta, que só é definida de acordo com a formação do adversário. Se a Lacta entrar com um time mais baixo e veloz, a treinadora da Ponte escala a lateral/armadora Nádia. Se a opção for por jogadoras mais altas, a quinta vaga é da lateral Roseli.

'Dream team' está ameaçado

Ao final da 10ª Taça Brasil hoje pode ser a última partida do 'dream team' da Nossa Caixa/Ponte Preta, que foi o "bicho-papão" da temporada. O contrato da equipe com o clube termina hoje, com o fim da Taça Brasil, e sua permanência em Campinas ainda não foi definida. Até hoje à noite, o assunto de renovação ou proposta de outros clubes foi tratado pela técnica Maria Helena Cardoso, mas muitas jogadoras já revelaram estar pensando em se transferir de Campinas.

A armadora Paula é a mais assediada pelos dirigentes e técnicos das outras equipes. A jogadora recebeu uma proposta da Unimed/Brasil de Araçatuba, mas não deu uma resposta dentro do prazo da equipe, o que acabou levando a Unimed a retirar o patrocínio do time de Araçatuba. Ainda assim, o sonho de Araçatuba é levar a armadora. O clube está atrás de novo patrocinador para a temporada.

A Unimep de Piracicaba também sonha em ter a armadora na cidade outra vez. A Cesp, patrocinadora do time, pretende aumentar os investimentos da equipe para contratar a jogadora. Paula disse que está pensando no assunto. "A partir de amanhã, vou decidir o que fazer", fala. A pivô argentina Karina afirma que também tem propostas de outras equipes e está estudando

o que vai fazer. "Não sou mercenária e não vai ser apenas o valor do contrato que vai pesar na minha decisão", diz.

A lateral Hortência, porém, não quer abrir o jogo. Não revela se tem propostas de outros clubes e afirma que pensa em ficar em Campinas. Hortência não quer ir para um time que "precisa carregá-lo nas costas". Esse não é o caso da Ponte Preta, por isso seu interesse em ficar em um time vitorioso.

A técnica Maria Helena Cardoso admite que vários clubes estão querendo levar suas jogadoras. "Tá todo mundo cheio de propostas", diz. A treinadora disse que espera acertar a situação do time com a Ponte até amanhã para que todo mundo se tranquilize. A prioridade da equipe, segundo a técnica, é ficar na Ponte. "A maioria das jogadoras está comigo há muitos anos e gostaria de continuar com o mesmo grupo." De acordo com Maria Helena, o contrato com a Ponte termina com o fim da temporada e a temporada encerra-se hoje.

Maria Helena disse que tem um grupo de pessoas de Campinas interessado em ficar com o time de basquete, caso a Ponte não queira renovar. A treinadora não revelou quem seriam essas pessoas. Apenas afirmou que é um grupo que considera a equipe "um patrimônio da cidade".

12

Basquete da Ponte joga para salvar a escolinha

Arrecadação do amistoso contra o Guarú será revertida para as categorias menores

A equipe de basquete feminino da Nossa Caixa/Ponte Preta faz hoje o seu primeiro amistoso da temporada 1994 e reforça as atenções ao futuro da modalidade em Campinas. O time enfrenta o Guarú, de Guarulhos, às 20h30 no Ginásio do Taquaral e a arrecadação das bilheterias será revertida para as categorias de base do clube. "Estamos com um orçamento apertado para este ano e o jogo de amanhã (hoje) será o primeiro de uma série de eventos que vamos promover durante a temporada", explicou a técnica Maria Helena Cardoso. O ingresso para o amistoso será vendido por CR\$ 1 mil.

No mês passado, a diretoria da Ponte Preta chegou a anunciar que acabaria com várias das categorias de base do basquete feminino. Alegando que o sucesso do time adulto depende de uma boa formação em suas escolinhas, Maria Helena chegou até a protestar contra a decisão dos dirigentes.

A partida de hoje à noite é mais um reforço da tese de Maria Helena. Com a preparação da seleção brasileira que disputará o Mundial da Austrália, em agosto, a treinadora terá apenas duas jogadoras adultas no amistoso: as pivôs Karina e Cintia. O restante do grupo será formado por atletas juvenis e infanto-juvenis. Seus principais desfalques são Hortência, Helem e Ruth, que estão na seleção.

O amistoso de hoje será o primeiro jogo da Ponte Preta sem Paula e Nádia, que trocaram o time de Campinas por CesvUnimep, de Piracicaba e Lacia/Santo André. Sem Paula e Nádia, aparecem estrelas mais discretas na relação das jogadoras da Ponte Preta para 1994. As pivôs Juliana e Rosângela, do time juvenil, são as novidades no adulto nesta temporada. As duas receberam elogios da treinadora. "São atletas de futuro", destacou Maria Helena. A pivô Leca, também do juvenil, está convocada para o amistoso contra Guarú.

A treinadora só irá definir a escalação das cinco titulares hoje pela manhã. "Ainda preciso conversar com a Sílvia, por exemplo", disse. A lateral foi cortada pelo técnico da seleção brasileira, Mizuel Anselo da



Esportes

CAMPINAS, DOMINGO, 8 DE SETEMBRO DE 1996

CRUZADAS ESPORTIVAS

Respostas da página 2
Horizontal
2 — Osás — Prati; 4 — Azaradi — OMO; 6 — Yato — CEBG;
8 — Fio — Ocúli; 10 — Lardo — Ares
Vertical
1 — Conary — Fik; 3 — Cos — Klour; 5 — Iba — Moser; 7
— Ipos — Edar; 9 — Malra — Lir; 11 — Gato — Geras

República do basquete segue linha-dura

As 18 jogadoras da Microcamp que vivem em uma mesma casa no bairro Nova Campinas têm horário marcado até para ver televisão

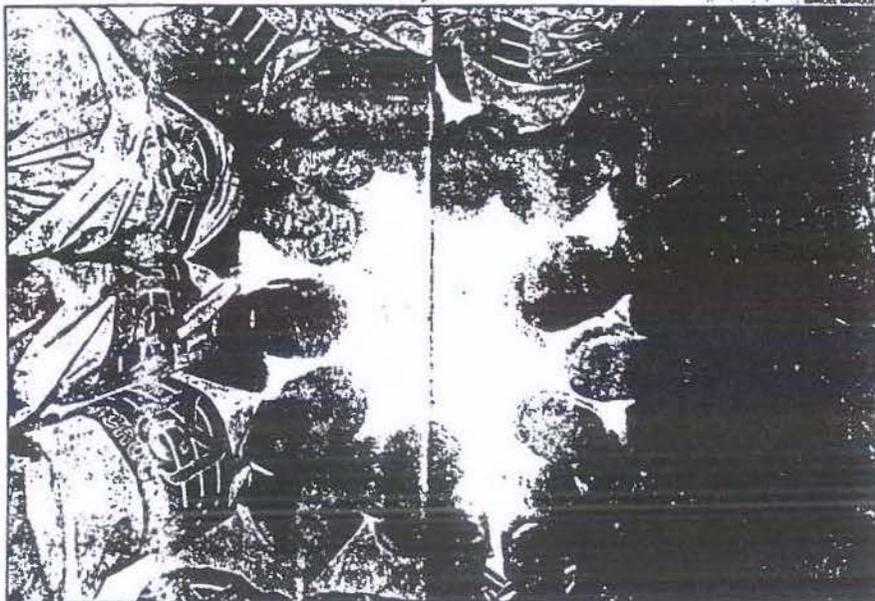
LORE VILAS BOAS

Uma folha de papel colada à parede dita as regras para uso da televisão: em dias de semana das 11 às 14 horas e das 17 às 22. No sábado e no domingo, livre. Esta é apenas uma das inúmeras normas que regem a república linha-dura de 18 das 96 jogadoras de basquete da Microcamp, de Campinas.

São ainda adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, que deixaram a família para buscar o caminho do sucesso através do esporte. Três delas já estão mostrando que no futuro poderão ocupar o lugar de Horfência, Paula e Janeth. São as pivôs Geisa e Kelly e a lateral Michaela, que no último final de semana ganharam o Torneio Juvenil das Américas, no México, vencendo a seleção dos Estados Unidos na decisão. "Foi a vingança da final olímpica", afirma Kelly, 16 anos e 1,90 metro.

As garotas vivem há dois meses numa confortável casa do bairro Nova Campinas, onde são vigiadas dia e noite por duas senhoras. Roseli Viana, uma mistura de cúmplice e amiga, é chamada de tia. Já Matilde Silveira, pouco mais rígida, é quem mantém a disciplina no lar.

A diretora da república é Liliana Barreto, uma enfermeira contratada pela Microcamp para cuidar não só da casa das jogadoras como das equipes infante e juvenil. Liliana também ajuda a manter a ordem na república.



As jogadoras: obrigação de respeitar as regras com risco de expulsão e dever apenas de arrumar a cama e lavar a louça

"Elas são bastante opor-tunadas, mas não podemos dar licença", afirma.

Na república, Roseli cuida da limpeza e do café da manhã, enquanto Matilde é a responsável por checar se as regras estão

sendo cumpridas. "Se uma jogadora chega fora do horário estabelecido, tenho que avisar a diretora", explica. Quem não estralada à noite tem até as 10 horas da noite para entrar em casa. Já as jogadoras que estão na escola

neste período, podem chegar uma hora depois do final da aula.

O almoço e o jantar na república são servidos por uma cozinha industrial. As obrigações das meninas limitam-se a arru-

mar a cama, lavar suas roupas e a louça após as refeições.

Estas regras, no entanto, não são tão rígidas para as garotas. As de conduta são bem mais. Namorar até pode, mas nunca em casa. Os namorados

só vão até o portão. A mesma norma serve para amigas ou amigos. Na verdade, somente quem pode entrar na república são os pais das jogadoras. "Avi-sando antes", completa a diretora.

O horário para chegar em casa não deve nunca ser des-respeitado. Para controlar a entrada de cada uma, Roseli e Matilde são as únicas proprietárias da chave da república. Assim, toda vez que uma jogadora chega são elas quem abrem a porta. Na rua, ninguém fica. Mesmo que for cinco horas da manhã, ela vai entrar. O problema é a advertência que vem em seguida.

Recentemente uma jogadora chegou às 5h30 da manhã. Teve que levar uma advertência para os pais assinarem. "A gente tenta controlar, mas estas coisas os pais têm que saber", explica Liliana. A advertência por escrito é a terceira punição de uma lista de quatro. A primeira é uma advertência oral, a segunda é uma multa descontada na ajuda de custo e a quarta, a exclusão da equipe.

A expulsão, sem dúvida, é a punição que nenhuma delas quer receber. Afinal, todas estão no basquete para chegar à seleção adulta, disputar uma Olimpíada e serem famosas, como são hoje as vice-campeãs olímpicas. "Para ir embora tem que ser muito danada", brinca a pivô Geisa, 17 anos e 1,85 metro. Na república, segundo as meninas, não há nenhuma bad girl.

Regras prevêm advertências e expulsão

Quando chega à república, dançar, mas nunca em casa.

52

Regras prevêem advertências e expulsão

Quando chega à república da Microcamp, a noiva mais adiantada recebe uma cópia do regulamento interno, conhecido como cartilha. Ele foi elaborado pela diretora da república, Lilitana Barreto, e pelos técnicos das equipes, Paulo Roberto Bassul de Campos e Milla Souto de Campos. São três páginas em que constam os direitos e deveres das jogadoras.

A primeira página trata dos horários. E há hora para tudo. À noite, as jogadoras podem sair, desde que em grupos de três, mas a volta não pode ultrapassar as 22 horas. Aqueles que estudam no período noturno, têm uma hora para chegar em casa, a partir do final da aula.

Às 23 horas, as meninas têm que estar deitadas, com a luz apagada e em silêncio. Se precisar estudar para prova, o limite é até a meia-noite. A pivô Kelly, de 17 anos, diz que agora

dançar, mas nunca emseguida, porque volta para casa imediatamente quando começa a preparação nas basas.

As outras duas páginas do regulamento interno referem-se à organização e conservação da república. Nelas, estão listadas as obrigações das atletas, como arrumar suas camas, limpar seus quartos e banheiros e lavar a louça após as refeições.

O último item da cartilha, no entanto, é o mais preocupante para as atletas. Fala das punições em caso de desobediência às normas, que pela ordem são: advertência verbal, multa, advertência por escrito para o pai ou responsável e exclusão da equipe.

A multa é descontada da ajuda de custo que cada uma recebe todo mês. Uma falta na escola não justifica a falta por escrito, implica desconto de 5%.

Entre o dever e a brincadeira

Para muitas meninas, o basquete ainda é uma espécie de brinquedo. Para outras, no entanto, já é trabalho duro. É isso que acontece, por exemplo, com a pivô Geisa Afonso Campos, de 17 anos, da equipe infanto-juvenil da Microcamp.

Ela treina durante dois períodos — manhã e tarde — e estuda à noite. Melinda dos Santos que recebe para jogar envia mensagens à família, em São Paulo. "Muita mãe é apressada, e precisa da minha ajuda", explica. O pai de Geisa morreu antes mesmo de ela começar no basquete.

Embora esteja estreando na equipe adulta da Microcamp, onde joga a estreia Paula, Geisa tem salário de atleta infanto-juvenil, que varia de R\$ 1.200,00 a R\$ 1.500,00, de acordo com o desempenho. Somente no próximo ano, estará no time juvenil e terá seu salário aumentado. As jogadoras juvenis ganham de R\$ 250,00 a R\$ 450,00.

Apesar das responsabilidades, Geisa também ainda é uma criança. Não viaja sem carregar

seu bichinho de pelúcia de estimação: um macaco marrom, chamado Shaq (de Shaquille O'Neal, o astro do basquete norte-americano). "É meu anjozinho", brinca. Shaq foi ao México com Geisa na semana passada, de onde ela voltou com a medalha de ouro do Torneio das Américas.

O hábito de alajar o bichinho de pelúcia não é só de Geisa. As pivôs Kelly e a lateral Michaela também levaram seus "mimos" para o México. Kelly tem um macaquinho e Michaela, um estranho porco-espinho.

Dois jogadoras da Microcamp são sobrinhas da lateral Roseli, medalha de prata na Olimpíada de Atlanta. Karen e Sílvia Rocha chegaram ao basquete influenciadas pela tia, que já jogou na Ponte Preta de Campinas.

Karen, de 12 anos e 1,72 metro de altura, está há um mês no time pré-mini da Microcamp. Sílvia, de 14 anos e 1,82 metro, joga basquete há três anos e meio em Campinas.

O "salário" das jogadoras varia de acordo com a categoria e desempenho. A divisão é a seguinte: R\$ 20,00 (pré-mini), R\$ 40,00 (mini), R\$ 60,00 (mirim e infantil), R\$ 120,00 a R\$ 150,00 (infanto-juvenil) e R\$ 250,00 a R\$ 450,00 (juvenil). O dinheiro é utilizado para despesas pessoais. A Microcamp mantém a casa e a escola das atletas.

Todas as 18 jogadoras que vivem na república viajam de outras cidades e estados. Cinco delas são de Miracema, no Rio, e vão para casa a cada três meses.

É o caso de Michaela, da seleção juvenil campeã do Torneio das Américas no domingo passado. "São 12 horas de ônibus e não dá para ficar viajando muito", justifica. Mesmo acostumada a viver longe da família há quatro anos, a jogadora diz que sente muitas saudades de sua casa.

Equipe encara o Bauru hoje pelo Paulista

Após a vitória de 97 a 77 sobre a Thathi, em Araçatuba na sexta-feira à noite, a equipe da Microcamp volta à quadra hoje para a segunda partida do Campeonato Paulista de Basquete Feminino. O time vai a Bauru para enfrentar o Tênis Clube local, às 20h30.

A Microcamp já jogou com o time de Bauru no Torneio Início e venceu por 23 a 20. A partida, segundo o técnico Antônio Carlos Barbosa, não serve de parâmetro porque teve dez minutos de duração. "É difícil avaliar um jogo tão curto", explica.

Barbosa lembra que o Tênis Clube de Bauru derrotou a equipe da Sezar, em Americana, no Circuito Paulista, no primeiro semestre. "É um time que está evoluindo", constata.

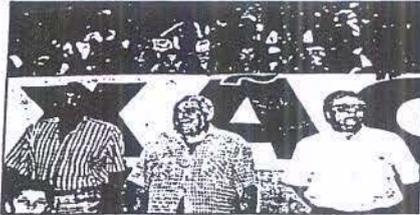
Prefeito promete ajuda para formar time masculino:

O prefeito de Campinas, Chico Amaral, pode se considerar um "pé-quentista". Nas duas vezes em que assistiu à Microcamp jogar, a equipe venceu. Uma delas foi ontem. E a outra foi contra o Seara-Americana, no primeiro turno, em que o time de Campinas ganhou por 70 a 45.

Chico Amaral chegou ontem ao Ginásio Pedro Dell'Antonia, em Santo André, com a partida em andamento. Sentou-se em uma cadeira, na lateral da quadra, acompanhado pelo secretário de Esportes, Antônio de Pádua Bateiro, e torceu pela equipe de Paula. No intervalo do jogo, apostou na vitória. E não deu outra.

Amaral, que já foi presidente da Liga de Basquete de Campinas na década de 40, prometeu ontem apoiar a formação de um time de basquete masculino na cidade. "Já estou conversando com algumas empresas interessadas em patrocinar a equipe", afirmou.

O prefeito garantiu também que vai solucionar o problema da Microcamp, que não tem quadra para treinar e precisa pagar aluguel ao Tênis Clube. "Não vou permitir que o time deixe Campinas", disse, garantindo que vai reverter a exclusividade que o Olympus tem no Ginásio do Taquaral.



Prefeito Chico Amaral assiste a jogo da Microcamp; torcedor pé-quentista

Um show de basquete

RONE VILAS BOAS

A Microcamp é campeã estadual de basquete de feminino. Com mais um show de Magic Paula, que ontem fez 40 pontos, a equipe de Campinas venceu o Seara por 109 a 104 (65 a 58 no primeiro tempo), fechando o play-off final do Campeonato Paulista em 3 a 1. A vitória foi conquistada no ginásio do Centro Cívico, em Americana, com cerca de 2 mil espectadores.

Com a determinação de todo o time e principalmente com a perfeição de Paula e a garra de Branca, a Microcamp deu um show de basquete ontem em Americana. Soube tirar a vantagem do adversário no primeiro tempo, que chegou a 13 pontos, e fazer uma excelente partida.

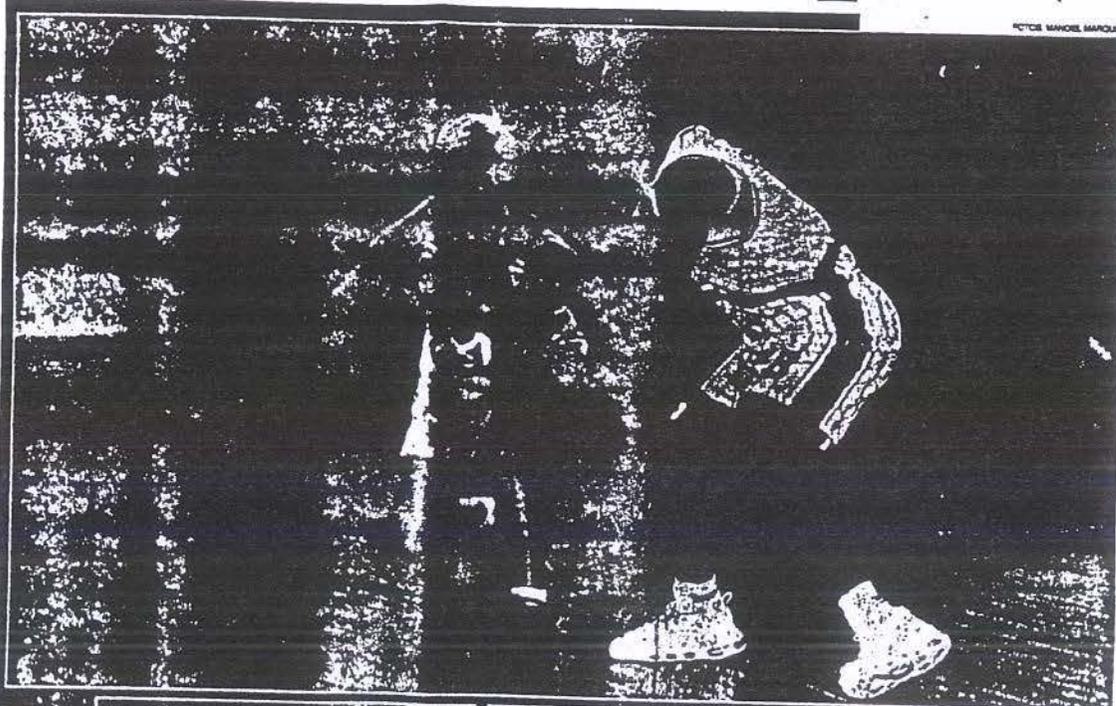
Sem dúvida, o que contou ontem na equipe foi a garra e a frieza. Mas também as bolas de três pontos valeram muito para garantir a vitória. Quando o time ainda estava em desvantagem, o técnico Antônio Carlos Barbosa colocou a armadora Mina em quadra, uma das melhores jogadoras do time no arremesso à distância, que conseguiu acertar três bolas de três pontos.

Uma delas serviu para a Microcamp empatar em 56 a 56, quando faltavam três minutos para o final da primeira etapa. Segundos depois, com a partida em 58 a 58, Karina perdeu a bola, deixando para Paula sair no contra-ataque. Ela recebeu a falta e colocou a Microcamp na frente. Uma falta de Karina sobre Maristela, que converteu os dois pontos, e uma bola de três de Branca levou o time de Campinas a 65 a 58.

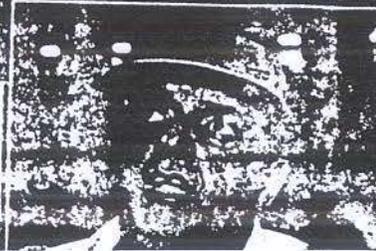
No segundo tempo, a Microcamp continuou na frente até os seis minutos iniciais. Depois, permitiu o Seara encostar e a passar à frente, dando a impressão de que a decisão do Paulista ficaria para a quinta partida.

Com algumas bolas de três de Helen e Silvinha, o Seara chegou a ter uma vantagem de cinco pontos, mas alguns erros técnicos deixaram o time vulnerável aos ataques perfeitos do inspirado time campineiro. Até a pivô Razija conseguiu roubar uma bola de Karina. No contra-ataque rápido, Paula

► Microcamp faz festa na casa do Seara, ganha quarto jogo do play-off final e garante o título paulista



FOTOS MANOEL MARQUES



Hortência chora e critica erros de sua equipe

A ex-jogadora Hortência, diretora do Seara/Americana, não se conformava com a derrota de seu time ontem à tarde. Sempre acostumada às conquistas porque em toda sua carreira só defendia equipes campeãs, a Rainha Hor-

De

ca levou o time de Campinas a 65 a 58.

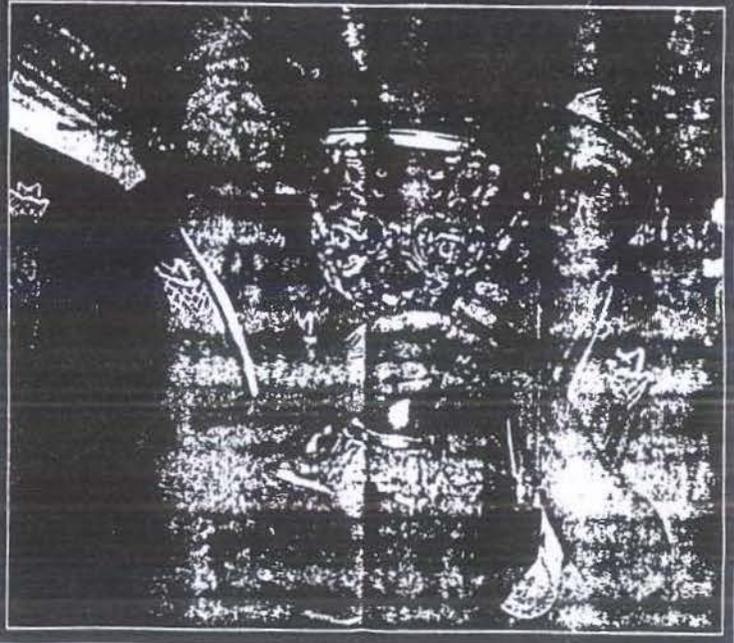
No segundo tempo, o Microcamp continuou na frente até os seis minutos iniciais. Depois, permitiu o Seara encostar e a passar a frente, dando a impressão de que a decisão do Paulista ficaria para a quinta partida.

Com algumas bolas de três de Heiza e Silvinha, o Seara chegou a ter uma vantagem de cinco pontos, mas alguns erros técnicos deixaram o time vulnerável aos ataques perfeitos do inspirado time campineiro. Até a pi-

vô Razija conseguiu roubar uma bola de Karina. No contra-ataque rápido, Paula marcou 105 a 102.

No final, o time de Americana ainda conseguiu acertar uma bandeja, mas a sorte não estava a seu favor. Erros o próximo ataque, deixando a Microcamp manter 109 a 104 com uma bela cesta de Paula.

Microcamp faz festa na casa do Seara, ganha quarto jogo do play-off final e garante o título paulista



Ponte fecha patrocínio de Cr\$ 1 bilhão no basquete

LAINÉ TURATI

A Nossa Caixa é quem vai patrocinar as equipes de basquete feminino da Ponte Preta nesta temporada. O presidente do clube, Marco Antonio Abi Chedid, disse que as negociações foram encerradas ontem, com a aprovação da diretoria do banco. Segundo ele, o valor do patrocínio é US\$ 300 mil (Cr\$ 1,05 bilhão). Chedid também explicou que a busca por patrocinadores ainda não está encerrada. Há a possibilidade do aparecimento de um copatrocinador, que aumentaria a receita da equipe.

O contrato deve ser assinado dentro dos próximos dias. "Há um processo legal que precisa ser cumprido. Mas o importante é a aprovação do patrocínio pela diretoria do banco, o que já aconteceu", comemora o dirigente. O interesse em uma segunda empresa patrocinadora demonstra que a quantia oferecida pela Nossa Cai-

xa não é suficiente para a manutenção da equipe adulta e também dos times menores. Chedid não desmente o fato e confirma futuras negociações com outros possíveis patrocinadores. "Esse é o patrocinador oficial, mas podem existir outros", desconversa.

O dirigente também não quis revelar com quem ficou a conta dos últimos três meses, nos quais a Ponte treinou e competiu sem um patrocinador formal. As contratações começaram em 9 de março, com Paula, Nádia, Helen, Roseli e mais técnica Maria Helena Cardoso e sua auxiliar Heleninha, e se seguiram com a pivô argentina, Karina. As jogadoras começaram a treinar no dia seguinte da contratação, com exceção daquelas que defendem a seleção brasileira. Na época das contratações, as especulações eram de que a equipe custaria US\$ 800 mil (Cr\$ 2,8 milhões) pela temporada, o que não foi confirmado por Chedid.

Campinas, sábado, 03 de setembro de 1994



Corinthians

Time de Casagrande quer devolver goleada contra Flamengo

Página 4

Esporte

Derbinho

Guarani de Carlos enfrenta a Ponte pelo Paulista de Juniores

Página 2



Ponte é bicampeã mundial interclubes

A equipe campineira venceu a Cesp/Unimep por apenas três pontos de diferença - 98 a 95 - na decisão de ontem, em Guarulhos



Hortência (esq.) venceu um novo duelo contra Paula, agora na decisão do Campeonato Mundial Interclubes, em Guarulhos

RAFAEL DE MARCO

A Ponte Preta/Nossa Caixa é bicampeã mundial interclubes feminino de basquete. A equipe campineira conquistou o título da quarta edição do campeonato batendo a Cesp/Unimep, de Piracicaba, por 98 a 95 (61 a 52 no primeiro tempo), na final, ontem à noite, no ginásio Paschoal Thomaz, em Guarulhos. Como é tradicional nos confrontos entre as equipes de Paula e Hortência, o vencedor só foi definido nos segundos finais. A surpresa do Mundial foi o Japan All Star, que derrotou o Lacta/Santo André pelo placar de 89 a 84 (52x48) e ficou com o terceiro.

A Ponte Preta/Nossa Caixa começou melhor na partida decisiva do campeonato e comandou o placar durante todo o primeiro tempo. A maior vantagem das campineiras foi de 12 pontos - 44 a 32, quando faltavam sete minutos para o final do período. A

Cesp ameaçou uma reação, sempre comandada por Paula, mas acabou nove pontos atrás - 61 a 52.

No segundo tempo, a Cesp foi para o tudo ou nada, porém com as boas atuações de Hortência, Roseli, Adrienne, Karina, Helen e Ruth, a Ponte conseguiu manter uma vantagem média de sete pontos até a metade do período. Mas, a equipe de Piracicaba melhorou a defesa e se acertou nos contra-ataques.

Com isso, a Cesp virou o placar - 86 a 85 - quando faltavam seis minutos para o término da partida. A partir desse momento, o equilíbrio foi total, com uma diferença média de três pontos para a Ponte. A vitória campineira veio a menos de um minuto para o final. Hortência converteu um arremesso e colocou a Ponte na frente: 96 a 95. Ruth sofreu uma falta e ampliou em dois lances livres: 98 a 95. A Cesp tentou em dois arremessos de três pontos, através de Paula e Branca, mas sem sucesso.

Jogaram e marcaram: Ponte - Hortência (24), Helen (15), Roseli (5), Ruth (19), Karina (23), Adrienne (22), Cesp - Paula (32), Branca (7), Cathy (15), Adriana (9), Marta (20), Jack (20) e Alessandra (2).

Técnico da Microcamp tenta montar um time concorrente

MARCO ANTONIO MARTINS

A Microcamp poderá ganhar um rival dentro de Campinas para a próxima temporada. O técnico Paulo Roberto Bassul Campos disse ontem estar em busca de um patrocinador, para montar uma segunda equipe adulta feminina de basquete na cidade, em 1998. Segundo o treinador, seriam necessários cerca de R\$ 50 mil por mês, para manter o time a ser formado.

Campos é o técnico da equipe juvenil da Microcamp, única categoria de base ainda mantida pela escola de informática. "Para 98, mesmo que a Microcamp queira, não terá condições de absorver todas as meninas do nosso juvenil. Justamente por isso,

para não perdermos as jogadoras e aproveitarmos a chance de montar mais uma equipe em Campinas, estamos correndo atrás de patrocinio."

Segundo Campos, a intenção é montar um time adulto para disputar a princípio a Divisão A-2 do Campeonato Paulista. Num segundo momento, a intenção é alcançar ainda em 98 uma vaga para disputar a Especial, juntamente com equipes como a Microcamp e Data Control.

O técnico e sua mulher, a também treinadora Milla Rondon, são responsáveis ainda pelas categorias de base da Associação dos Servidores Públicos Municipais. A Prefeitura teve de assumir essas categorias há alguns meses, após o inesperado a-

núncio da retirada de patrocinio por parte da Microcamp.

"A Prefeitura ainda não fez a oficialização, mas a previsão é de que ela destine 20 mil por mês em 98 para o basquete. Isso seria suficiente para sustentar até a categoria infante e montar um time juvenil de nível médio", conta Campos. "Nosso trabalho com as categorias de base já tem seis anos, e perder a força no juvenil seria um grande retrocesso."

As equipes dirigidas por Bassul Milla dominam totalmente o basquete paulista. Nesta temporada, o mini e o mirim já são campeões; o juvenil e o infantil estão disputando as semifinais; e o infante se classificou para as finais em primeiro lugar.

Vai para o pódio ou não vai?

Nunca é tarde para aprender um esporte. Neste momento, por exemplo, somos 170 milhões em ação, tentando decifrar a ginástica olímpica. Não importa que poucos entre nós sejam capazes de distinguir entre um duplo twist carpado e um duplo twist esticado sem o auxílio do replay em câmera lenta. Daqui até o início das Olimpíadas teremos tempo suficiente para aprender a avaliar um exercício de solo com precisão de três casas depois da vírgula. "Ladrões! Esse era pra no mínimo 9,689!", vociferarão pais de família, com a mesma naturalidade de quem contesta um impedimento mal marcado.

Já vimos esse filme. Até 1997, por exemplo, a palavra "saibro" não fazia parte do vocabulário cotidiano. Na nossa cultura, se algo passasse de zero para 15, fosse direto a 30 e logo depois a 40, tratava-se evidentemente de um sinal da volta da hiperinflação, e não de um sistema exótico de contagem de pontos. No entanto, bastou o Guga ser campeão em Roland Garros para que os resultados do tênis passassem a aparecer diariamente no noticiário, junto com a cotação do dólar e o ibope da novela das 9. A prolongada má fase do nosso jogador número um, contudo, ameaça relegar o tênis ao mesmo limbo habitado por esportes outrora populares, como o xadrez de Mequinho e o salto triplo de João do Pulo.

O fato é que não gostamos de esporte: gostamos é de campeões. Precisariamos nascer de novo para aprender

a apreciar uma competição esportiva como se deve. Na encarnação atual, nosso negócio é torcer. Nem todos os esportes, infelizmente, são apropriados ao nosso estilo de torcida. Ainda não se sabe como o mundo reagirá àquele mar de camisetas amarelas nas arquibancadas de Atenas berrando "É O É O, A DALANE É UM TERRORI".

Observe o contra-senso. Somos os inventores do único esporte verdadeiramente olímpico - o frescobol, jogo

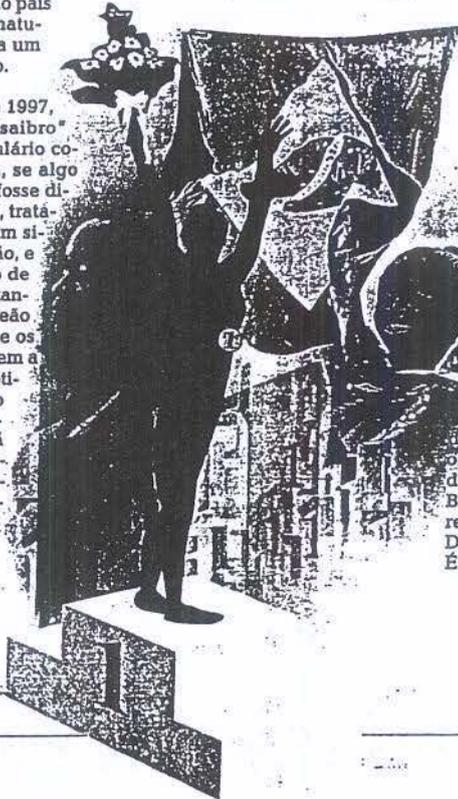
singular em que não há vencedor nem vencido. Ainda assim, os esportes em que não temos chances de ser campeões nos causam a mais olímpica indiferença. Veja o caso da Fórmula 1. Alguém aí tem acompanhado as corridas de verdade, como antigamente? Duvido. A gente deixa a TV ligada, mas é só para passar o tempo, enquanto espera o Nelsinho Piquet Jr. chegar.

O mais espantoso é que, com exceção do futebol, nossos campeões mundiais surgem em esportes que nenhum brasileiro parece praticar na vida real. Antes do Guga, o Brasil só se destacava pelo roubo de tênis. Ginástica é um esporte que normalmente só praticamos com o orçamento doméstico. E nosso talento natural para o automobilismo - a saber: atravessar o sinal vermelho, ultrapassar pelo acostamento e molhar a mão do guarda - não serve para nada na hora de disputar um grande prêmio.

O difícil de torcer por esses esportes desconhecidos é aprender a conviver com a irregularidade dos atletas. São poucas as modalidades em que conseguimos manter nossa hegemonia de maneira consistente. Só existe um esporte em que não somos ameaçados por nenhum país há muitos anos: o top-modelismo. Faz pelo menos duas Copas do Mundo que Gisele Bündchen lidera o ranking, sem amarelar. O que mais podemos querer? Dalane no solo, Gisele na passarela. É! CAM-PE-ÃO! É! CAM-PE-ÃO!

e-mail para a coluna:
xongas@edglobo.com.br

As cartas devem ser encaminhadas com identificação, assinatura, endereço e telefone do remetente



Microcamp estréia no Campeonato Nacional

MARCO ANTONIO MARTINS

Sem sete jogadoras da temporada passada, a Microcamp irá utilizar a tática do "basquete solidário" nas primeiras rodadas do 1º Campeonato Nacional Feminino. A equipe campineira estréia hoje na competição contra o Blumenau/Toledo, às 20 horas, no Ginásio do Guarani. Não haverá cobrança de ingresso e os bilhetes podem ser retirados nas escolas Microcamp e ABC.

Segundo o técnico da Microcamp, Antônio Carlos Barbosa, a sua equipe está enfraquecida em relação à que disputou o Campeonato Paulista e somente com um basquete solidário será possível superar os desafios. "Eu já disse para as atletas jogarem sem se preocupar com espetáculo. Nossa meta é jogar o suficiente para vencer as partidas", afirma.

"Para a nossa tática dar certo, será preciso valorizar a posse de bola e solidificar o sistema de defesa. Enquanto a Branca e a segunda estrangeira a ser contratada não estiverem em quadra, temas de jogar o tradicional arroz com feijão. Não há outra alternativa", reforça Barbosa.

A Microcamp entra na competição sem sete jogadoras do Paulista: a croata Vedra, Adriani, Vânia Hernandez, Micaela, Geiza, Flávia e Gislaine. Foram contratadas até agora as laterais Patrícia e Cláudia; as arma-



A ala/armadora Paula, da Microcamp, brinca com o ar, em treino no Ginásio do Guarani: time renovado para o Campeonato Nacional

doras Karla e Fabiana Franco; e a pivô Lucy.

► **Equipe enfrenta o Blumenau/Toledo, no Guarani, e técnico Barbosa defende basquete solidário**

De acordo com Barbosa, a Microcamp começará jogando hoje com Riza (ainda em recuperação de uma inflamação no joelho), Maristela, Karla, Magic

vô Kelly, recuperada de uma crise de sinusite, está confirmada entre as reservas.

O preparador físico da Microcamp, Hermes Baibino, tem procurado melhorar a auto-estima das jogadoras e conscientizando o grupo da importância do trabalho em equipe. "A união e o empenho das jogadoras são fundamentais para se obter

bons resultados", diz o especialista.

Para Hermes é preciso ressaltar a importância de cada um no grupo. "Importante não é só quem faz pontos, quem pega rebote, faz assistência, defende. Todas têm sua função e importância, afinal basquete é um jogo coletivo", afirma Baibino. "Isso também vale para as atletas que ficam

na reserva e são igualmente importantes para o conjunto."

A primeira rodada do Nacional terá outras três partidas na noite de hoje: Osasco/BCN x Ulbra, em Osasco; Vila Nova x Santo André/Polti Vaporella, em Goiânia; e Fluminense/Oceânica/Data Control x São Bernardo/Uniban, no Rio de Janeiro.

Time tenta contratar americana

A Microcamp pretende definir até o final da noite de ontem a contratação da ala/pivô norte-americana Wendy Palmer, de 1,88 metro; para as disputas do Campeonato Nacional. Segundo informações, o acordo com a croata Danira Nakic tornou-se praticamente inviável. Outro nome cogitado, o da pivô lituana Rhoda Alelunaitis, também chegou a ser oferecido aos dirigentes da equipe campineira.

A contratação de Wendy já havia sido cogitada anteriormente, mas o técnico Antônio Carlos Barbosa a vetou. A dificuldade da Microcamp em trazer outra estrangeira, para a vaga aberta pela croata Vedra, teria obrigado os dirigentes a reconsiderar a decisão e buscar o acordo com a jogadora.

Conforme informações, Danira teria de pagar uma indenização considerada alta para obter a liberação de seu clube atual, na Croácia, e esse fator desmotivou a jogadora a deixar o país. Apesar das chances remotas de acordo com a Microcamp, a jogadora ainda não deu a resposta final se aceita ou não jogar no Brasil.

No caso de Rhoda Alelunaitis, a possibilidade de contratação é ainda mais improvável. Barbosa já anunciou o interesse na contratação de uma ala/pivô, e a lituana joga como pivô.

Técnico da Microcamp tenta montar um time concorrente

MARCO ANTONIO MARTINS

A Microcamp poderá ganhar um rival dentro de Campinas para a próxima temporada. O técnico Paulo Roberto Bassul Campos disse ontem estar em busca de um patrocinador, para montar uma segunda equipe adulta feminina de basquete na cidade, em 1998. Segundo o treinador, seriam necessários cerca de R\$ 50 mil por mês, para manter o time a ser formado.

Campos é o técnico da equipe juvenil da Microcamp, única categoria de base ainda mantida pela escola de informática. "Para 98, mesmo que a Microcamp queira, não terá condições de absorver todas as meninas do nosso juvenil. Justamente por isso,

para não perdermos as jogadoras e aproveitarmos a chance de montar mais uma equipe em Campinas, estamos correndo atrás de patrocinio.

Segundo Campos, a intenção é montar um time adulto para disputar o princípio a Divisão A-2 do Campeonato Paulista. Num segundo momento, a intenção é alcançar ainda em 98 uma vaga para disputar a Especial, juntamente com equipes como a Microcamp e Data Control.

O técnico e sua mulher, a também treinadora Milla Rondon, são responsáveis ainda pelas categorias de base da Associação dos Servidores Públicos Municipais. A Prefeitura teve de assumir essas categorias há alguns meses, após o inesperado a-

núncio da retirada de patrocinio por parte da Microcamp.

"A Prefeitura ainda não fez a oficialização, mas a previsão é de que ela destine 20 mil por mês em 98 para o basquete. Isso seria suficiente para sustentar até a categoria infante e montar um time juvenil de nível médio", conta Campos. "Nosso trabalho com as categorias de base já tem seis anos, e perder a força no juvenil seria um grande retrocesso."

As equipes dirigidas por Bassul Milla dominam totalmente o basquete paulista. Nesta temporada, o mini e o mirim já são campeões; o juvenil e o infantil estão disputando as semifinais; e o infante se classificou para as finais em primeiro lugar.

Basquete de Campinas corre risco

MARCO ANTONIO MARTINS

A equipe feminina de basquete da Microcamp, está a um passo do fim. Segundo o Correio apurou, o presidente da escola de informática, Eloy Tuffi, pretende encerrar as atividades do time logo após as disputas do Campeonato Nacional. Os planos do dirigente vêm sendo mantidos em sigilo absoluto e é assunto proibido entre os funcionários da empresa.

Sem um co-patrocinador e com a imagem desgastada junto às jogadoras, comissão técnica e eventuais investidores, Tuffi não teria mais condições de bancar sozinho a manutenção da equipe — campeã paulista de 96 e vice, na última edição — e resolveu sair de cena.

A princípio, a intenção de Tuffi era dispensar somente algumas jogadoras, até o início do próximo Campeonato Paulista, mas a falta de uma parceria teria mudado os planos do presidente. Ele resolveu pela dissolução do grupo.

A equipe de basquete consome mensalmente cerca de R\$ 130 mil dos cofres da empresa de Tuffi. Para viabilizar a continuidade da equipe, a Microcamp precisaria contar com um patrocinador que lhe destinasse pelo menos 50% deste valor.

Vários contatos foram feitos com grandes empresas de Campinas e região, mas a assinatura de contrato não ocorreu. Justificativa: ninguém aceitou associar a sua marca ao polêmico presidente da Microcamp, marcado por decisões intempestivas e declarações

bombásticas. Tuffi, entretanto, conforme informações, ainda alimenta algumas esperanças de acertar uma parceria.

O desgaste da imagem de Tuffi, junto às atletas e comissão técnica, começou com a extinção das categorias de base no meio da temporada, deixando aproximadamente 80 garotas desemparadas.

Mais tarde, vieram os atritos entre Tuffi e as estrangeiras Raza e Vedra. A bósnia Raza ameaçou deixar o grupo, mas acabou permanecendo na equipe. Com a croata Vedra, entretanto, não houve entendimento e foi impossível mantê-la na equipe.

Logo depois do Paulista, para aumentar os indícios de crise interna, várias jogadoras — além da própria Vedra — resolveram trocar de time por estarem insatisfeitas com as atitudes tomadas pelo presidente da Microcamp. A armadora Adrianinha, uma das atletas que deixou o grupo, chegou a ser impedida legalmente por Tuffi de jogar por algum tempo. Mais um desgaste.

Para entornar de vez o copo, ou o garrafão, Tuffi revelou o seu plano de dispensar algumas jogadoras depois do Nacional, durante as férias da equipe. A declaração foi automaticamente rebatida pela ala/armadora Paula. Líder do time e carro-chefe do departamento de marketing da empresa, a jogadora disse não concordar com as dispensas das companheiras e anunciou estar estudando uma proposta de transferência para a Uniban.

esporte-basquete - Fem - microcamp

el

CORREIO POPULAR

ESPORTES

CAMPINAS, SEXTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1998

FERRARI USA NOVO CARRO

A Ferrari estreia hoje no circuito de Magny-Cours, no primeiro treino para o GP da França, que será realizado no domingo, uma nova configuração aerodinâmica no seu modelo F300. É com esse carro que o piloto Michael Schumacher espera reverter a vantagem de 12 pontos de Mika Häkkinen, da McLaren, na classificação.

Chega ao fim o time da Microcamp

Ed

Como o Correo Popular já havia antecedido com exclusividade antes do Mundial de Basquete da Alemanha, a equipe feminina da Microcamp acabou logo no final do Campeonato Nacional. Após ter maquiado a verdade durante mais de dois meses, o presidente da escola de Informática, Eloy Tuffi, confirmou ontem a extinção do time campeão paulista da temporada 98/97.

De acordo com o dirigente, o Ginásio do Guarani sediará agora somente treinos e jogos de uma equipe de basquete sobre rodas patrocinada pela empresa — o Gedal (Grupo Esportista Deficiente Aço e Integração) — e balles de formatura promovidos pela própria Microcamp.

"Não estou nem um pouco triste com o fim do time. Minha meta agora é ser campeão regional de basquete sobre rodas", afirma Tuffi, em mais uma prova clara de seu desrespeito à equipe que presidia. "As meninas pisaram na bola na final do último Paulista. E eu não patrocino time perdedor. Se a Paula acha que estou lhe devendo três meses de salário, ela que vá cobrar da Caixa Econômica Federal (patrocinadora da seleção brasileira)."

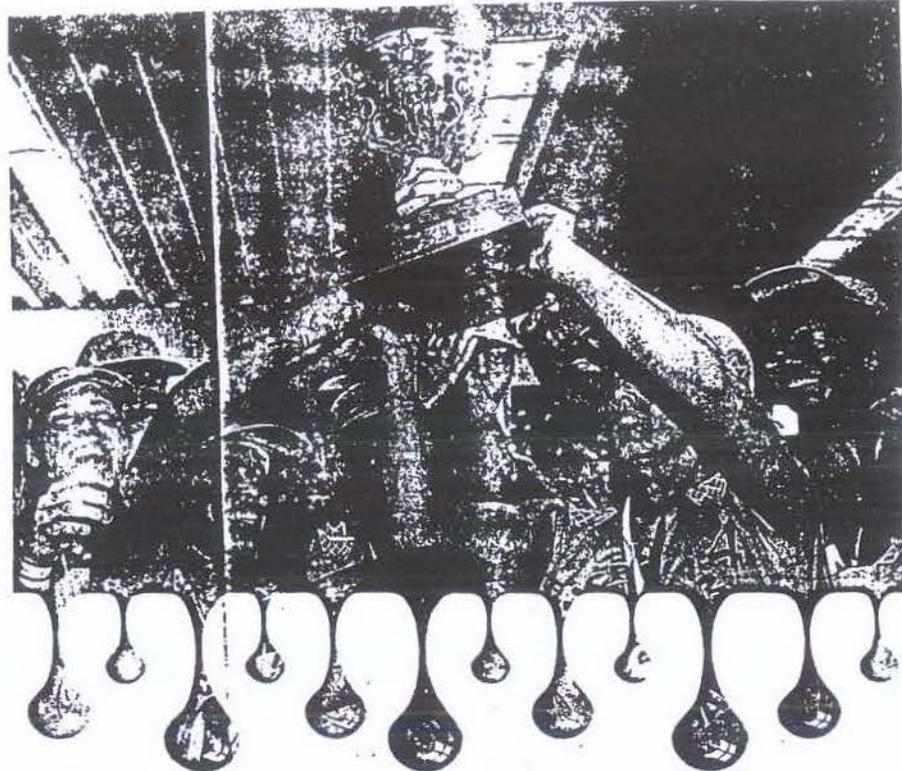
Tuffi havia condicionado a continuidade do time feminino de basquete à permanência da sua Paula para o

Paula, por sua vez, declarou que preferia ficar um ano sem jogar a ter que continuar na Microcamp.

"Eu já sabia. Tinha quase certeza de que o Eloy viria com essa história de que acabaria com a equipe se eu não ficasse", dispara Paula, após uma gargalhada. "É só isso que eu tenho a dizer sobre esse assunto. Cansel", completa a jogadora, que recebeu um convite para jogar pela Uniban e sonha em dirigir uma nova equipe no futuro, a exemplo de Hortância Oliveira.

"Ainda não me disseram nada em caráter oficial, mas para mim o time da Microcamp está realmente fora. Acabou", afirmou ontem o vice-presidente da Federação Paulista de Basquete, Tony Chakmati, antes das declarações de Eloy Tuffi. "Estou enviando um ofício aos clubes informando que as inscrições para o Paulista ocorrerão entre os dias 10 e 12 de julho, mas isso apenas é pró-forma. Já sei quem vai competir no restante da temporada."

Tuffi disse ontem que o contrato firmado entre a Microcamp e o Guarani, para a exploração do ginásio do clube, não será rompido. "Eu gastei R\$ 250 mil com reformas no Guarani e tenho direito de utilizar o ginásio por mais três anos. Além disso, eu tenho um excelente relacionamento com o presidente bugrino, Beto Zini", garante o proprietário da escola de informática.



“Não estou nem um pouco triste com o fim do time. Minha meta agora é ser campeão regional de basquete sobre rodas.”

de Tuffi, ironizando o fim da equipe

Esporte sofre o golpe de misericórdia

Com o fim da Microcamp, o chamado esporte de alto rendimento de Campinas sofreu ontem o golpe de misericórdia. Em menos de três anos, a cidade derrapou nos bastidores políticos e perdeu também outras seis equipes ao longo do curto espaço de tempo. Ainda ontem, para completar, foi confirmada pela Secretaria Estadual de Esportes e Turismo a impossibilidade de Campinas disputar os próximos Jogos Regionais e Abertos do Interior.

A primeira grande perda

campineira foi a saída do time masculino de vôlei da Olympikus, que após dois anos de permanência na cidade e vários títulos conquistados, preferiu trocar Campinas por Indaiatuba e, posteriormente, foi jogar no Rio.

Depois, foi a vez da passagem meteórica pela cidade da equipe feminina de vôlei da MRV. O time de Belo Horizonte, que havia prometido deixar uma base para a modalidade no município, ficou apenas três meses em Campinas e nunca mais voltou. Outra jogadora política

mal sucedida.

Logo após a Corrida Internacional de São Silvestre, em dezembro passado, foi a vez da equipe de atletismo da Funilense abandonar Campinas. Preferiu competir por São Caetano do Sul.

Seguindo a maré baixa, a Sociedade Hípica de Campinas perdeu o patrocínio de sua equipe feminina de vôlei e resolveu não disputar a temporada por falta de dinheiro. O mesmo fim tiveram os times de basquete masculino da própria Hípica, em 1997, e do Tênis Clu-

be, neste ano.

"Tivemos também equipes boas na cidade e foram todas embora. Infelizmente, passaram como um cometa. Agora, mais do que nunca, e principalmente por ser época de Copa do Mundo, a molecada quer saber apenas de jogar futebol. Só quero ver como faremos para incentivar o trabalho de base em outras modalidades, sem termos "espelhos" para os jovens no esporte amador", lamenta o gerente de esportes do Tênis Clube, Guilherme Müller. (MAN)

“Cansel. Tinha certeza de que o Eloy viria com essa história de que acabaria com a equipe se eu não ficasse.”

De sua armadora Paula

PASTA: _____

Microcamp corre contra o tempo

A pivô/lateral Leila e a pivô Alessandra fazem parte dos planos da Microcamp para o Campeonato Paulista de Basquete da Divisão Especial. O polêmico presidente da escola de informática, Eloy Tuffi, mudou de ideia e está trabalhando nos bastidores a montagem de uma nova equipe para Campinas. Há menos de um mês, o dirigente havia oficializado o encerramento do departamento de basquete da empresa.

No dia 25 de junho, Tuffi chegou a declarar que "não estava nem um pouco triste com o fim do time de basquete". Agora, o presidente da Microcamp vem tentando convencer algumas atletas a jogar por Campinas.

A ala Silvinha foi a primeira a recusar a proposta do empresário. Alessandra e Leila disputam a WNBA, mas o técnico Antônio Carlos Barbosa

garante estar disposto a esperar por elas até o final de agosto.

O maior sonho de Tuffi, depois da saída de Magie Paula e Branca de seu time, é formar uma nova dupla com as pivôs Marta e Raza Mujanovic. Caso Marta não aceite a proposta de Tuffi, as opções seriam Leila e Alessandra. Barbosa também manifestou interesse nas contra-

tações de Cintia Luz e a pivô Patrícia Mara, ex-Data Control.

Outra opção de reforço seria a pivô Karina. Se Paula realmente for contratada pelo BCN, a jogadora argentina naturalizada brasileira ficaria desempregada. Tanto Karina quanto Paula pertencem à categoria Especial, de acordo com o sistema de ranqueamento da Federação Paulista de Basquete, e não podem atuar pelo mesmo time.

O maior empecilho para

os planos de Eloy Tuffi dar certo é a sua fama de mau pagador. Quase todas as jogadoras que defenderam a Microcamp até o Campeonato Nacional estão processando a empresa pelo não pagamento de salários, inclusive Paula, Branca e Cláudia Pastor. Além do BCN, Paula estudou propostas para defender o Uniban ou até mesmo uma terceira equipe a ser formada por Hortência Oliva, possivelmente em Jundiaí.

O técnico Antônio Carlos

Barbosa diz estar preocupado com o pouco tempo disponível para a formação de uma nova equipe por parte da Microcamp. "Ficará bastante difícil montar um time de alto nível agora, como é o plano do Eloy."

Tanto o Campeonato Paulista feminino quanto o masculino têm início previsto para o dia 20 de agosto. Pelo menos a princípio, a Microcamp só poderá disputar o Paulista se inscrever a equipe até o dia 31 deste mês.

► **A um mês do Paulista, empresa pensa em reativar equipe de basquete**

Ponte fecha patrocínio de Cr\$ 1 bilhão no basquete

LAINÉ TURATI

A Nossa Caixa é quem vai patrocinar as equipes de basquete feminino da Ponte Preta nesta temporada. O presidente do clube, Marco Antonio Abi Chedid, disse que as negociações foram encerradas ontem, com a aprovação da diretoria do banco. Segundo ele, o valor do patrocínio é US\$ 300 mil (Cr\$ 1,05 bilhão). Chedid também explicou que a busca por patrocinadores ainda não está encerrada. Há a possibilidade do aparecimento de um copatrocinador, que aumentaria a receita da equipe.

O contrato deve ser assinado dentro dos próximos dias. "Há um processo legal que precisa ser cumprido. Mas o importante é a aprovação do patrocínio pela diretoria do banco, o que já aconteceu", comenta o dirigente. O interesse em uma segunda empresa patrocinadora demonstra que a quantia oferecida pela Nossa Cai-

xa não é suficiente para a manutenção da equipe adulta e também dos times menores. Chedid não desmente o fato e confirma futuras negociações com outros possíveis patrocinadores. "Esse é o patrocinador oficial, mas podem existir outros", desconversa.

O dirigente também não quis revelar com quem ficou a conta dos últimos três meses, nos quais a Ponte treinou e competiu sem um patrocinador formal. As contratações começaram em 9 de março, com Paula, Nádia, Helen, Roseli e mais técnica Maria Helena Cardoso e sua auxiliar Heleninha, e se seguiram com a pivô argentina, Karina. As jogadoras começaram a treinar no dia seguinte da contratação, com exceção daquelas que defendem a seleção brasileira. Na época das contratações, as especulações eram de que a equipe custaria US\$ 800 mil (Cr\$ 2,8 milhões) pela temporada, o que não foi confirmado por Chedid.

CORREIO POPULAR

CAMPINAS, QUINTA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 1993

Basquete da Ponte atrai legião de sonhadoras

□ *Ginásios lotados e invasão de garotas em dias de testes provam sucesso do time*

LARI TURATI

Ginásios de esportes lotados, mesmo em tardes de dias de semana, indicam que alguma coisa mudou em Campinas. Crianças correndo atrás de um autógrafo provam que a transformação é ainda mais profunda. Desde que chegou à cidade, há menos de um ano, o basquete feminino da Nossa Caixa/Ponte Preta se incorporou aos hábitos dos campineiros. Uma vão ao jogo pelo simples prazer de ver o espetáculo das costas. Outros, pela ambição de um dia se igualem a quem idolatram. Estes candidatas à fama vivem de sobreaviso. Aguardam pela oportunidade dos testes, que servem para abastecer as equipes menores com novas jogadoras.

A chance finalmente surgiu. A Ponte realizou duas sessões de testes, em dezembro e no último dia 18. Trezentas atletas, entre 13 e 17 anos, apareceram. Afinal de contas, o fato era inédito. Os outros times que já passaram pela cidade nunca ofereceram tanta proximidade com o sucesso. As jogadoras vieram de longe para dividir espaço com as campineiras. Frevaloceram as forasteiras, que compareceram em maior número. A cidade de Pirajul, por exemplo, marcou presença com time completo.



Garotas disputam bola em semana de testes na Ponte Preta

Entre tantas e desesperadas candidatas, a sorte só sorriu para 30, número que deve cair até o final desta semana, quando termina a última etapa de avaliação. Na consciência dos técnicos que coordenam as chamadas "pe-

neiras", fica a impressão de que alguma injustiça foi ou será cometida. "É quase impossível observar 300 crianças e ter um julgamento perfeito a respeito de algo tão subjetivo", acredita o técnico Paulo Bassul.

Bassul diz que já não perde mais noites de sono pensando nas prováveis "foras-de-atrilo" que ficaram para trás. Garante ter se acostumado com a ideia de avaliar talentos em uma única oportunidade. "Não há como ser diferente. Vários fatores precisam ser analisados, como coordenação motora, velocidade, altura e talento", explica. O técnico lembra que existe ainda o lado emocional, que às vezes interfere no desempenho de uma boa jogadora. "Elas ficam nervosas. Muitas não suportam a ideia de serem reprovadas", acrescenta.

Selecionar atletas vem sendo sua função desde o tempo em que trabalhava em Piracicaba, na extinta equipe do BCN. Mas em Campinas as coisas foram diferentes. Antes, Paulo Bassul reunia durante os testes não mais do que 100 crianças. O número três vezes maior que surgiu na Ponte Preta lhe dá a convicção de que o basquete feminino se transformou em febre na cidade. "Em qualquer quadra de esporte a gente vê meninas bascando bola. Elas observam atentas os treinos do adulto como se pudessem captar talento. É claro que o basquete já se tornou um hábito em Campinas", garante.

A consolidação do esporte, afirma, está intrinsecamente ligada à campanha da Ponte na temporada. Segundo ele, Paula, Karina, Nádia e outras jogadoras do time servem de "espelho" para quem sempre teve vontade de jogar, mas nunca contou com a motivação para levar o sonho adiante. "Estas meninas jamais estiveram tão próximas de seus ídolos e da realização de seus objetivos", completa.

Jovem viaja 12 horas para fazer teste

Mary Somero de Oliveira Gergel, 14 anos, 1,78 metro de altura, viajou 12 horas de ônibus, de Brasília até Campinas. Ela chegou ontem pela manhã e seguiu direto para o ginásio de esportes da Ponte, no Jardim das Palmeiras. Ansiosa, aguardava pelo momento do teste, que só deveria ocorrer à tarde. A tiracolo, a candidata trouxe a mãe, dona Benícia, que conseguiu uma licença no trabalho. Mary curtiu de seu técnico, na seleção de Brasília, o clócio que precisava para arrancar uma chance em um time grande. Telefonou para o clube e conseguiu oportunidade.

A certeza não existia, mas Mary já tinha traçado seus planos para o caso de ser aprovada. Passaria a semana em Campinas, e depois retornaria no dia marcado pelos técnicos, com mãe e tudo, para saber os detalhes de seu novo time. Uma resposta negativa, garante, não atrapalharia seus planos de se tornar uma grande jogadora. "Se eles não me quiserem, vou insistir e trazer muito até chegar no nível que eles desejam", assegura.

O que move a ambição de Mary é o sonho de um dia chegar à seleção brasileira.



Mary Socorro: sonho de um dia chegar à seleção

Seu entusiasmo contagiou a família. Dona Benícia deixou para trás outros oito filhos para cuidar do futuro de sua caçula. "É o objetivo dela. Tudo que faço é em função de sua felicidade, que pode estar no basquete" conta, orgulhosa da única esportista da família. A jogadora ouve os elogios e parece ganhar ainda mais confiança. "Treinei muito para fazer este teste porque não posso desperdiçar tamanha oportunidade. Sei que posso chegar lá", confia. Mary terá três dias para demonstrar seu talento.

Torcida opta pelo basquete

Um time sem vitórias, descreditado por sua própria torcida, perdendo espaço para o basquete feminino. É assim o momento que vive o futebol profissional da Ponte Preta. O jogo contra o Juventus, amanhã à tarde, não está despertando interesse do torcedor.

As torcidas uniformizadas estão divididas quanto ao apoio ao futebol da Ponte Preta. Enquanto a "Torcida Jovem" se definiu a permanecer no Estádio Moisés Lucarelli tentando incentivar o time contra o Juventus,

mesmo reconhecendo as suas limitações técnicas e táticas, a outra facção, a "Serpente", optou a ir ao Ginásio do Ibirapuera amanhã para ver o time de basquete nas finais do estadual. O líder Wilson Donizeti, da "Serpente" justificou sua atitude: "O futebol é mais importante para o clube, mas atualmente as possibilidades de levantar um título significativo estão com o basquete. Por isso, a minha torcida preferiu ir torcer para o basquete, onde o time é bem mais respeitado do que o do futebol